



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS BIACIO

**EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS: EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO
ESTADUAL ANTONIO RACANELLO SAMPAIO NO MUNICÍPIO DE
ARAPONGAS-PR**

LONDRINA

2023

MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS BIACIO

**EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS: EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO
ESTADUAL ANTONIO RACANELLO SAMPAIO NO MUNICÍPIO DE
ARAPONGAS-PR**

Dissertação apresentada para o Mestrado Profissionalizante em Rede
PROFSOCIO

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nilza da Silva.

Universidade Estadual de Londrina - UEL

LONDRINA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

B576e Biacio, Michelle Munhoz Dos Santos .
Educação dos imigrantes haitianos: experiência no Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio no Município de Araçongas-PR / Michelle Munhoz Dos Santos Biacio. - Londrina, 2023.
128 f. : il.

Orientador: Maria Nilza da Silva.
Trabalho de Conclusão Final (Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia em Rede Nacional, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Imigração - Tese. 2. Educação - Tese. 3. Haitianos - Tese. 4. Racismo - Tese. I. da Silva, Maria Nilza. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia em Rede Nacional. III. Título.

CDU 316

MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS BIACIO

**EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS: EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO
ANTONIO RACANELLO SAMPAIO NO MUNICÍPIO DE ARAPONGAS-PR**

BANCA EXAMINADORA

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia, Mestrado Profissional-PROFSOCIO da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.



Profa. Dra. Maria Nilza da Silva

Profa. Dra. Maria Nilza da Silva/UEL (orientadora)
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr^a Mariana Panta – Titular

Prof. Dr Rosivaldo Pellegrini - Titular

Prof. Ileizi Fiorelli Silva - Suplente

Aos meus alunos estrangeiros

A todos os meus alunos

Aos meus filhos

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho, que permitiu e sentiu minha ausência, e compreendia todos os momentos em que pedia meu colo, e eu dizia que precisava estudar.

Ao meu esposo, que exerceu seu papel de pai e se comprometeu duplamente nos momentos que eu não poderia estar em família, mas totalmente voltada a esta pesquisa.

Aos entrevistados, que aceitaram participar e colaborar para que a pesquisa tivesse dados precisos, auxiliando no resultado e na construção de uma instituição melhor.

Aos meus pais, que sempre proporcionaram a base essencial para que eu tivesse o desejo de estudar, pesquisar, conhecer e explorar. Além de ser uma excelente rede de apoio e incentivo, desde o início do projeto até a finalização.

Aos meus irmãos, que estão sempre ao meu lado, compartilhando momentos e escrevendo memórias.

A minha cunhada Carol, que me incentivou e auxiliou no projeto com a leitura e correção dos primeiros textos.

A minha amiga Angélica, presente em todos os momentos de aflição desta dissertação. Principalmente nos mais difíceis, de angústia, ansiedade e frustração. Era em seu ombro amigo que eu buscava consolo, e forças para prosseguir. Obrigada por toda troca de experiências.

Ao meu amigo Edmar Monteiro (in memoriam), por partilhar momentos da vida comigo e sempre me conduzir ao conhecimento, a buscar novas práticas, metodologias, e, principalmente, a compreensão do mundo real. Saudades eternas.

Ao programa PROFSOCIO, pela oportunidade enquanto professora, de participar de momentos de conhecimento e, oportunizar falas e debates a respeito do que construímos diariamente. Ainda, a todos os mestres e doutores pelo conhecimento ofertado, especialmente aos professores Ileizi Fiorelli, Angélica Lyra, Fábio Lanza, Maria José Rezende e Angela Maria Souza Lima.

A banca de qualificação e defesa, em especial Mariana Panta, Ileizi Fiorelli e Rosivaldo Pellegrini, pelas indicações e sugestões que me possibilitaram expandir conhecimentos.

E toda gratidão à minha orientadora, que, com muito cuidado, carinho e atenção, me mostrou para além do que eu como professora, compreendia sobre o tema desta pesquisa. Me proporcionou o amadurecimento sobre o tema abordado e acima de tudo sobre minha prática

social. Foi fundamental para a desconstrução do que era, para o surgimento do que realmente precisava ser.

***“O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada.
Dói sempre, por vezes infeta, e outras vezes sangra”***

Grada Kilomba

BIACIO, Michelle Munhoz dos Santos. **EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS: EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ANTONIO RACANELLO SAMPAIO NO MUNICÍPIO DE ARAPONGAS-PR.** 2023. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia [ProfSocio] Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é a identificação e compreensão das adversidades diárias dos alunos imigrantes, a fim de contribuir que professores repensem sobre suas metodologias e, que possam auxiliar os alunos estrangeiros na inserção plena da educação, socialização, respeito e no resgate das práticas culturais de origem. E assim, colaborar no processo de inclusão destes de forma integral, externada no binômio educação/sociedade. O presente trabalho aborda as dificuldades encontradas pelos alunos imigrantes haitianos na instituição escolar do município de Arapongas-PR. E sobre os obstáculos enfrentados como: racismo, xenofobia, dificuldades com a língua e adaptação. Foi utilizado para esta pesquisa as metodologias qualitativa e quantitativa. Para a fundamentação teórica foi explorado bibliografias sobre o Haiti, imigração haitiana no Brasil, documentação necessária para os imigrantes e sistema educacional neste país. Também são abordados conceitos de preconceito, discriminação e racismo, a fim de compreender os problemas enfrentados tanto na escola como na sociedade. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis alunos imigrantes haitianos do Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio, de Arapongas-PR. Constatou-se que o contexto de crise e problemas no Haiti facilitou o ingresso dos imigrantes no Brasil. Além disto, que os alunos estrangeiros visualizam a educação brasileira como boa e acolhedora, com algumas dificuldades. No entanto não conseguem perceber formas de preconceito e racismo ou optaram por omitir estas informações durante a entrevista.

Palavras-chave: Imigração; Haitianos; Educação Brasileira; Racismo

BIACIO, Michelle Munhoz dos Santos. **EDUCATION OF HAITIAN IMMIGRANTS: AN EXPERIENCE IN ANTONIO RACANELLO SAMPAIO HIGH SCHOOL IN THE CITY OF ARAPONGAS-PR.** 2023. 128 pages. Thesis. (Professional Master's Degree in Sociology [ProfSocio] Social Sciences) - State University of Londrina (UEL), Londrina, 2023.

ABSTRACT

The objective of this research is the identification and comprehension of daily adversities of immigrant students, in order to contribute to teachers' reconsideration of their methodologies, so as to be capable to aid foreign students in the total insertion in contexts such as education, socialization, and respect, as well as the rescue of cultural origin practices, thus collaborating in the total inclusion process of said contexts, which have been externalized in the combination of education/society. The following paper approaches the difficulties faced by Haitian immigrant students in an educational institution in the town of Araçongas, Paraná. Regarding the difficulties faced by the Haitian immigrant students include racism, xenophobia, language difficulties and adaptation. Qualitative and quantitative methodologies were employed in this research. Theoretical framework consists of bibliographies regarding Haiti, Haitian immigration in Brazil, necessary documentation for immigrants and the educational system of Brazil. Concepts such as prejudice, discrimination and racism are also approached in this paper, in order to comprehend the problems faced in school as well as in society. Semi-structured interviews were conducted with 6 (six) Haitian immigrant students who attend State-Run School Antonio Racanello Sampaio located in the town of Araçongas, Paraná. It has been stated that the context of crisis and problems in Haiti facilitated the admission of immigrants in Brazil. Furthermore, foreign students regarded Brazilian education as positive and welcoming, albeit with some difficulties. However, said students were not able to notice forms of prejudice and racism or preferred to omit information of these occurrences during the interview.

Keywords: Immigration; Haitians, Brazilian Education, Racism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização haitiana	22
Figura 2 - Principais rotas dos haitianos para o Brasil	25
Figura 3 - Mapa do estado do Paraná com destaque o município de Araçongas	26

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de estudantes latino-americanos na educação básica no Sul60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Chances de uma pessoa negra sofrer homicídio vis-à-vis uma pessoa não negra – Brasil (2008-2018).....	51
Tabela 2 – Taxa de homicídios de negros e de não negros a cada 100 mil habitantes nestes grupos populacionais – Brasil (2008-2018).....	52
Tabela 3 – Número de imigrantes por sexo e etapa da educação em 2010 e 2020.....	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Turmas do Ensino Fundamental de 2012 do Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio - Araongas-PR.....	56
Quadro 2 - Turmas do Ensino Médio de 2012 do Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio - Araongas-PR.....	56
Quadro 3 - Turmas do Ensino Fundamental de 2022 do Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio - Araongas-PR.....	57
Quadro 4 - Turmas do Ensino Médio de 2022 do Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio - Araongas-PR.....	57
Quadro 5 - Estudantes estrangeiros que pertencem ao Núcleo Regional de Apucarana – cidade Apucarana – PR.....	62
Quadro 6 - Estudantes estrangeiros que pertencem ao Núcleo Regional de Apucarana – cidade Araongas – PR.....	63
Quadro 7 - Estudantes estrangeiros que pertencem ao Núcleo Regional de Apucarana – cidade Cambira – PR.....	63
Quadro 8 - Estudantes estrangeiros nas escolas municipais de Araongas – PR em 2022.....	64
Quadro 9 - Perfil dos entrevistados.....	66

TABELA DE SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CDE	Coordenadora de Documentação Escolar
CEE	Conselho Estadual de Educação
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNH	Carteira Nacional de Habilitação
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CRNM	Carteira de Registro Nacional Migratório
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
DAE	Diretoria de Administração Escolar
DPGE	Diretoria de Planejamento e Gestão Escolar
DPU	Defensoria Pública da União
ECA	Estatuto da criança e do adolescente
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
NRE	Núcleo Regional de Educação
OIM	Organização Internacional das Migrações
PF	Polícia Federal
PSS	Processo Seletivo Simplificado
QPM	Quadro Próprio Magistério
RNE	Registro Nacional de Estrangeiro (Carteira)
SEED	Secretaria de Estado da Educação do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – DO HAITI AO BRASIL – IR PARA OUTRO ESPAÇO, SER RECONHECIDO E SOBREVIVER AOS DESAFIOS DO NOVO LOCAL	19
1.1. Conhecendo o Haiti.....	19
1.2. Do Haiti ao Brasil	21
1.2.1. Imigração Haitiana no Brasil – O que buscam?.....	24
1.3. A Imigração Haitiana no município de Arapongas-Pr.....	27
1.4. A luta pelo reconhecimento dos Imigrantes no Brasil do século XIX e XX.....	28
1.4.1. As campanhas nacionalistas do século XX nas escolas.....	31
1.5. A diferença entre: Imigrante, Refugiado, Asilado e Apátrida.....	33
1.6. Imigrações Forçadas.....	36
1.7. As Leis de proteção ao imigrante.....	37
1.8. Documentação.....	41
1.9. A intersecção entre Racismo e Xenofobia.....	44
1.9.1. O Racismo no Brasil, Uma Reflexão.....	47
1.9.2. A Violência que recai sobre os negros no Brasil.....	50
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO NO BRASIL E A INSTITUIÇÃO PARA OS IMIGRANTES	54
2.1. O processo para educação de qualidade e para todos no Brasil e os problemas que ainda enfrentam o ensino no Haiti.....	54
2.2. O problema na falta de incentivo na continuidade da educação do período noturno principalmente para os alunos que trabalham.....	55
2.3. Alunos Imigrantes nas Escolas Brasileiras.....	58
2.3.1. Documentação nas escolas.....	61
2.4. Escolas Estaduais – Núcleo Regional de Apucarana- PR.....	62
2.5. Escolas Municipais - Arapongas-PR.....	63

CAPÍTULO III - OUVINDO OS ALUNOS IMIGRANTES DO COLÉGIO RACANELLO	66
3.1. Relato das entrevistas.....	66
3.2. Análise individual das entrevistas.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	93
APÊNDICES	117
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para os alunos.....	118
ANEXOS	121
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa aprovado.....	122
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	126
ANEXO C – Autorização para entrevista pais/responsáveis.....	127
ANEXO D – Declaração de Concordância do Colégio.....	128

INTRODUÇÃO

É evidente¹ o aumento do número de imigrantes haitianos que chegam ao Brasil, fato este que se releva no município de Arapongas-PR, na possibilidade de melhores condições de vida e oportunidades. Entretanto a vinda deles esbarra, além dos problemas comuns às pessoas que residem fora de sua pátria, na sua socialização, na adaptação em sociedade em geral² e, na escola, em particular.

Segundo Joseph (2017) há presença de haitianos no Brasil desde 1940, porém o fluxo maior destes imigrantes aconteceu no ano de 2011, motivado, especialmente, por um terremoto de magnitude 7,0 na escala Richter, que teve seu epicentro há 25km da capital do país, Porto Príncipe.

Este aumento imigratório e a presença destes indivíduos, trouxeram vários questionamentos sociais, bem como algumas práticas que evidenciam o preconceito, a discriminação e a xenofobia, mesmo diante do princípio da igualdade e acesso à educação, ambos preconizados na Constituição da República Federativa do Brasil³ de 1988.

¹ A imigração haitiana é sem dúvida a principal novidade do início do século XXI no Brasil. Em 2010 havia 69.015 trabalhadores estrangeiros no país. Em 2014, este número já era de 155.982, um aumento de 226%. Os imigrantes haitianos no Brasil, que eram apenas 815 em 2011, passaram para 30.484 em 2014, um aumento de 256%. Bem acima do grupo que surge em segundo lugar, os colombianos, cujo aumento foi de 61% para o mesmo período, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)². No ano de 2014, do total de 33.557 admissões no mercado de trabalho brasileiro, 17.577 eram de haitianos, de longe o grupo mais importante. Bem à frente do grupo de senegaleses que apareciam em segundo lugar, com apenas 2.830 admissões, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)³. Em termos proporcionais, a República do Haiti aparecia ainda como o principal país em termos de Carteiras de Trabalho emitidas para estrangeiros entre 2010 e 2014, com 26% do total, sendo que apenas no ano de 2014, este número foi ainda maior: 37% do total. O estado do Paraná conheceu, proporcionalmente, crescimento no número de trabalhadores estrangeiros ainda maior do que aquele observado no país como um todo. Em 2010 havia 3.660 trabalhadores estrangeiros no estado. Em 2014, este número havia saltado para 9.731, um aumento de 265,8%. Em 2011, havia no Paraná apenas 6 haitianos com vínculo formal de trabalho. Em 2012, eram 778, 3.221 em 2013, alcançando 6.647 em 2014, um aumento de mais de 1.774 vezes em apenas 4 anos! (OLIVEIRA, 2017, p. 27). Disponível em: Vista do Haitianos no Paraná (unb.br)

Pelos dados da Polícia Federal, o número de solicitação de refúgio de haitianos em 2010 foi de 453, em 2011 de 2.472, em 2012 de 3.275, 2013 número de 11.763 e 2014 com o número de 16.924. Dados disponíveis em: A_imigração_Haitiana_no_Brasil_Characterísticas_Demográficas_na_região_Sul_e_no_Distrito_Federal.pdf (mj.gov.br)

Segundo informações do OBMigra, as solicitações de refúgio de haitianos em 2018 foi um total de 7.020; em 2019 houve um aumento significativo para 16.610 e em 2020 ficou marcado pela diminuição com apenas 6.613 (lembrando dos problemas relacionados a COVID 19). Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-conjunturais>

² O município de Arapongas – PR está situado na região norte do Estado e foi planejada com iniciativa da Companhia de Terras Norte do Paraná.

³ Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes não País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]. Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

No ano de 2020, pouco antes do início da pandemia do COVID-19, iniciei as atividades, como docente temporária, no Colégio Estadual Antônio Racanello Sampaio, no Município de Arapongas, Paraná. Na citada instituição, pelo período de dois meses, de forma presencial, trabalhei com estudantes imigrantes, especialmente haitianos, matriculados no primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, ministrando aulas de Sociologia. Registre-se que, após os citados meses, devido à pandemia, as aulas passaram a ser ministradas de forma online, via *google meet*.

Percebeu-se no ano de 2021, a redução dos discentes haitianos matriculados no colégio. A redução foi por consequência das restrições impostas pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), ano a ano, para abertura de turmas, impossibilitando o ingresso destes. Entre as restrições está o número de alunos por turma⁴, exigência que tem aumentado a cada ano, e a quantidade de alunos na instituição para que seja ofertado o período noturno, denominado como porte do colégio⁵. Portanto, em 2020, o colégio contava com dois estudantes haitianos para o período matutino, cinco no período vespertino, e onze no período noturno. No ano de 2021 havia também quatro estudantes para o período matutino, quatro para o período vespertino e oito no período noturno⁶.

No mês de agosto de 2021, perdi estas aulas para outra professora do Quadro Próprio (QPM)⁷. Porém, o Colégio (direção e funcionários) foi muito compreensivo em relação à pesquisa já iniciada, e se colocaram à disposição para me auxiliar na continuidade do projeto.

Durante a pandemia, os professores sentiram a falta de muitos estudantes que não estavam realizando as atividades via *Google Classroom*, ou atividades impressas, ou através das aulas presenciais⁸. Por meio de conversa e investigação com docentes e pedagoga, percebi

⁴ O número mínimo de alunos para a abertura das turmas é de 20 alunos, menor idade, que comprovem que estão trabalhando. Após essa listagem de alunos, o colégio envia o relatório para o Núcleo Regional de Educação, que analisa a situação e, encaminha para a Secretaria de Educação do Estado e, no final, eles recebem a devolutiva sobre a aceitação.

⁵ É o conjunto de fatores que define a quantidade de profissionais que atuará na instituição de ensino, com exceção dos professores que atuam em docência/regência. Tais fatores são a quantidade de matrículas de seriação por turno e atividades de contraturno, e turnos de funcionamento da instituição: manhã, tarde e noite. (Secretaria de Estado da Educação do Paraná).

⁶ Dados fornecidos pela secretaria do Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio em junho de 2021.

⁷ Linha funcional. Os professores QPM possuem plano de carreira instituído pela Lei Complementar nº 103/2004. Esse plano possui três níveis, divididos em 11 classes cada um. Este prevê o avanço na carreira por meio da promoção de um nível para outro. Professores QPM, ditos concursados, têm preferência para escolha de aulas. Assim, quando estes perdem turmas por fechamento, podem pegar aulas de professores PSS (Professor substituto pelo regimento do Processo Seletivo Simplificado), que é minha linha funcional.

⁸ Em 16/03/2020, as aulas foram suspensas como medida preventiva ao COVID19. A forma utilizada para o ensino era por aulas pelo *Youtube*, aulas virtuais pelo *Google Classroom* e, aulas exibidas pela RIC TV (contratada pelo Estado). Sem acesso a nenhuma das alternativas acima, o aluno poderia buscar atividades impressas no Colégio. A partir do dia 21/07/2021, as aulas retornaram de forma presencial, porém não obrigatório para alunos com comorbidades. Nestes casos, os alunos permaneciam com atividades domiciliares impressas.

que a pandemia favoreceu para a volta destes estudantes imigrantes ao seu local de origem, porém não foi possível identificar os reais motivos do retorno, dado a dificuldade de contato com eles.

Como já mencionado, a adaptação dos alunos imigrantes esbarra, além da socialização e integração comuns ao dia a dia, na apresentação de um novo modelo de ensino, via virtual, decorrente do então momento pandêmico. Estes empecilhos contribuíram na diminuição da participação dos alunos imigrantes durante as aulas, sobretudo em decorrência do acesso aos meios tecnológicos necessários, tendo como consequência prejuízos no processo de ensino e aprendizagem. No segundo semestre de 2021, os alunos já participavam de forma obrigatória da escola através de protocolo de segurança, que consistia no distanciamento entre alunos, uso obrigatório de máscaras e de álcool em gel. Assim a participação dos discentes foi se tornando mais intensa.

Pode-se afirmar que o idioma, por outro lado, não se apresenta como empecilho generalizado, dada a origem distinta de cada aluno, pois os jovens entrevistados nasceram ou cresceram em locais como: Haiti, Plaisance, Santo Michel e República Dominicana, e a língua materna entre eles variam em crioulo, francês e castelhano. Também é possível observar a colaboração dos alunos que dominam a língua portuguesa com os que possuem dificuldade.

O preconceito e a xenofobia estabelecidos na sociedade brasileira também refletem nos bancos escolares, onde o imigrante, na maioria das vezes, não é reconhecido como par por outros alunos, notadamente devido a bagagem comunicativa e cultural que possuem. Sendo esta a razão da presente pesquisa: compreender e analisar os problemas dentro do ambiente escolar, com o objetivo para que estas ações sejam levadas para toda comunidade, a fim de combater práticas intolerantes mediante a inclusão, não somente dos alunos imigrantes haitianos, mas também, de qualquer indivíduo que esteja, ou venha, a ser matriculado na instituição de ensino, independente da sua origem.

De mais a mais, o presente estudo possui, por escopo, demonstrar a falta de preparo do sistema para receber de forma plena alunos imigrantes, as dificuldades encontradas por estes no processo ensino/aprendizagem, e, ainda, no que diz respeito as relações sociais. E, através deste, possa abrir possibilidades para que estes estudantes tenham, em um futuro próximo, acesso à educação de forma plena, e a participação na vida social de forma condizente ao estabelecido pela lei magna do país.

Para entender melhor o processo de imigração em Arapongas foi efetuado uma pesquisa junto à prefeitura, na Secretaria de Educação⁹ e na Secretaria de Assistência Social¹⁰, analisando também as razões da imigração haitiana neste local e as políticas públicas aplicadas a eles, já que não se encontra pesquisas sobre a imigração haitiana no município, apenas algumas reportagens da internet, porém sem muita relevância. Mas, como destacado no item “1.3 A Imigração Haitiana no Município de Arapongas-PR, não foi encontrado nenhum material nos órgãos citados, por falta de pesquisas.

É importante salientar que, a submissão de algumas matérias relacionadas à imigração e questões raciais, no decorrer do Curso de Sociologia, foram de suma importância para a formação da base, o que possibilitou ampliar a visão para a importância do reconhecimento destas no exercício diário da minha profissão, enquanto auxiliar na formação de indivíduos e opiniões. Destaca-se entre as disciplinas, a de Sociologia das Relações Étnico-Raciais, que embora optativa, foi relevante no desenvolvimento do trabalho, através de leituras e debates relacionados ao racismo estrutural e, a luta para construção de uma sociedade igualitária.

No mais, ressalta-se que é fundamental que, um trabalho que envolva seres humanos, seja encaminhado ao Comitê de Ética da Plataforma Brasil, visando a seriedade, relevância e justificando a necessidade da pesquisa científica e reconhecimento dos benefícios sociais. Neste caso, o trabalho bem como as entrevistas, somente deram continuidade após a aprovação deste Comitê.

As entrevistas aconteceram no Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio, no período de aula de cada estudante, com respeito a vontade de cada participante, após a aceitação deles. As reuniões ocorreram de forma particular, através de questionário, e teve duração de 40 a 50 minutos.

Acrescente-se que foram realizadas seis entrevistas com alunos imigrantes. Sendo muito relevante na ampliação de horizontes no que se refere à imigração de haitianos em Arapongas, já que os alunos apresentaram boa adesão, se abriram e expuseram suas motivações e problemas, incluindo alguns resultados jamais refletidos anteriormente nesta investigação.

No primeiro capítulo deste trabalho busquei ressaltar aspectos da sociedade haitiana, alguns problemas enfrentados por esses indivíduos, como deslocamento interno e externo por

⁹ Me reuni no dia 12/09/22 com a colega de trabalho (rede estadual), professora Maria Helena, que atualmente trabalha também na Secretaria de Educação do Município de Arapongas. Em conversa, ela me orientou a forma de obter os dados referente aos alunos estrangeiros, deste local, de maneira precisa.

¹⁰ No dia 05/10/22 fui à prefeitura, a procura de mais informações gerais junto à Secretaria de Assistência Social do município. A conversa me possibilitou entender alguns problemas das informações dos estrangeiros, e encaminhamento para os respectivos dados.

questões econômicas e ambientais. Ainda descrevi sobre imigração para o Brasil e os haitianos no município de Araongas-PR. Também abordei os problemas enfrentados pelos estrangeiros no Brasil, como: racismo, discriminação e xenofobia.

Ainda destaquei a luta pelo reconhecimento do imigrante em território brasileiro, a diferença entre os termos utilizados aos estrangeiros como: apátrida, refugiado, asilado, o imigrante e as leis de proteção. Vale citar que estes termos muitas vezes são confundidos pelas pessoas, porém cada grupo tem seus direitos específicos, assim como a responsabilidade dos Estados no acolhimento de cada um.

O segundo capítulo foi destinado ao Ensino, a educação brasileira e como os estrangeiros, desde o início do processo de imigração, sofreram para seu reconhecimento, bem como os obstáculos enfrentados para obtenção de uma educação pública. Ainda investiguei os dados das escolas estaduais de Araongas e, de dois municípios da região, no qual são orientados pelo mesmo núcleo regional de educação, e percebe-se que o ingresso maior de matrículas está na cidade de Araongas-PR. Além disso, outros dados, como das escolas municipais de Araongas, foram citados nesta parte do texto para complementar e auxiliar nos dados referentes ao município, uma vez que ele não possui informações sobre a quantidade, quem são e, como vivem esses estrangeiros que residem nesse local.

Na última parte deste trabalho, foi analisado e explorado o relato de entrevistas, a partir do diálogo com as falas e, também a interpretação de forma individual, o que possibilitou a compreensão dos desejos, sonhos, problemas e frustrações, causadas pelo deslocamento, instituição ou socialização.

Declaro que a utilização da metodologia, através de entrevistas, me fez compreender além das pré-noções como professora destes alunos. Esta forma de pesquisa abriu olhares e confirmou a necessidade de entendermos além, e isso diz respeito a pesquisa, a importância da valorização do trabalho científico. Desta forma, desejo que governantes reconheçam mais o trabalho científico, e estimulem a sociedade a fazer o mesmo.

CAPÍTULO I – DO HAITI AO BRASIL – IR PARA OUTRO ESPAÇO, SER RECONHECIDO E SOBREVIVER AOS DESAFIOS DO NOVO LOCAL

Neste primeiro capítulo farei uma abordagem a partir do processo histórico e cultural, tanto do Haiti que é o ponto de partida e objeto desta pesquisa, como do Brasil e do município de Arapongas – PR, no qual recebe estes imigrantes. Esta parte do texto passa por questões teóricas de ambos os países, através dos motivos que faz com que as pessoas migrem de um local para o outro.

Ainda foi analisado características da imigração, se ela acontece de forma voluntária ou forçada, quais os termos e conceitos corretos para cada modelo, as leis que amparam os grupos em deslocamento e as questões de documentação, no qual é necessário para que estes imigrantes migrem de forma legal.

Também foi feito uma análise a respeito dos problemas envolvidos no local de escolha destes imigrantes, mesmo que esses façam baseadas em pensamentos e falas positivas do destino. Assim, fatores como preconceito, racismo e xenofobia no Brasil ao longo dos anos, também serão tratados neste capítulo.

1.1 Conhecendo o Haiti

O território que hoje é chamado Haiti era habitado por povos indígenas aruaques até a chegada de Cristóvão Colombo em 1492. Naquele momento a ilha foi batizada pelos espanhóis de Hispaniola. Os nativos foram escravizados pelos espanhóis que estavam à procura de minerais, contudo sua população foi diminuindo, consequência da exploração da mão de obra. Em 1697, a ilha é cedida para a França através do tratado de Ryswick e foi chamada de Saint Domingue.

A mão de obra escravizada através da exploração fez com que este local tivesse uma grande divisão social, econômica e por direitos. A maior parte da população era de povos escravizados trazidos da África que não tinham nenhum direito ou proteção social. Entretanto este grupo iniciou rebeliões por busca de direitos para toda população, sendo eles liderado por Toussaint L'Overture. Em 1793, pouco depois da Revolução Francesa, os movimentos organizados conseguiram a abolição da escravidão.

Para manter o controle da colônia, o domínio político e expansão dos interesses econômicos, em 1801, Napoleão Bonaparte envia para Saint Domingue uma nova tropa

militar com o objetivo de conter essas rebeliões e, principalmente, a liderança deste grupo. Pouco tempo depois o líder Toussaint L'Overture morre em uma prisão na França.

Os revolucionários precisaram do apoio de Jacques Dessalines para conseguir vencer as tropas francesas e chegar ao poder, desta forma em 1804 é declarada a independência do Haiti. Dois anos depois, Jean Jacques Dessalines foi traído e morto por colaboradores. Após a sua morte outros governos foram instaurados, sempre com intuito de apoiar a elite local.

O pós independência trouxe consequências negativas para o Haiti. Para os países que tinham relações comerciais com a ilha, este acontecimento causou receio de que as rebeliões pudessem influenciar ou expandir para outras colônias americanas, portanto fecharam acordos comerciais. Além de revoltas de grupos internos, que foram contidas com militares americanos. Neste período o local contava com o governo autoritário de François Duvalier, um dos mais conturbados do país. Após a sua morte, quem assume o poder é seu filho, Jean Claude Duvalier, que mantém uma ditadura até 1986, quando foge para França depois de não conseguir passar pela crise econômica.

O Haiti sofreu alguns golpes de estado, e, em 1990, realizou eleições presidenciais livres. Com 67% dos votos, o padre Jean Bertrand Aristide vence as eleições, porém no mesmo ano foi deposto por um golpe militar. Para restabelecer a ordem do país, a ONU (Organização das Nações Unidas) intervém através de sanções econômicas para a volta do padre ao poder e, em 1994, ele retorna ao cargo.

No ano 2000 ele é reeleito, contudo com número irrelevante de votos, mostrando mais uma vez a insatisfação do povo para a política do país. Em 2004 ele foge após grupos contrários o acusarem de corrupção. Assim o país fica à beira de uma guerra civil.

Neste período a diáspora africana é impulsionada pelo descontentamento político, econômico e social. Para controlar os problemas do país e tentar promover um ambiente seguro as Nações Unidas¹¹, em 2004, surge a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH)¹², sendo o Brasil um dos protagonistas.

Em 2010, com o terremoto, a MINUSTAH recomeçou os trabalhos. Iniciou novamente a reconstrução econômica e social do país. Com cerca de 250 mil mortos e milhares de feridos, ela tinha como tarefa, salvar as pessoas dos escombros, promover ajuda

¹¹ Criada em 24 de outubro de 1945, após a Segunda Guerra Mundial, sendo esse o motivo principal no qual destruiu diversos territórios, buscando assim promover a paz entre as nações e evitar novos confrontos.

¹² Foi uma missão de paz criada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), em 10 de setembro de 2004, por meio da resolução 1542, para restaurar a ordem no Haiti, após um período de insurgência e a deposição do presidente Jean-Bertrand Aristide. Os objetivos eram: estabilizar o país; pacificar e desarmar grupos guerrilheiros e rebeldes; promover eleições livres e informadas; fornecer alimentos para os haitianos; formar o desenvolvimento institucional e econômico do Haiti.

comunitária e capturar prisioneiros (após a fuga de 5 mil pessoas). Em 2017, depois de garantir a segurança do país, a MINUSTAH encerra seus trabalhos.

Esta instabilidade econômica, política e social, é o que permite à maioria da população haitiana pensar na possibilidade de imigrar para localidades onde encontrem apoio, para a esperança de trabalho e sobrevivência. A fuga é um ato de resistência, de sobrevivência, e se tornou um grito de socorro, principalmente quando é somado a outras questões, como as naturais (terremoto).

Os alunos adolescentes entrevistados relataram estes problemas em suas vidas no Haiti. Todos os entrevistados falaram sobre a insatisfação causada pela insegurança, pela falta de trabalho, dificuldades em pagar os estudos ou ir para escola, os problemas políticos, a morte do presidente. O relato e a análise serão feitos no último capítulo desta pesquisa.

Podemos perceber que muitos locais seriam melhores do que aquele, onde nasceram e viveram por algum tempo, mas que as lembranças são prejudiciais e desfavoráveis, e as únicas impressões boas presentes nas falas, é dos familiares que lá ficaram. Procurar outro espaço para sobreviver parece inevitável, mesmo que ainda custe a mudança da sua cultura, origem e daqueles que amam.

1.2. Do Haiti ao Brasil

O Haiti é um país caribenho situado na América Central, com capital em Porto Príncipe e sua independência aconteceu em 1804. Com uma população de 11,3 milhões de habitantes (estimativa 2020), composta por afro-americanos¹³ e eurafricanos¹⁴ (96%), europeus meridionais¹⁵ (3%), outros (1%). Possui por idioma oficial, o francês e o crioulo.

Sobre a situação econômica do país, há uma taxa de “70% de desemprego. E ocupa a posição 168 de 187 países no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); 74,8% de sua população vive abaixo do nível da pobreza. A expectativa de vida é de 63 anos” (GUILHERME, 2017 p.40 apud Ficha de Informação Diplomática, 2017).

¹³ Cidadãos dos Estados Unidos descendentes de africanos ocidentais e subsaarianos.

¹⁴ Mestiços de europeus e africanos.

¹⁵ Compreende os países situados no sul do continente, como Portugal e pelos países banhados pelo Mar Mediterrâneo: Espanha, Itália, Grécia e Turquia, além de vários pequenos países - Vaticano, San Marino, Mônaco, República de Malta e Andorra. Também se incluem aqui o Arquipélago dos Açores, o Arquipélago da Madeira e as Ilhas Canárias.

Figura 1 - Localização haitiana

Fonte: <https://champagnat.org/pt/povo-haitiano-novamente-aflicido/>

Através dos estudos realizados (JOSEPH 2017; BAPTISTE 2018) observa-se que a imigração no Haiti é algo muito comum. Portanto, o termo diáspora africana é muito utilizado em pesquisas¹⁶. Para Joseph 2015 a diáspora africana é:

Interessa mostrar, tanto fora como dentro do Haiti, que o termo diáspora é uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas e ações. O termo diáspora é utilizado para designar os compatriotas residentes no exterior, mas que voltam temporariamente ao Haiti e logo retornam para o exterior: diaspora ki jan ou ye? (diáspora, como você vai?). O campo semântico e polissêmico do termo está articulado por três verbos associados a diáspora: residir no exterior, voltar ao Haiti e retornar ao exterior (JOSEPH, 2015: 52).

Este fenômeno de saída e retorno foi observado nesta pesquisa, em todos os relatos eles estão aqui, porém ligados através de lembranças com os familiares que lá ficaram, inclusive de maneira econômica como citado pela ENT. 2 ... “*Meu pai envia dinheiro para a família. Minha mãe não está aqui, foi para outro país, o Canadá, está com meu irmão caçula, tem 5 anos. Sinto falta*”. Nesse diálogo podemos observar que, além da ajuda ou dependência financeira, a aluna que mora com o pai, tios e avó, informa que a mãe também saiu do Haiti, porém está em outro país, reafirmando que mudança é inevitável para pessoas que viveram lá.

Problemas estruturais e algumas questões econômicas, política, sociais, ambientais entre outros determina esta prática entre seus habitantes. Assim, normalmente, se encontra famílias onde algumas pessoas já imigraram para outra região ou país buscando melhores

¹⁶ JOSEPH 2015; JOSEPH 2017; BAPTISTE 2022; COTINGUIBA 2014; HANDERSON 2015; SANTOS 2008.

condições de vida, e/ou sobrevivência, muitas se aventuraram de forma difícil para outras localidades deixando tudo, incluindo familiares, no sonho de um dia buscá-los¹⁷.

Vale ressaltar que, nesta pesquisa, nos atentaremos aos últimos acontecimentos que levaram essas pessoas a migrarem para outros territórios, em especial o Brasil. Segundo Joseph, essa imigração se deu por diversos problemas, causados principalmente pelas catástrofes ambientais.

Diante dos diversos tipos de insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a área da saúde e do saneamento básico, todas elas em decorrência do quadro empobrecido e precário do Haiti, agravado pela tragédia provocada pelo terremoto de janeiro do referido ano, a mobilidade haitiana ganhou especial significância, volume e crescimento de novos sujeitos e circuitos no espaço migratório internacional (JOSEPH, 2017: 11).

De fato, somado a instabilidade política, educacional e econômica, o terremoto trouxe mais problemas, e a miséria se tornou ainda mais agravante no país, mas essa catástrofe não seria o fator principal - se não fosse somado aos problemas citados anteriormente. Então foi esta “união de problemas”, que resultou neste processo em que a população local viu na imigração externa uma possibilidade de sobrevivência. Assinalou da mesma forma Cotinguiba:

Enquanto acontecimento, o sismo de 2010 causou danos de diversas categorias no Haiti e isso não se pode negar. Discordamos, porém, do discurso midiático que tenta justificar a imigração haitiana para o Brasil partindo da explicação única desse fenômeno. Não podemos recorrer apenas ao terremoto, essa via seria uma falácia ou um reducionismo frente a diversos fatores de ordem política, histórica, econômica e sociológica. Como já abordamos, esses elementos aparecem ao longo do conturbado processo de independentização do Haiti e sua história de país livre (COTINGUIBA, 2014: 87).

Vale mencionar que, para minha surpresa, nenhum dos entrevistados citou sobre a catástrofe de 2010. De forma geral eles relataram sobre os problemas presenciados, mas os motivos ambientais, que foram os mais usados em outras pesquisas¹⁸, não foram mencionados por eles. Talvez seja pelo fato de os alunos entrevistados terem de 1 a 9 anos de idade durante o ocorrido, embora tenha imaginado que eles pudessem comentar a partir do que ouviram dos familiares. Porém, isto não torna o resultado distante da catástrofe, pois todos os problemas relatados foram, ou podem ter sido, potencializados por este acontecimento. Além disso,

¹⁷ Informações citadas no item anterior (1. Conhecendo o Haiti) a partir das entrevistas dos alunos.

¹⁸ (COTINGUIBA, 2014; JOSEPH, 2017; BAPTISTE, 2018; BAENINGER e PERES, 2017; BORTOLOTO, 2019; GIROTO, 2020; LOPEZ, 2018; MANICA, 2018; NUNES, 2017; PIZAIA, 2019; RAMOS, 2011).

justifica a citação de Cotinguiba (2014), onde os fatores que levam a imigração vão muito além do terremoto de 2010.

Neste sentido, algumas causas influenciaram na decisão para o local onde esses haitianos buscariam sobreviver. Portanto, o Brasil foi motivo desta escolha com os seguintes apontamentos: rota para chegar a outras localidades, dado observado por Oliveira (2017) em um trabalho realizado por entrevistas em 2015, com 33 haitianos das cidades de Curitiba e Londrina, onde observou:

Em nenhum caso entrevistado, porém, o Brasil foi apresentado como o primeiro destino de migração. Por ordem de prioridade, os haitianos pensam em migrar para os Estados Unidos, para o Canadá ou para a França. A possibilidade de migrar para o Brasil surgia apenas após as frustradas tentativas de migrar para esses países. (OLIVEIRA, 2017: 31)

Outros fatores identificados foram: processo inicial para conquistar vistos de outros países, ser notado como país acolhedor e sem preconceitos (mesmo que seja uma ideia equivocada), e o forte incentivo político, como cita Joseph (2017, p. 14) “*Em fevereiro de 2012, na ocasião da visita oficial da Presidente Dilma Rousseff a Port-au-Prince no Haiti, ela afirmou: ‘Como é da natureza dos brasileiros, estamos abertos a receber cidadãos haitianos que optem por buscar oportunidades no Brasil’*”. Com certeza esta última ação possibilitou um olhar humano, cuidadoso e de acolhimento; o que de fato facilitou que muitos haitianos adentrassem ao Brasil após a catástrofe.

A busca por melhores condições de vida, proporcionou uma procura incessante entre os indivíduos que almejavam sobreviver, em uma localidade que lhes proporcione trabalho e educação de forma digna; sobre este último aspecto descreveremos mais adiante.

1.2.1. Imigração Haitiana no Brasil – O que buscam?

Para a chegada ao Brasil os imigrantes haitianos passam por outras localidades como Equador, Bolívia e Peru. Em solo brasileiro a porta de entrada é a cidade de Brasileia, no Acre, porém mesmo sendo a cidade que recebe estes imigrantes não é o local de permanência deles, a maioria se dispersa para outros locais, fixando moradia.

Figura 2

PRINCIPAIS ROTAS DO FLUXO MIGRATÓRIO DE HAITIANOS PARA O BRASIL



Fonte: COTINGUIBA (2014, p.89)

A vinda destes imigrantes a região Sul do país em busca de melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, de viver, é significativa como relata BORTOLOTO, 2019 p. 122.

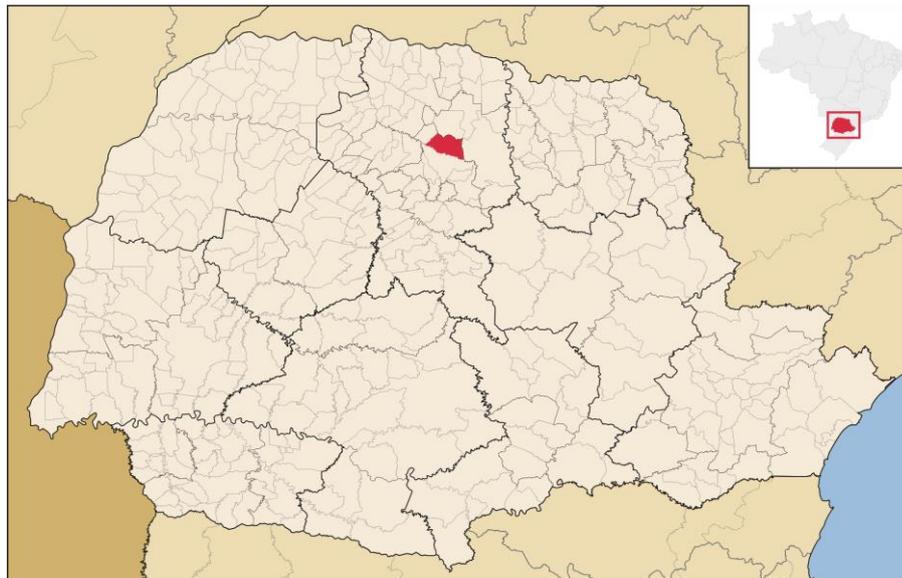
A região Sul do Brasil é a maior incorporadora dessa mão de obra, cuja população imigrante nos três Estados totalizam 50.53%. Santa Catarina é o Estado com mais imigrantes: um total de 18.836 ou 21.9%, posteriormente seguido do Paraná, com 13.668, 15.44% e, finaliza com o Rio Grande do Sul, com 11.411. As regiões Sul e Sudeste incorporam juntas 79.49% da população haitiana no Brasil, sendo essa porcentagem concentrada de forma mais hegemônica no Estado de São Paulo.

A autora ainda afirma que, estes indivíduos foram na sua maioria colocados ao trabalho em frigoríficos, e na construção de edifícios dessas regiões. Assim, a construção civil e o agronegócio, são as principais atividades econômicas que empregam imigrantes haitianos. Na sua maioria, os haitianos ocupam lugares de trabalho que não são aceitos pela população em geral e por uma má remuneração. Ainda é importante destacar que cada região

promove trabalhos diferentes aos indivíduos, visto que o setor econômico varia entre os lugares.

O município de Arapongas fica na região norte do estado do Paraná, e possui um dos maiores polo moveleiro do sul do país, o que contribui para a entrada de imigrantes visando o trabalho nas fábricas da cidade.

Figura 3 - Mapa do estado do Paraná com destaque o município de Arapongas



Fonte: Paraná Município Arapongas - Arapongas – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

Em sua maioria, os entrevistados são crianças ou adolescentes e não trabalham, mas citaram sobre as atividades dos seus responsáveis ou de pessoas que moram em suas casas. Apenas um entrevistado trabalha e explicou sobre seu ofício.

Sobre o trabalho destaco a pesquisa de Almeida (2018), que estuda sobre os problemas enfrentados pelos haitianos no mercado de trabalho formal e informal:

São constatações de que as condições atuais do trabalho são precárias, em todas as áreas, atingindo todas as regiões do país, bem como, os trabalhadores qualificados ou não. É fato que os imigrantes têm o direito de trabalhar. Quando trabalham na informalidade, como vendedores na rua, geralmente são coagidos, tratados como desordeiros e até mesmo como criminosos. E, esses mesmos imigrantes, em condições precárias de trabalho, quase sempre não têm momentos de prazer, lazer, descontração porque a rotina produtiva é intensa e, as preocupações também, uma delas é se manter e garantir as condições de vida dos seus familiares. Diante disso, eles têm direitos ao mundo do trabalho, mas quase sempre em situações de precarização (ALMEIDA, 2018:12).

A análise de Almeida sobre a precariedade no trabalho, principalmente do imigrante, acompanha o relato de alguns alunos que compartilham do sofrimento dos seus pais, ao colocarem o que eles vivenciam nesta instituição (abordarei no relato de entrevistas).

As estruturas familiares são diferentes, assim como as formas de trabalho e os desejos. Por isso analisar, não é vitimizar grupos, o intuito é entender cada particularidade adquirido nos relatos e refletir sobre os problemas. O que eles passam não pode ser generalizado e tampouco banalizados pela sociedade.

Assim, para alguns grupos, a satisfação, o desejo, a felicidade; podem ter sido adquiridos de forma plena, para alguns isso pode ter acontecido parcialmente e, outros podem analisar se essa é realmente a melhor saída para buscar a segurança, pensando que a economia é o que garante sua sobrevivência e sua tranquilidade.

1.3. A Imigração Haitiana no município de Arapongas-PR

Estive em agosto de 2022 na prefeitura de Arapongas, a fim de obter dados¹⁹ dos imigrantes neste local. Me orientaram a procurar o setor de assistência social que ficava no andar de cima do mesmo prédio, com a finalidade de encontrar as informações necessárias.

Nesta seção fui bem recebida pelas funcionárias do local, que mesmo diante da boa acolhida não conseguiram materiais ou dados destes estrangeiros, por falta de documentação que, segundo relato da funcionária, é omitida pelos imigrantes, mas também por ausência de pesquisa desta secretaria. Mas, depois de um tempo, ela fez uma ligação e após a autorização do telefonema, me passou o contato da coordenadora da Cáritas²⁰ de Arapongas. Ela ainda informou que este contato me auxiliaria melhor e, que elas estavam se organizando para trabalhar com os estrangeiros e, que dariam início ao grupo de venezuelanos ainda aquela semana, mas que essa pesquisa a ser realizada levaria um tempo.

¹⁹ Quantidade de estrangeiros, sendo haitianos e de outras nacionalidades, para formar quadro comparativo e interpretar se esse número aumentou ou diminuiu. A intenção era de fazer uma tabela com dados 2012 – 2022. Mas infelizmente neste município não foi possível ter essas informações.

²⁰ É um organismo da Igreja Católica - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundada em 12 de novembro de 1956. É uma das 170 organizações-membro da Cáritas Internacional. Sua origem está na ação mobilizadora de Dom Helder Câmara, então Secretário-Geral da CNBB. As orientações do Concílio Vaticano II marcaram a ação da Cáritas que, desde então, vive sob os valores da pastoralidade transformadora. A Cáritas é um organismo da CNBB e possui uma rede com 187 entidades-membro, 12 regionais e 5 articulações. “Testemunhar e anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, defendendo e promovendo toda forma de vida e participando da construção solidária da sociedade do Bem Viver, sinal do Reino de Deus, junto com as pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social” é a missão da Cáritas Brasileira. As áreas de atuação representam a diversidade de atividades que a Cáritas Brasileira realiza no país em distintos níveis e em toda a Rede. São cinco áreas prioritárias: Economia Popular Solidária (EPS), Convivência com Biomas, Programa de Infância, Adolescência e Juventude (PIAJ), Meio Ambiente, Gestão de Riscos e Emergências (MAGRE) e Migração e Refúgio. Disponível: Cáritas - História (caritas.org.br)

No dia seguinte, entrei em contato com a coordenadora da Cáritas com sede em Apucarana. Ariclés demonstrou ser extremamente solícita com as informações necessárias à minha pesquisa. Conversamos via whatsapp e ligação, e desde o início ela me passou dados e materiais que foram de suma importância, porém ainda não eram sobre o município em particular.

Segundo Ariclés *“os estrangeiros em Arapongas são invisíveis”*. A dura realidade da falta de dados mostra a importância da instituição Cáritas no auxílio deste trabalho. Para ela, o intuito do projeto é iniciar as pesquisas junto a prefeitura o mais rápido (confirmando o que a funcionária de assistência social havia colocado). Como a sede é em Apucarana, eles estavam trabalhando com as pesquisas nesta cidade e o próximo passo seria o município de Arapongas.

Ainda, durante a conversa, ela me informou que o Paraná possui 12.000 imigrantes e que em Arapongas o número é de aproximadamente 350 haitianos cadastrados. Porém, estes dados são imprecisos, pois muitos não procuram a instituição, principalmente os que chegam ao país clandestinamente. Ela ainda explica que a maioria procura a Cáritas para regularização de documentos, pela busca de empregos ou por encontrarem dificuldade nas vagas de creches, impossibilitando-os do trabalho (neste último caso, maioria mulheres).

Sobre a comunicação e socialização, Ariclés informou que alguns haitianos relatam que não conseguem vagas de trabalho por não falarem a língua portuguesa. Ainda sobre a língua, diz que mulheres que vão para hospitais em trabalho de parto, também não conseguem se comunicar. Esses relatos já vivenciados mostram algumas dificuldades encontradas e, que já eram motivos de preocupação desta pesquisadora.

Assim, a pesquisa seguiu sem documentação sobre os dados de imigrantes do município, o que trouxe um espanto por imaginar que eles seriam extremamente importantes e necessários, para justificar o aumento desta população na cidade.

1.4. A luta pelo reconhecimento dos Imigrantes no Brasil do século XIX e XX

Para pensar a imigração haitiana no Brasil, que é o objeto deste trabalho, é importante destacar que a imigração é parte do processo histórico deste país. É refletindo no deslocamento, desde os primeiros anos de descobrimento, que podemos fazer uma ligação com situações e práticas que permaneceram ao longo do tempo. A exemplo disto o preconceito, a discriminação e os julgamentos. Para compreender melhor essas condições, faremos uma análise durante este texto.

É importante um breve contexto histórico que explica as primeiras formas de imigração. Para isso, precisamos lembrar que a abertura dos portos em 1808 possibilitou o ingresso não só de mercadorias, mas de pessoas que se fixaram no país. Assim, em 1819 foram formadas as primeiras colônias de Nova Friburgo (RJ), estes estrangeiros não eram chamados de imigrantes, mas colonos²¹. Eram suíços (brancos europeus) e de religião católica (característica extremamente importante para a época). Estes estrangeiros deveriam passar por critérios de aceitação social, seja pela característica de cor e/ou religião.

Ao tratar o processo de imigração no Brasil, Giralda Seyferth²² explica a luta pelo reconhecimento da origem dos imigrantes a partir do século XIX, como o governo brasileiro necessitava destes povos para abastecimento e povoamento (desenvolvimento econômico e urbano e densidade populacional) e, como a sociedade via esse processo de imigração como “política desastrosa ao criar grupos estranhos”. Visões diferentes que explicam interesses econômicos da época.

As práticas para promover estrangeiros nas colônias eram de busca pelos “desejáveis”, ou seja, a justificativa é que precisavam de pessoas boas, trabalhadoras e sem problemas com autoridades. Segundo Seyferth, a verdadeira intenção era branquear a população brasileira. Os imigrantes negros ou não-brancos como os asiáticos não eram considerados “desejáveis”.

Nos debates do século XIX surge a questão racial, o desagrado por estrangeiros africanos e asiáticos²³ e, como escolha principal de aceitação para residir no Brasil estavam os europeus. Mais uma vez menciono o trabalho de Seyferth (2008) que oferece uma rica informação sobre a preocupação social na questão de raça:

A “ciência das raças” classificou a humanidade em “tipos”, arbitrando certas características fenotípicas por suas frequências em diferentes grupos humanos; algumas correntes que usaram esse princípio classificatório - caso da eugenia e do darwinismo social, por exemplo - acreditavam que a diversidade humana era produzida pela desigualdade das raças, e isso permitia localizar os brancos civilizados no topo da hierarquia e, em geral, os negros “bárbaros” em aproximação com os grandes macacos antropóides, na base (SEYFERTH, 2008: 10).

Podemos compreender que, a ciência possibilita maneiras de a sociedade pensar e dialogar a respeito da superioridade de alguns povos, por questões de raça. Assim legitimando a necessidade de escolha das pessoas que estarão envolvidas no processo de desenvolvimento

²¹ Termo presente até 1830 onde eram submetidos às autoridades locais sem possuir liberdades, mas no intuito de assumir compromissos e responsabilidades.

²² Foi pesquisadora, historiadora, antropóloga e professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

²³ Só foram aceitos imigrantes japoneses e chineses a partir de interesses econômicos e diplomáticos com a Lei 97, de 15/10/1892.

do país, ou seja, admitir pessoas que não promoveriam uma possível inferioridade social. Tal explicação se reflete na teoria do branqueamento²⁴ e teses eugenistas²⁵.

O critério de aceitação dos estrangeiros europeus foi justificado pela suposta necessidade de crescimento cultural e intelectual da nação. Segundo as teses citadas, somente os estrangeiros brancos e principalmente europeus eram possuidores das características desejadas, principalmente a brancura. Aqueles que não tinham essas características não eram bem-vindos.

Ramos (2008) em *Como classificar os indesejáveis? Tensões e convergências entre raça, etnia e nacionalidade na política de imigração das décadas de 1920 e 1930*, explica como as questões de racialização e nacionalização criaram definições para a política de imigração do século XX. Ainda é possível encontrar em seu trabalho, a questão de categorias²⁶ formadas nesse período para diferenciar as populações de imigrantes.

Em todas as categorias explicadas pelo autor existem os grupos raciais. Mas, pensando em um período em que o preconceito é estrutural e, o critério principal era o fortalecimento da economia e da bela sociedade (com olhares da época), quem mereceria ser subsidiado? Quais grupos eram de interesse do governo para habitar e auxiliar na construção econômica da sociedade brasileira?

Não é difícil interpretar o trabalho de Ramos, uma vez que as respostas estão explícitas na vida da sociedade brasileira, principalmente marcado pela construção de debates, projetos e leis²⁷ que tinham como intenção primordial a retirada, ou não recebimento de imigrantes negros e/ou asiáticos e, com características não assimiláveis (alemães). Assim as restrições de controle neste período foram ainda mais intensas, ficando nítida a presença de práticas e ideologias xenófobas.

É necessário relacionar o trabalho de Ramos (2008) e Seyferth (2008). Ambas as pesquisas explicam a luta da imigração no Brasil a partir das questões raça, do nacionalismo e xenofobia, representados legalmente na década de 20. Segundo a autora:

A pretensão dessa “ciência” era, por um lado, o melhoramento racial, supondo a superioridade biológica dos europeus (ou “brancos”) e, por outro lado, a exploração

²⁴ Teoria do branqueamento é a defesa da miscigenação para “embranquecimento” da população”.

²⁵ Teses eugenistas defendiam padrão genético superior a raça humana.

²⁶ São elas: espontâneos/subsidiados, que diferenciava aqueles que emigravam e se instalavam com recursos próprios daqueles que recebiam benefícios do governo federal brasileiro; e desejáveis/indesejáveis, que diferenciava aqueles deveriam ser estimulados a imigrar para o Brasil daqueles que deveriam ter sua entrada proibida ou restringida (Ramos, 2008:4).

²⁷ A primeira lei republicana sobre imigração, o decreto 528 de 1890, interditava a imigração de “indígenas da Ásia ou da África”.

das aptidões individuais a partir da crença nas vantagens hereditárias dos indivíduos bem-sucedidos (SEYFERTH, 2008: 2).

Para ela, as ideias eugenistas classificavam os “desejáveis” para o controle da população através da visão de melhoria do futuro, a higiene, saúde e questões raciais. Seyferth ainda explica que, há uma diferença entre o estrangeiro e imigrante, onde o primeiro é natural de outro país, já o segundo está em um outro espaço que decidiu se estabelecer, podendo obter a cidadania. Mas existem nos dois termos uma semelhança através do modo que são vistos pela sociedade, muitas vezes com intolerância e recusa. É desta forma que a autora também menciona a classificação do alienígena, constituindo um grupo diferente, os “não assimilados”, no qual não é aceito por não conter a mesma cultura, conseqüentemente envolvendo sentimentos de xenofobia. Ao tratar do nacionalismo presente na década de 20, este é facilmente reprovado pela população, por causa da ideia de ter de conviver no mesmo local com pessoas de diferentes nacionalidades e, com diferenças étnico-culturais.

Analisando todos os problemas e restrições aos estrangeiros ao longo do século XIX e XX, o processo de construção social de acolhimento e proteção nos faz compreender que os olhares ao imigrante no século XXI é outro. A sociedade compreende de forma mais aberta, mas isso não significa que o respeito e acolhimento ao imigrante é dado por todos.

O fato é, mesmo que as mudanças sejam visíveis, o preconceito está na estrutura, e isso ainda reflete em algumas formas de discriminação. No texto, ainda é possível observar que o imigrante negro sofria com a teoria do branqueamento e, as teses eugenistas que ainda hoje tem conseqüências. Mas, a questão é, quanto tempo leva para a população compreender e respeitar o próximo? Os alunos imigrantes e seus familiares sofrem hoje pela discriminação? Como a discriminação, o racismo e a xenofobia se manifestam? São diretas ou estão camufladas em outras formas de preconceito?

Nas entrevistas poucos alunos declaram ter passado por situações de preconceito, violência e racismo, mas a partir das falas é possível interpretar estes casos. As falas e análises estarão expostas no Capítulo 4: *A intersecção entre Racismo e Xenofobia*.

1.4.1. As campanhas nacionalistas do século XX nas escolas

No texto anterior é notório os diálogos formados desde o século XIX de descontentamento com o não-nacional, seja ele reconhecido como estrangeiro ou imigrante. O sentimento de recusa do brasileiro é compreender que esses indivíduos compartilham de um

espaço que não é dele, de fato, e que para tal finalidade eles deveriam ter o compromisso de assumir e se conectar com a identidade local, seja do estilo de vida, da religiosidade, da língua e dos aspectos culturais.

Os debates e as manifestações realizadas pela sociedade comprovavam o desagrado e claramente a xenofobia. Durante o período do Estado Novo (1937-1945), as campanhas nacionalistas facilitavam essa visão separatista da nação. E dela resultou as práticas para assimilação cultural, como: a mudança dos currículos das escolas estrangeiras, a dispensa de professores que não fossem naturalizados, a proibição da língua estrangeira, das atividades religiosas e culturais. Para os estabelecimentos que não cumprissem as regras, cabia o fechamento do local e ainda o castigo e humilhação para estes povos.

Para justificar essas ações do Estado, o Exército se defendia dizendo que as leis anteriores tinham sido descuidadas e somente através de uma nova educação, denominada de moral e cívica, eles poderiam trazer o nacionalismo para estes grupos étnicos e possibilitar o desenvolvimento do país. No entanto, este novo modelo educativo estava destinado não só aos estrangeiros, mas a todos os brasileiros para compreensão e apreciação patriótica.

As principais instituições sociais, espaço que estes grupos étnicos (estrangeiros) compartilhavam seus conhecimentos e práticas sociais eram os primeiros a serem exterminados. “*Só podiam ser vencidos, erradicados, se fossem atacados os grandes baluartes antinacionais dos alienígenas: a escola, o lar e a Igreja.*” (SEYFERTH, 1997: 103).

A campanha realizada teve o intuito de fazer com que os estrangeiros fossem assimilados à cultura local, e que para isto eliminassem qualquer característica da sua cultura de origem, seria uma forma de torná-los mais brasileiros. Fica entendido que o imigrante, desde o século XX, passa por problemas sociais e conseqüentemente na instituição de ensino. Para que ele seja reconhecido é preciso se integrar totalmente a cultura local, isto significa se desprender de suas raízes. Fato que me incomodou desde o início desta pesquisa.

O que temos feito dentro dos espaços escolares para nos integrar a cultura destes imigrantes? De que forma nós, profissionais da educação, buscamos contemplar espaços além da cultura brasileira? Houve em algum momento reuniões, feiras ou amostras que buscassem incentivo dos alunos em compreender como os colegas haitianos viviam no Haiti, e vivem hoje em Arapongas, se eles sentem falta de algo (familiares, alimentação, músicas, roupas, festividades entre outros)?

Nos anos anteriores em que trabalhei nesta instituição, em conversa com os demais colegas de trabalho, alguns explicaram que citavam em suas aulas características dos países

dos alunos imigrantes, porém não havia uma grande preocupação no planejamento das aulas com o objetivo de aproximar as raízes, trazer o longe para perto e, aproximar os alunos brasileiros do desconhecido.

Já o conteúdo sobre etnocentrismo, preconceito e discriminação era muito abordado por alguns colegas de trabalho, sendo que foi incluída no PTD (Plano de Trabalho Docente)²⁸. Estas atividades citadas por eles eram em sala de aula e realizadas somente com os alunos da turma. Acredito que incentivar essas ações é fazer com que os estudantes brasileiros saiam da sua zona de conforto, pesquisem, busquem e acima de tudo, aprendam sobre o outro, e consequentemente essas ações serão o caminho para o respeito.

A minha dúvida é que, se em pleno século XXI, onde as situações estão amparadas por lei, no sentido de proteção aos imigrantes e, os diálogos sobre a necessidade de respeito e de multiculturalismo são maiores e, principalmente se as escolas não estão vinculadas ao ensino de moral e cívica (no sentido de exaltar o nacionalismo), por que não ampliar nossas visões sobre o conhecimento e o reconhecimento ao imigrante?

Neste sentido, a escola enquanto instituição de socialização, integração e acolhimento, tem obrigação de se atentar a todos os detalhes de construção dessas pessoas, sejam eles brasileiros ou estrangeiros, com intuito de permitir visões e ações que incentivem a inclusão total dos alunos para que não haja “diferenças” nos bancos escolares.

1.5. A diferença entre: Imigrante, Refugiado, Asilado e Apátrida

Esta parte do trabalho é destinada a distinguir a diferença entre imigrante, refugiado, asilado e apátrida. Para analisar a importância da utilização correta de cada categoria mencionada para fins legais, há necessidade de diferenciar por questões de compreensão, burocráticas e de direitos.

Ao pensar em deslocamento, algumas palavras se cruzam e faz com que as pessoas não saibam as diferenças entre elas. Portanto, daremos um foco de atenção para cada categoria relacionada a pessoa em movimento territorial, principalmente aos imigrantes que são objetos desta pesquisa.

A ação de se mover para outro lugar sempre existiu e pode ser opcional e voluntário, se tratando de estudo, trabalho ou melhores condições de vida. Assim quando há o desejo de

²⁸ Plano de Trabalho Docente – planejamento dos conteúdos da disciplina que serão trabalhados em sala de aula, os objetivos e como eles serão executados. Quais os encaminhamentos metodológicos e as formas de avaliação cobradas aos alunos.

mudar em seu local de destino ela é chamada de imigrante. Para a OIM²⁹ (Organização Internacional da Migração) o imigrante é *“na perspectiva do país de chegada, uma pessoa que se muda para um país diferente de sua nacionalidade ou residência habitual, para que o país de destino efetivamente se torne seu novo país de residência habitual”*.

Mas esse processo pode ser também involuntário, quando motivada por catástrofes como: terremotos, tsunamis, guerras, perseguições entre outros, faz, com que os indivíduos precisem sair de seu local de origem e continuar sua vida em outro território, classificando-as como refugiadas. Ainda segundo a ACNUR³⁰ (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) os refugiados:

São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados. (UNHCR-ACNUR, 2022).

No caso da imigração haitiana, após a catástrofe provocada pelo terremoto de 2010 e suas consequências, essa movimentação se deu por questões ambientais, o que não era contemplada no Estatuto dos Refugiados. A questão ambiental não é considerada um critério para perseguição. Porém, com os debates relacionados ao tema, a falta de proteção destes grupos e a coerência da lei com os Direitos Humanos, o governo brasileiro criou resoluções normativas que regulamentasse esse tipo de imigração baseado no Estatuto do Estrangeiros³¹ e, denominado como “refugiado ambiental”.

Segundo as entrevistas realizada com os alunos, a entrada deles ao Brasil se deu entre 2017 e 2020, porém em todos os casos, um familiar ou pessoa próxima da família já estava residindo no país. Podemos refletir que a vinda destas pessoas se deu logo após o sismo de 2010 e os seus resultados, tais como: as mortes, pobreza e perdas materiais (casa e objetos), somado aos problemas estruturais já existentes, isso potencializou a chegada deles em busca de uma nova vida.

Estes imigrantes não possuem uma categoria própria internacionalmente reconhecida, contudo, eles precisam ter seus direitos garantidos. No Brasil, por questões humanitárias os

²⁹ Estabelecida em 1951, a OIM (Agência da ONU para as Migrações), é o principal organismo intergovernamental no campo da migração e trabalha em estreita colaboração com parceiros governamentais, intergovernamentais e não-governamentais. Disponível em: Quem somos | OIM Brasil (iom.int). Acesso: 16/06/2022.

³⁰ Agência da ONU criada em dezembro de 1950 e iniciando suas atividades em 1951. Teve como princípio resolver a situação dos refugiados principalmente no pós Segunda Guerra Mundial e atualmente promover instrumentos internacionais para a proteção dos refugiados.

³¹ Lei Nº 6.815, DE 19 de Agosto de 1980.

deslocados ambientais possuem o visto de permanência temporário, que irá garantir os direitos básicos como trabalho, educação e saúde. O refugiado geralmente é confundido com o asilado, mas existe diferença entre os termos.

O asilo político é uma questão jurídica em que a pessoa pede auxílio em outro território por questões de perseguição, seja ela política, de raça ou religiosa. É importante saber a diferença entre asilado e refugiado, este último é quando os pedidos são feitos por grande número de pessoas e, geralmente, o pedido de asilo é feito de forma individual.

Capelin (2018), que trata sobre a imigração haitiana, cita no início do seu trabalho questões referentes ao asilo político:

A condição de asilo – outra subcategoria da imigração – é estritamente política, refere-se a uma decisão reservada ao Presidente da República. Normalmente sua solicitação se dá em função de perseguições políticas. O asilo pode abranger a estada do asilado no território do país ou em embaixadas em outros países (CAPELIN, 2018: 34).

Como cita Capelin, no caso de perseguição política, a pessoa deve solicitar o asilo que caberá ao Estado deferir ou não. Essa é outra diferença entre o asilado e refugiado, onde esse último é efetivado pelo órgão competente de cada país. Aqui no Brasil é a CONARE³². Ainda sobre o asilo, ele tem duas subcategorias: territorial, quando a pessoa se encontra ou deseja ser protegida por outro país, ou diplomática, onde o solicitante ainda está no seu país e procura a Embaixada ou Consulado para acolhimento.

Ainda há outra classificação, é colocada sobre as categorias da imigração, que é o caso dos apátridas. Pessoas que não são reconhecidas em nenhum território. Segundo a ACNUR³³:

São pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país. A apátrida ocorre por várias razões, como discriminação contra minorias na legislação nacional, falha em reconhecer todos os residentes do país como cidadãos quando este país se torna independente (secessão de Estados) e conflitos de leis entre países³⁴.

A questão de apátrida coloca essas pessoas em situação de vulnerabilidade, onde os seus direitos são cerceados. Na pesquisa de Justo (2012) trata da redução das questões políticas, civis e sociais. Segundo a autora:

O apátrida, concebido pela ausência da nacionalidade, pode se encontrar em uma situação de severa privação de direitos, na medida em que a ausência de seu

³² Comitê Nacional dos Refugiados.

³³ Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

³⁴ <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/> Acesso em 20 de abril de 2023.

reconhecimento como sujeito político pleno pode acarretar que ele(a) encontre dificuldades para desempenhar muitas funções para a condução de sua vida, tais como estudar, trabalhar, adquirir direitos sociais, votar etc. (JUSTO, 2012: 23).

Cabe mencionar que em todos os casos a garantia dos direitos por vezes só está inserida na lei, em outros casos nem através dela, como o Estatuto dos Estrangeiros³⁵ que foi elaborado pensando exclusivamente nos interesses nacionais. Desta forma, as questões sociais tornam o resultado do processo migratório acometido por questões referentes a xenofobia, ou a exploração econômica.

É possível entender que cada categoria possua características próprias e algumas relações em comum. Pessoas que por diversas razões, seja de escolha ou de forma obrigatória, vão para outro território em busca de melhoria ou até mesmo de sobrevivência.

1.6. Imigrações Forçadas

Há uma grande diferença nas formas de imigração, podendo acontecer de maneira forçada e/ou voluntária. Portanto, será tratado a distinção destas duas formas de imigração, com o foco de atenção no primeiro grupo mencionado.

A imigração voluntária consiste na escolha de sua mudança onde irá proporcionar benefícios, seja de estudo, pesquisa ou trabalho. É um movimento desejado e planejado pelo indivíduo. Já a imigração forçada é uma das grandes catástrofes da humanidade. Atualmente a imigração forçada acontece quando os indivíduos por motivos como: desastres naturais, perseguições políticas ou de raça podem interferir ou colocar em risco sua própria vida e de seus familiares, portanto não possuem escolha, como é o caso dos haitianos.

No trabalho de Farena em “*Direitos Humanos dos Migrantes – Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*” é possível compreender a distinção da imigração forçada e voluntária:

Mas migrantes forçados não são apenas os refugiados e migrantes voluntários não são os que se deslocam por razões econômicas, como querem alguns. Para muitos, as migrações forçadas dizem respeito a uma única categoria: os refugiados, ou seja, as pessoas que saem dos seus países porque sua vida ou liberdade correm perigo, em virtude de perseguição por motivos políticos, de raça, religião, nacionalidade, opiniões políticas ou por pertencer a determinado grupo social, (segundo a definição da Convenção Internacional para a proteção dos refugiados), e que são objeto de efetiva proteção internacional. Os demais seriam migrantes voluntários,

³⁵ Lei nº 6.815/80 assinada pelo General Figueiredo, que governou entre 1979 a 1985. Esta lei por quase quatro décadas ditou as regras legais da política migratória do país.

equivocadamente denominados econômicos, porque a migração está relacionada às condições de vida (FARENA, 2008: 32).

Para ela não se pode restringir as imigrações forçadas somente no sentido de perseguição (não tirando gravidade do problema), e sim apresentar outras possibilidades já mencionadas no início como as questões econômicas e ambientais. Abordar sobre todas essas questões que envolvem da situação da migração e do migrante. É necessário tornar essa realidade conhecida com toda a sua complexidade para entender diferentes possibilidades de acolhimento.

A migração forçada por conta de conflitos políticos e de guerra acontece por vários motivos, mas, sobretudo, quando em uma localidade está acontecendo confrontos e não há condições humanas de sobrevivência no local, ou quando existem conflitos políticos que deixam a população demasiadamente pobre, sem condições de permanência.

Em relação a este tipo de migração por desastres naturais, se aplica quando: tsunamis, tufão ou vulcão podem destruir parte ou cidades inteiras, obrigando as pessoas a migrarem forçadamente para outras regiões e até países distantes em busca de condições para reconstruir suas vidas.

Um exemplo deste tipo de imigração é o caso dos haitianos que vivenciaram desastres naturais como os terremotos, maremotos ou furacões – como exemplo o que ocorreu em 2010. Muitos se deslocaram para outras localidades, sendo o Brasil uma porta de entrada, mencionado no item 1.2.1. *Imigração Haitiana no Brasil – O que buscam?*

Os motivos das migrações dos haitianos para outras partes do globo, são semelhantes a mesma justificativa de todos aqueles que se deslocam em busca de uma vida melhor. Ou ainda para fugir da escravidão, dos desastres naturais, da presença militar e de conflitos políticos. As pessoas mostram sua insatisfação e temor justificando sua saída para outras localidades.

Somando todos os problemas ou situações que passam com estes indivíduos, podemos imaginar que há uma grande possibilidade ou soma dos fatores, que os levam a procurarem um espaço mais tranquilo no sentido de sobrevivência.

1.7. As Leis de proteção ao imigrante

Falar em imigração diz respeito as mudanças em todos seus sentidos, territorial, social econômica e psicológica, assim nos faz imaginar como é difícil, e complexo, sair do seu local de nascimento e se constituir em um novo espaço.

A chegada e permanência destas pessoas são facilitadas quando há uma rede de apoio ou proteção. Neste sentido, locais que prezam pelas leis humanitárias colaboram para este processo. Portanto, farei uma retomada histórica referente às normas e leis, que, ao longo do tempo, possibilitaram formas de apoio aos povos imigrantes, incluindo as normativas em nosso país.

A partir do século XX, após a Segunda Guerra Mundial³⁶, com a devastação dos territórios e a perseguição de grupos sociais, é possível falar sobre a conquista dos direitos, através da ONU³⁷ - Organização das Nações Unidas, que busca discutir questões necessárias enfrentadas pela sociedade e com a ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, que possibilitou debates necessários de pessoas em situação de refúgio. Assim, em 1951, pensando em direitos e normas mais específicas, foi elaborado o Estatuto do Refugiado (conhecido também como Convenção de 1951), que garante os direitos e deveres aos refugiados e aos países de acolhimento.

Mesmo com amparo destas leis, estes documentos colaboravam com refugiados do período anterior à sua criação. Desta forma foi criado o Protocolo de 1967, em que os direitos não eram submetidos a prazos ou limites territoriais, ampliando ainda mais os grupo referidos.

Todos estes documentos são fundamentais para auxiliar e embasar a necessidade de leis específicas no interior do nosso país, tanto que, até a década de 70 havia sido integrado estes dois documentos anteriores a legislação do Brasil por meio de decretos³⁸ e, mais tarde, inserido na constituição, no artigo 5º destinado aos estrangeiros.

No ano de 1980 é criado o Conselho Nacional de Imigração³⁹ - CNIg, através da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, sendo organizado por representantes de órgãos federais, segmento do trabalho e da sociedade civil e, tem por escopo planejar políticas de atendimento ao imigrante, principalmente na área de empregabilidade. Sobre o CNIg, Melo em “*DE FORA PARA DENTRO, A agenda de enfrentamento ao tráfico de pessoas e o dilema de cidadania do trabalhador migrante no Brasil*” (2015) diz que:

³⁶ Aconteceu de 1939 a 1945 em escala global, maior conflito da história humana. Teve como principal motivo o expansionismo germânico. Foi dividido em dois grupos: Eixo e Aliados e teve como resultado a morte de mais de 60 milhões de pessoas.

³⁷ Criada em 24 de outubro de 1945, após a Segunda Guerra Mundial, sendo esse o motivo principal no qual destruiu diversos territórios, buscando promover a paz entre as nações e evitar novos confrontos.

³⁸ Decreto 50.215, de 28 de janeiro de 1961, que promulga a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados e decreto 70.946, de 07 de agosto de 1972, que Promulga o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados.

³⁹ Atualmente o Conselho possui 14 membros titulares, sendo 07 (sete) órgãos federais, 03 (três) centrais sindicais, 03 (três) confederações de empregadores e 01 (um) representante da comunidade científica e tecnológica.

A ele cabe, através de resoluções que emite, regular especificamente em que termos, dentro de cada situação autorizada pelo Estatuto do Estrangeiro, será permitida a entrada de trabalhadores no país. O Conselho ainda analisa e decide situações individuais, caracterizadas como especiais, ou casos omissos (MELO, 2015: 38).

Segundo Melo, o Conselho tem a capacidade de julgar as diferentes situações que é colocado pelos imigrantes, e decidir o critério de necessidade entre estas pessoas. Sobre a Lei nº 6.815/80, o trabalho de Melo (2015) traz críticas pertinentes em relação ao período histórico brasileiro, e o olhar sobre a imigração, como forma de necessidade produtiva e econômica para o país:

Instrumento normativo da ditadura civil-militar que ainda manchava a história do país à época, o Estatuto baseia-se principalmente na questão da "segurança nacional". Além disso, como o próprio texto da Lei explicita (artigo 2º), presta-se a defender o trabalhador nacional, o princípio de organização institucional, e os interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil. Dessa maneira, estabelece (artigo 16) que o objetivo da imigração no país é propiciar mão de obra especializada aos diferentes setores da economia nacional, visando a PND (Política Nacional de Desenvolvimento), especialmente no aumento da produtividade, assimilação de tecnologia e captação de recursos para setores específicos (MELO, 2015: 34-35).

É evidente que, nesse período, a visão política de desenvolvimento econômico superava todas as características de visão social e humanitária. Neste sentido, pensar na imigração basicamente como força de trabalho é omitir e desprezar toda questão de identidade e necessidade destes povos, e declarar que bem-vindos são os imigrantes que desejam trabalhar em nosso país, aqueles que trazem benefícios e não problemas.

Em 1997 é elaborado o órgão de proteção e assistência aos refugiados no país – o CONARE - Comitê Nacional para Refugiados. Cabe ressaltar que, em situação de refúgio, o governo deve dar proteção a vida daqueles que de certa forma correm riscos, não podendo expulsá-los para os países que sofreram ameaças. Este princípio também é conhecido como *non-refoulement* (não devolução).

No ano de 2012, o CNIg instituiu resolução normativa nº 97, de 12 de janeiro, no qual tornou possível o visto permanente, com o período de 5 anos por razões humanitárias, baseado no terremoto de 2010. Essa resolução se deu a partir da grande quantidade de imigrantes que chegaram ao país no ano de 2011.

Handerson (2020) fala em sua pesquisa, sobre a importância dessa normativa para a vida dos haitianos, que chegavam em grande fluxo ao Brasil, segundo ele:

Os primeiros haitianos desembarcados, devido à intenção da maioria de ir à Guiana Francesa, não pediam visto na Embaixada brasileira no Haiti para ingressar no Brasil. Mas, para passar pelo Brasil e ir ao Departamento ultramarino era necessário ter visto brasileiro, e também, para aqueles que desejavam ficar no país, porque, dentre eles, alguns queriam permanecer no Brasil. Foi a partir dessas experiências que começaram os primeiros questionamentos dos agentes do Governo de como poderiam proceder para criar um novo dispositivo legal para receber os haitianos não na condição de refugiados porque CONARE e ACNUR já diziam não serem considerados refugiados, de acordo com o conteúdo da Convenção de Genebra de 1951. Nessa época, (até a presente data), para receber um visto de residência no Brasil, o candidato deveria cumprir certos requisitos: a) ser cônjuge de um cidadão brasileiro ou residente permanente no Brasil; ou b) ser membro imediato (dependente) da família de um cidadão brasileiro ou residente permanente no Brasil. Os haitianos vindos na época não se enquadravam nesses requisitos. Com a Resolução de 97/2012, o Governo simplificou a forma de acesso dos haitianos a um visto permanente no Brasil, e aumentaram significativamente os pedidos na Embaixada brasileira no Haiti (HANDERSON, 2017:11-12.).

É perceptível como as necessidades colaboraram para a mudança das normativas que regem o país, no sentido de uma sociedade que não pensa apenas em questões de interesse, mas também de acolhimento e proteção.

Neste sentido a Nova Lei de Migração nº 13.445, de 24 de maio de 2017, busca a promoção, integração e inclusão social, de trabalho, educacional, com garantia de direitos e de liberdades civis, social, cultural e econômica, tratando o movimento migratório como direito humano, garantindo seu acesso e rejeitando qualquer ação xenofóbica.

A pesquisa de Cividini “*MIGRANTES HAITIANOS NO BRASIL (2010-2017): TENSÕES E FRONTEIRAS*” (2018), sobre a imigração haitiana no Brasil entre o período de 2010 a 2017, mostra na primeira parte do texto a respeito da Lei 13.445/2017. Nela é possível perceber a necessidade de estratégias que facilitem e organizem a vida do imigrante. Segundo ela:

Para as notícias, a Lei de Imigração veio como uma forma de facilitar o processo do estrangeiro que veio para o Brasil de forma temporária ou definitiva. A garantia de direitos para o imigrante com o mesmo status do brasileiro nato possibilitaria ações coordenadas para o acolhimento de imigrantes e refugiados, e criaria condições para a repressão ao tráfico humano, mas não entrou em pauta a questão da revalidação de diplomas (CIVIDINI, 2018: 44).

Após análise a respeito da entrada de pessoas sem documentação, e das ações dos traficantes que permitem o acesso ilegal de imigrantes, Fátima Cividini explica como é importante ter a nova lei para amparar o imigrante de forma humanitária, e como controle das práticas ilegais com estas pessoas.

Ainda mais adiante em seu trabalho, ela menciona sobre o visto humanitário introduzido na Lei de 2017, que foi influenciado pela catástrofe de 2010 no Haiti. Para Cividini (2018):

A nova Lei nº13.445 sancionada no dia 24 de maio de 2017, conhecida como “Nova Lei de Imigração”, contempla o visto humanitário em caso de desastres ambientais e este aspecto não era mencionado nas leis anteriores. As notícias apresentaram a influência do terremoto de 2010 no Haiti e a onda migratória para o Brasil e como a lei de 1997 não conseguia dar amparo aos haitianos que chegavam no país e a narrativa do Lima acompanha o discurso da mídia quanto ao assunto. As discussões sobre a necessidade de uma legislação que contemplasse as migrações originadas de desastres ambientais ganharam amplitude depois do terremoto em 2010 no Haiti (CIVIDINI, 2018: 105).

As leis, até a data de 2017, não abordavam os desastres ambientais como característica de necessidade para o deslocamento, fugindo do princípio humanitário. Com a catástrofe haitiana e o grande fluxo de pessoas houve a necessidade de mudar essas regras.

No mesmo ano foi instituído o Decreto nº 9.199/2017, que regulamenta a Lei mencionada anteriormente, nº 13.445/17, onde as mudanças estão baseadas na agilidade do processo para emissão de vistos, na reunião familiar sob a necessidade dos seus familiares estarem em território brasileiro, em relação a expulsão, deportação e repatriação e, do direito de manifestação política.

E mais recentemente podemos mencionar a Lei nº 13.684, de 21 de junho de 2018, que trata das questões referentes a vulnerabilidade, proteção social e crise humanitária, prevendo medidas emergenciais para tais situações.

Vale ressaltar que, mesmo com a evolução de todas essas normativas, na construção de uma visão mais humanizada, infelizmente o imigrante ainda enfrenta diariamente diversos problemas relacionados à essa ação de deslocamento, assim as leis corroboram, mas não aniquilam práticas de exclusão e problemas econômicos, burocráticos, civis e sociais.

1.8. Documentação

Nesta parte do texto será apresentado como os imigrantes haitianos fazem para regularizar sua situação no Brasil. As questões burocráticas referentes a documentação destas pessoas, como eles podem solicitar: autorização de residência, visto humanitário ou pedido de refúgio.

O visto⁴⁰ é um documento que dá direito ao estrangeiro em estar no território nacional, podendo ser: de visita, quando esse vem para o país em curto prazo para fins de trabalho, esporte, negócios etc.; visto temporário, quando a finalidade é: estudo, tratamento de saúde, acolhida humanitária, atividade religiosa e serviço voluntário; visto diplomático e de cortesia concedido à autoridades e funcionários que viajem em missão oficial.

Como já citado nesta pesquisa, um número significativo de imigrantes se deu principalmente pelos motivos da catástrofe de 2010 (somado com outros problemas internos). No caso destes imigrantes haitianos, pode ser solicitado o tipo de visto temporário de acolhida humanitária, segundo o artigo 14⁴¹, da Lei 13.445/17.

Inicialmente, este imigrante deve obter o registro de identificação civil que é obrigatório para todos, sendo visto temporário ou de autorização de residência, através de dados biográficos e biométricos. Para os casos de refúgio, acolhimento humanitário e asilo, será realizado a partir da solicitação e dos documentos que ele tiver.

Lembrando que nem todo o imigrante haitiano é reconhecido como refugiado quando as causas são desastres naturais, por não estar inserido na Lei de Refúgio⁴², ou mais atualmente, por não ter a solicitação deferida por não compor as características da lei. Desta forma, este indivíduo precisa regularizar sua situação ao solicitar o visto temporário no seu local de origem, ou junto a Polícia Federal no Brasil e pedir a autorização de residência.

A autorização de residência⁴³ pode ocorrer nas seguintes formas: para fins de trabalho, quando o imigrante exerce atividade laboral com ou sem vínculo no país; com base em reunião familiar, quando o imigrante possui cônjuges e/ou companheiros, filhos, irmão, ascendentes ou descendentes; e ao imigrante se beneficiário de proteção ao apátrida, asilo político ou refúgio.

Lembrando que a autorização de residência substitui o visto permanente na Nova Lei de Migração n° 13.445/17, no artigo 30⁴⁴. Desde então, este documento é essencial para o

⁴⁰ Lei n° 13.445/17, subseção II dos Tipos de Visto - artigo 12.

⁴¹ §3° O visto temporário para acolhida humanitária poderá ser concedido ao apátrida ou ao nacional de qualquer país em situação de grave ou iminente instabilidade institucional, de conflito armado, de calamidade de grande proporção, de **desastre ambiental** ou de grave violação de direitos humanos ou de direito internacional humanitário, ou em outras hipóteses, na forma de regulamento (BRASIL, 2017a, art.14).

⁴² Lei n° 9.474 de 1997 (BRASIL).

⁴³ Citada no artigo 30, da Lei n° 13.445/17. Ela pode ser solicitada de forma virtual para o pedido e para agendamento na Polícia Federal e presencial (comparecimento na Polícia Federal).

⁴⁴ A residência poderá ser autorizada, mediante registro, ao imigrante, ao residente fronteiriço ou ao visitante que se enquadre em uma das seguintes hipóteses: I - a residência tenha como finalidade: a) pesquisa, ensino ou extensão acadêmica; b) tratamento de saúde; c) acolhida humanitária; d) estudo; e) trabalho; f) férias-trabalho; g) prática de atividade religiosa ou serviço voluntário; h) realização de investimento ou de atividade com relevância econômica, social, científica, tecnológica ou cultural; i) reunião familiar; II - a pessoa: a) seja beneficiária de tratado em matéria de residência e livre circulação; b) seja detentora de oferta de trabalho; c) já tenha possuído a

pedido da Carteira de Registro Nacional Migratório (CRNM), no qual comprova a legalidade do estrangeiro em território brasileiro, seja ele temporário, permanente, refugiado, apátrida e/ou asilado. Sendo emitido pela Polícia Federal, juntamente com o Ministério da Justiça.

A solicitação de refúgio⁴⁵ geralmente é feita por adultos e ou responsáveis, porém observa-se que houve crescimento no número de crianças acompanhadas e desacompanhadas. Silva (2019) mostra o aumento destes pedidos (no que se refere a crianças ou adolescentes) no território brasileiro:

Em 2012, o Brasil recebeu mais de duas mil solicitações de refúgio. Dentre elas, 148 (cento e quarenta e oito) eram solicitações de crianças ou adolescentes. Deste total, quatorze estavam sem representantes no Brasil. Já em 2016, 18% dos beneficiados com status de refugiado eram pessoas entre 0 e 17 anos. Mundialmente, segundo dados da Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), em 2014, mais da metade da população de refugiados eram crianças, sendo trinta e quatro mil crianças separadas (acompanhadas de adultos que não são os representantes legais) ou desacompanhadas (SILVA, 2019:102).

O crescimento desses pedidos é nítido e, segundo o autor, a Defensoria Pública da União atua na proteção dessas crianças e adolescentes, tendo em vista o caráter humanitário. Ainda alerta sobre a importância do pedido de refúgio para a garantia dos direitos básicos, segundo ele:

Daí a importância da solicitação de refúgio pelas crianças e adolescentes que se encontram no Brasil. A simples solicitação dará à criança ou ao adolescente a garantia de exercício de direitos básicos, tais como matrícula em escola; acesso à rede de saúde; acesso ao trabalho etc. (SILVA, 2019:110).

Para Silva, os documentos auxiliam para o reconhecimento destes imigrantes em outro território, assim os direitos civis e sociais do país não se restringem somente aos naturalizados, mas também aos estrangeiros. Segundo o Ministério da Justiça, as pessoas em

nacionalidade brasileira e não deseje ou não reúna os requisitos para readquiri-la; d) (VETADO); e) seja beneficiária de refúgio, de asilo ou de proteção ao apátrida; f) seja menor nacional de outro país ou apátrida, desacompanhado ou abandonado, que se encontre nas fronteiras brasileiras ou em território nacional; g) tenha sido vítima de tráfico de pessoas, de trabalho escravo ou de violação de direito agravada por sua condição migratória; h) esteja em liberdade provisória ou em cumprimento de pena no Brasil; III - outras hipóteses definidas em regulamento.

⁴⁵ O pedido de refúgio pode ser feito virtualmente (realização de cadastro, senha e preenchimento de formulário) e a última etapa desse processo é presencial (Polícia Federal). Essa solicitação não tem custo. Segundo a informação do Governo Federal o prazo para este serviço é de até 24 meses e a validade do documento é de 1 ano e deve ser renovado na Polícia Federal até decisão do CONARE. Após a decisão, a respeito da solicitação de Refúgio e o reconhecimento dessa condição, o refugiado adquire então a autorização de residência por tempo indeterminado de forma legal.

situação de refúgio ou asilo que desejam a permanência definitiva⁴⁶ no Brasil devem: residir no Brasil em um período mínimo de seis anos; estar trabalhando em instituição instalada no país; ser profissional de capacitação reconhecida por órgão da área; estabelecido com negócio resultante de investimento de capital próprio, regularizado ao (visto a investidor financeiro).

Outros documentos necessários para os imigrantes são: a carteira de trabalho, pois através dela todos os registros de atividades profissionais realizada por ele no Brasil estará sob o regime da CLT⁴⁷, para a garantia de direitos e deveres proporcionada por esta normativa. E ainda é exigido que o estrangeiro tenha o CPF (Cadastro de Pessoa Física) da mesma forma que o cidadão brasileiro, onde será utilizado para diversas situações como: contas bancárias, locação de imóveis, questões judiciais etc.

Alguns imigrantes possuem situações irregulares no país e conseqüentemente não têm seus direitos respeitados, principalmente quando o imigrante não se apresenta em nenhum órgão de controle, assim permanece no país clandestinamente, dificultando a sua regularização no País.

Portanto os documentos são essenciais para os imigrantes, e alguns podem ser solicitados do seu local de origem e de forma virtual, facilitando ainda mais esse processo. Cabe lembrar que o resultado de alguns pedidos demora e, há uma intensa discussão para que os órgãos competentes busquem a agilidade desses procedimentos.

1.9. A intersecção entre Racismo e Xenofobia

Nesta parte farei análise do racismo juntamente com outro problema, a xenofobia, para que possamos entender as formas de preconceito e de discriminação, que reafirmam a necessidade de analisar e discutir propostas mais eficazes para combater estas práticas, dentro e fora das escolas.

Podemos encontrar essas duas formas de preconceito e/ou discriminação isoladamente, em situações que não necessariamente estão vinculadas. Mas há casos em que elas podem estar diretamente ligadas, principalmente quando o indivíduo é imigrante e negro.

⁴⁶ Documentos necessários: Requerimento por meio de formulário próprio a ser obtido junto ao Ministério da Justiça ou Departamento de Polícia Federal (por pessoa); comprovante de recolhimento da taxa GRU/FUNAPOL (por pessoa); cópia autenticada da Cédula de Identidade para Estrangeiro Asilado ou Refugiado atualizada; Declaração de que não foi processado nem condenado no Brasil ou no exterior.

⁴⁷ Consolidação das Leis trabalhistas - DECRETO-LEI Nº 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943. Disponível em: DEL5452 (planalto.gov.br)

De fato, o dia a dia dentro e fora das escolas conta com um número imenso de ações discriminatórias. Mesmo que nosso PTD⁴⁸ esteja ligado a conteúdos que exploram estes eventos ou não, alguns profissionais da educação trabalham na busca da minimização do preconceito na tentativa de erradicação deste.

Estas atitudes são reflexo de uma realidade, que por vezes vem de casa, da comunidade, ou de pessoas próximas e, manifestada nas escolas, precisando de uma orientação e direcionamento pelos profissionais, juntamente com os responsáveis para que o resultado seja eficaz.

Porém, não podemos mascarar as informações e dizer que os todos profissionais da educação não possuem preconceito, ou que não agiram com discriminação e preconceito. O fato é que esta classe também é detentora dessas ações, muitas vezes com os próprios colegas de trabalho ou com alunos em conversas, como em reunião de professores, conselho de classe, sala de professores ou sala de aula.

Acabei de participar de um conselho de classe em que uma das profissionais disse: *“ai, mas ele é menos sujinho e fedidinho da turma”*, se referindo ao menino negro que estava com notas baixas. Aquela fala trouxe um incômodo de alguns colegas de trabalho que no ato levantaram olhares e a indagaram, e de outro lado, pessoas que a defenderam dizendo que realmente a turma é lotada de alunos sujos e fedidos, no sentido de descuidados e não referente a cor. Tal atitude justifica como o racismo está presente nas estruturas dos colégios, incluindo os profissionais.

Se a meta é uma educação de forma plena, cabe aqui colocar outros fatores encontrados no âmbito da escola, entre os quais a xenofobia, o racismo e o etnocentrismo. Estes fatores são observados no contexto escolar de forma vedada entre os alunos e funcionários, através de risos, conversas e olhares, mas não somente na Instituição de Ensino. Vale ressaltar os dizeres do atual governador do Estado do Paraná, Carlos Roberto Massa Júnior, *“Não aguento mais ver Santa Catarina virar Miami e o Paraná o Haiti”*⁴⁹. Dizeres relacionados as obras de revitalização da orla de Matinhos – PR, na segunda-feira, do dia 21 de junho de 2021.

Infelizmente, a xenofobia e o racismo são práticas comuns e no cotidiano escolar desde o processo de colonização de nosso país. Em alguns momentos estão colocados de

⁴⁸ Plano de trabalho docente – os conteúdos, objetivos e metodologias a serem trabalhadas durante o ano divididos por trimestres.

⁴⁹ “Não aguentava mais ver SC virar Miami e o Paraná o Haiti”, diz Ratinho Jr sobre obras no litoral. Tribuna do Paraná [on line]. 21 de jun. de 2021. Disponível em: < Governador Ratinho Jr. compara litoral do Paraná com o Haiti ao anunciar obras de revitalização (uol.com.br) >. Acesso em 23 de agosto de 2022.

formas mascaradas e, em tantas outras, declaradas, como a fala do Governador do Estado do Paraná ao ironizar, comparar, criticar e inferiorizar o povo haitiano com os que residem em Miami.

Essa naturalização do preconceito e da discriminação é preocupante, em razão de ser este um dos conteúdos trabalhados e discutidos em sala, para a busca de uma sociedade igualitária, isto é, um local onde as falas, pensamentos e atitudes não sejam voltados para a segregação, por fatores: políticos, econômicos, religiosos, de gênero e raça. Mas, proporcionar um espaço em que as pessoas possam viver livremente de forma consciente, buscando respeitar o outro na sua integridade. Por conseguinte, é na desconstrução deste tipo de prática (como a fala do governador) que devemos lutar.

Como dito anteriormente, os eventos podem estar ligados, sendo visíveis as manifestações do racismo, principalmente quando o outro não compartilha do mesmo espaço, é de uma cultura desconhecida e não se aproxima da realidade local. Neste sentido, a xenofobia é definida pela ACNUR como: *“atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e difamam as pessoas com base na percepção de que são estrangeiros à comunidade ou sociedade nacional”*. Em poucas palavras, xenofobia é a demonstração de ódio ao estrangeiro, ao migrante, com atitudes e comportamentos discriminatórios. E este tipo de comportamento pode ser visível e escancarado, ou ocorrer de maneira sutil, muitas vezes presentes nas falas ou ações, mas imperceptíveis.

Esta forma sutil é muito grave e, foi encontrada durante a entrevista realizada com os alunos imigrantes. De forma geral, alguns entrevistados disseram não ter presenciado ou sentido nenhuma forma de preconceito ou discriminação. Isso me trouxe algumas indagações: será que realmente não passaram ou não perceberam ou identificaram tais atitudes? Podem esses alunos terem presenciado ou serem vítimas dessas ações e não terem percebido, talvez por estarem mascarados nas falas de suas ações? Pode ter uma omissão destes, pela pesquisadora ser professora ou pensarem que eu poderia relatar para a instituição – “medo”?

Na última parte desta pesquisa foi analisado a fala e os eventos colocados por eles e o que pensam sobre o assunto. Através da prática docente, quando notamos o racismo e vamos intervir, o aluno geralmente reage de duas formas: ou ele se sente envergonhado e pede desculpas pelo que fez, e isso faz com que possa ou não repetir este erro. Ou este agressor olha e diz: “foi só uma brincadeira”, sendo este caso extremamente infeliz, pois não há a compreensão do seu próprio erro. Desta forma, este ato vai sendo naturalizado se não for orientado corretamente, porque sendo uma *“brincadeira”* ele vai repetir com outras pessoas

próximas, e essas também vão reproduzir e identificar da mesma forma gerando uma rede de banalização e manutenção do preconceito.

Importante mencionar que a Lei 10.639⁵⁰ nas escolas, posto que colabora para que estas práticas sejam trabalhadas de forma obrigatória, reconhecidas e encaradas como violência e crime⁵¹. Através dos conteúdos direcionados e adquiridos em sala de aula, da orientação no dia a dia e denúncia de tais práticas, para que alunos consigam perceber o quão grave a violência pode ser, assim como os danos acometidos por ela. A partir destes resultados podemos esperar que esse tipo de violência seja minimizado fora das instituições de ensino. É uma mudança social.

No próximo texto farei uma análise do racismo no processo histórico brasileiro, para que fique mais entendido como as desigualdades persistem neste país.

1.9.1. O Racismo no Brasil, Uma Reflexão

No contexto Brasil, ao abordarmos as questões sobre o tema racismo, devemos levar em consideração alguns aspectos, dentre eles os pontos históricos, ou seja, estudar o racismo por meio de uma perspectiva de longa duração. Fundamental é analisar também o racismo estrutural e, não estrutural da sociedade, assim veremos neste texto como a desigualdade racial está presente na história, estrutura e cotidianidade social, econômica e política da sociedade brasileira.

Para pensarmos sobre a história do racismo no Brasil, voltaremos a época em que portugueses faziam de escravos, nativos americanos e posteriormente os africanos, para trabalharem forçados em prol da coroa lusitana. E para isto utilizaremos da bibliografia de Carlos Hasenbalg em "*Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*".

Nesta obra, Carlos Hasenbalg explica a estratificação racial e, os mecanismos sociais que reproduzem as desigualdades raciais, bem como a relação com os aspectos históricos:

A degradação pela escravização, anomia social, pobreza e uma integração deficiente à estrutura da sociedade de classes combinaram-se, de forma a produzir um padrão de isolamento econômico e sócio-cultural de negros e mulatos. Este isolamento é considerado como anômalo dentro de uma sociedade "competitiva", "aberta e democrática". É explicado em termos da persistência do modelo tradicional e

⁵⁰ Estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Também estabelece o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra no calendário escolar.

⁵¹ Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997. "Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional." "Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

assimétrico das relações raciais. Após a abolição da escravidão, o modelo arcaico de relações raciais destinado a regular as relações entre senhores, escravos e libertos manteve quase totalmente. Com ele manteve-se também o padrão tradicional de concentração racial de poder, riqueza e prestígio. A destruição do regime de castas associado à escravidão não afetou as formas de acomodação racial desenvolvidas no passado; ao invés de entrar nas condições de classe, típicas da nova ordem social competitiva, negros e mulatos encontraram-se incorporados à plebe urbana e rural. (HASENBALG, 2008: 80)

O Brasil não é feito, e nunca foi, apenas por europeus. Há a mistura de povos diferentes que fazem parte da formação da sociedade brasileira, por isto lançou mão do conceito de miscigenação, que significa dizer mistura de raças e culturas. Antigamente se falava em mistura de raças, por isto o termo racismo, contudo já é sabido atualmente que entre humanos o que existe é a raça *Homo sapiens*⁵², porém, ideias como pensar que os africanos eram de raça diferente dos europeus, contribuiu para busca e pretensão de justificação do racismo europeu sobre outros povos a pelo menos 4 séculos, incluindo o Brasil.

O que observamos nas diferentes formas, culturalmente de se viver, é especificamente estudado pela antropologia. Portanto, um autor que contribuiu para pensarmos na ideia superioridade branca ao fazer a distinção das raças é Franz Fanon, antropólogo francês, especialmente através do texto *Pele negra máscaras brancas*.

Ao ser publicada, esta obra clássica do pensamento sobre a Diáspora Africana, do pensamento psicológico, do pensamento da descolonização, da teoria das ciências humanas, da filosofia e da literatura caribenha foi recebida ao mesmo tempo com escândalo e com indiferença. O ambiente em que a publicação ocorreu estava dominado pelo mundo latino, tanto francófono, quanto hispanófono ou lusófono, ou seja, um mundo em que o racismo contra os negros era considerado uma doença peculiar das sociedades anglófonas, especialmente nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Austrália e África do Sul. O retrato exibido neste livro revelava uma história diferente. Mostrava como a ideologia que ignorava a cor podia apoiar o racismo que negava. Com efeito, a exigência de ser indiferente à cor significava dar suporte a uma cor específica: o branco. (FANON, 2008: 13-14)

Corroborando com a citação acima, a ideia de raças foi criada para justificar indevidamente a dominação branca europeia sobre outros povos, e, assim, depois de muitos estudos, esta ideia foi descartada. As culturas são diferentes, mas também como mostrado

⁵² Ser Humano: Subespécie: *Homo sapiens sapiens*; Espécie: *Homo sapiens*; Género: *Homo*; Subtribo: *Hominina*; Tribo: *Hominini*; Subfamília: *Homininae*; Família: *Hominidae*; Superfamília: *Homininoidea*; Infraordem: *Simiiformes*; Subordem: *Haplorrhini*; Ordem: *Primates*; Infraclasse: *Eutheria*; Subclasse: *Theria*; Classe: *Mammalia*; Subfilo: *Vertebrata*; Filo: *Chordata*; Sub-reino: *Eumetazoa*, Reino: *Animalia*; Domínio: *Eukaryota*.

anteriormente, não deveria existir distinção entre os seres humanos. Por isto a mistura, a miscigenação que existe é entre culturas e etnias, e não raças.

A miscigenação é uma forte característica do Brasil, onde está presente diversas culturas que no passado e até hoje em dia se envolvem. Na época da colonização do Brasil, através dos portugueses, a marca da violência contra povos nativos originais da América e africanos, trazidos de seu continente de origem para serem escravizados, permanece até os dias atuais. Isto pode ser percebido, por exemplo, através do índice de violência contra a população negra ou, no caso dos nativos americanos, por meio de índices altíssimos de invasão em terras consideradas reservas destes povos. A resistência do nativo era feita na mata, assim como a dos negros que criaram o Quilombo dos Palmares, onde escravizados fugitivos formaram uma comunidade escondida.

Com a queda do modo de produção escravocrata, na era Imperial, época histórica em que o Brasil não era mais colônia de Portugal, no final do século XIX, foram trazidos para substituir a mão de obra dos negros, milhares de imigrantes europeus, principalmente nas regiões do Sul. Portanto, após 1889, depois da Lei Áurea, com a abolição da escravatura, muitos ex-escravizados ficaram sem trabalho. Este é um dos fatos fundamentais na compreensão da formação das cidades atuais, tal como Rio de Janeiro e São Paulo, pois estes descendentes de africanos, ex-escravizados foram se alojar no que hoje conhecemos por favelas, que foram as primeiras moradias deste grupo no Brasil.

Florestan Fernandes, por exemplo, no texto *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, mostra como esta integração na sociedade pós-escravocrata não aconteceu de maneira pacífica e que, a violência física, simbólica e psicológica, continuaram a serem exercidas pela classe burguesa dominante no Brasil para com os que apenas possuíam a força de trabalho.

Florestan localiza seu trabalho na cidade de São Paulo. E, de forma cuidadosa, vai tecendo as transformações que ocorreram na vida urbana no final do século XIX e início do XX e o lugar que os ex-cativos tiveram nessa sociedade burguesa emergente (...). No último capítulo, a principal intenção do autor é mostrar que o encontro dos negros, mulatos e brancos tinha sido desde o princípio deformador, e que não era possível se pensar que o cruzamento ou o processo de branqueamento que ocorrera no “meio negro” havia sido tão eficiente para se pensar numa “democracia racial” (NUNES, 2008: 248).

Nunes coloca “democracia racial” justamente pelo aspecto de que no Brasil, a democracia racial é uma mentira, e que a integração do negro na sociedade brasileira foi de

extrema dificuldade, inclusive na busca por bens básicos de sobrevivência, como são as procuras por emprego, moradia, saúde e educação.

Este racismo estrutural mostrado acima, foi enraizado nas pessoas que cometiam tal preconceito que eram e são racistas, o comportamento que é moldado em meio a este pensamento. E por exemplo, ainda como mostra Florestan Fernandes e Roger Bastide, no texto *Branços e Negros em São Paulo*.

Quando há vários filhos de côr diferente, o tom mais claro torna-se um fator de diferenciação afetiva por parte dos pais, e o ciúme levanta os irmãos uns contra os outros. Os mais claros têm vergonha dos outros e chamam-nos "negros". Os mais escuros respondem: "Você também não é branco, você é um descascado". Se saem juntos, os mais claros evitam levar os irmãos em certos lugares bem frequentados e preferem sair sozinhos quando podem. Têm medo de ser rebaixados pela presença de seus irmãos e de receber também o tratamento de "negros" (BASTIDE e FERNANDES, 1959: 214).

Esta diferenciação de filhos, por parte dos pais por conta da cor da pele, já demonstra outro fator importante do comportamento das pessoas na sociedade, em torno da ideia de não tratar iguais as pessoas, se justificando na aparência. Outro fator fundamental, é o psicossocial, que o texto acima declara, sobre o medo do rebaixamento pela presença dos irmãos e por também receber tratamento de "negro". O que o outro pensa ao meu respeito, afeta, por fazer refletir sobre ações antecipadas por temer e para evitar uma visão social.

Neste contexto de racismo, o Brasil adentrou ao século XX. A sociedade burguesa, majoritariamente agrária, no início do século e a expulsão dos negros das lavouras pela troca de mão de obra europeia resultou no aumento das cidades. Por isto o movimento societário de migração da comunidade negra é tão importante para explicar o racismo e, a alguns dados da sociedade brasileira, como por exemplo, a quantidade de pessoas negras presas, assassinadas, violentadas no Brasil, que são imensas, fato que demonstraremos no próximo tópico.

1.9.2. A Violência que recai sobre os negros no Brasil.

As questões de violência contra a comunidade negra no Brasil acontecem em diversos âmbitos: doméstico, de trabalho, na rua quando pensamos as operações policiais. A exemplo, o movimento recente *Black Lives Matter*, que teve início, depois que um policial branco asfixiou um cidadão negro nos Estados Unidos. Um fato semelhante ocorreu no Brasil

quando o menino de 14 anos, João Pedro Matos Pinto, foi assassinado no Rio de Janeiro por tiros da polícia, sendo a corporação considerada uma das mais violentas do mundo.

As violências contra os negros podem ser vistas em diversos exemplos no mundo, como as invasões à países africanos colonizados por europeus. Porém, no Brasil, esta violência também pode ser vista em casos como este citado no parágrafo anterior e em outros, como a violência doméstica. Para compreensão deste tema veremos alguns dados do mapa da violência no ano de 2020.

No gráfico abaixo, veremos como é alta a chance de uma pessoa negra ser assassinada vis-à-vis, ou seja, de uma pessoa negra ser assassinada a queima roupa.

Apenas em 2018, para citar o exemplo mais recente, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Comparativamente, entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 68% do total das mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 5,2, quase o dobro quando comparada à das mulheres não negras (Atlas da Violência, 2020: 47).

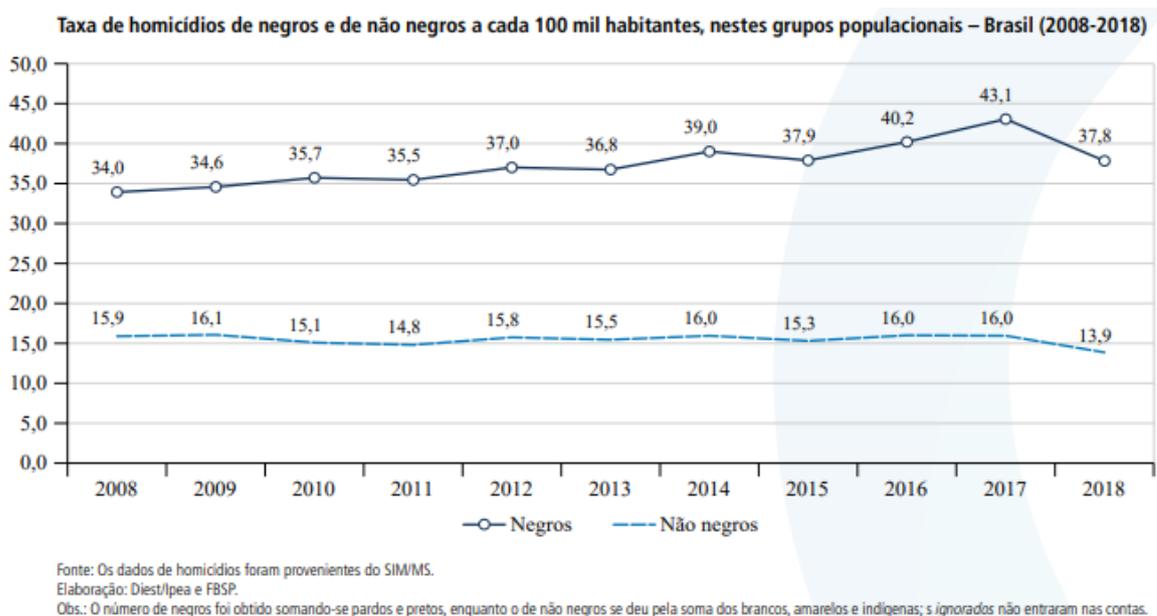
Tabela 1 – Chances de uma pessoa negra sofrer homicídio vis-à-vis uma pessoa não negra – Brasil (2008-2018)



As políticas públicas para diminuição da morte de pessoas negras no Brasil devem começar desde a primeira infância, passando por toda formação educacional e familiar, coletiva e individual, para convivência em uma sociedade cada vez menos racista. Portanto, os dados acima refletem uma verdadeira carnificina no país.

Outro dado fundamental para compreendermos as mortes das pessoas negras no Brasil é olharmos a taxa de morte a cada 100 mil habitantes. Por exemplo, no Acre, a cada 100 mil habitantes, morrem 52,8 pessoas negras, enquanto morrem 25,7 pessoas não negras. Por outro lado, quando olhamos o Paraná vemos que para cada 100 mil habitantes morrem mais não-negros do que negros, porém as taxas ainda são altíssimas⁵³, 17.7 para pessoas negras e 21.1 para pessoas não-negras⁵⁴. Lembrando que o número de pessoas negras no Acre (região Norte) é muito maior que do Estado do Paraná (região Sul do país). Desta forma, é possível afirmar que a maioria dos estados possuem alto índice de violência e morte contra as pessoas negras.

Tabela 2 – Taxa de homicídios de negros e de não negros a cada 100 mil habitantes, nestes grupos populacionais – Brasil (2008-2018)



O gráfico acima demonstra que no geral, no Brasil, em 10 anos, se mata mais negros do que não negros. Para cada 100 mil habitantes morreram, em 2018, a quantidade de 37.8 negros e 13.9 não negros, quase o triplo de diferença. O outro dado que assusta é quando olhamos para o início do medidor e o fim, enquanto a quantidade de pessoas negras assassinadas aumentou, as não negras diminuíram, isto olhando de 2008 e para 2018.

⁵³ FERRARI, Hamilton. População cresce com mais pessoas negras e pardas. Brasileiro envelheceu, segundo o IBGE; o número de pessoas abaixo de 30 anos caiu 5,4% de 2012 a 2021. Poder 360°. Disponível em: < <https://www.poder360.com.br/brasil/populacao-cresce-com-mais-pessoas-negras-e-pardas/> >. Acesso: 23 de ago. de 2022.

⁵⁴ Esse dado merece mais estudo, visto que a maioria dos Estados brasileiros os negros sofrem mais violência. O Estado do Paraná merece um estudo mais profundo.

Práticas intolerantes estão presentes na sociedade de forma direta, como as citadas acima, que resultam na morte de pessoas, ou ainda incutida em algumas falas, olhares e práticas de tratamento desiguais, que vão permanecendo através da reprodução social. Sobre as práticas racistas, Munanga destaca:

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence (MUNANGA, 2003).

De fato, práticas como estas acontecem fora e dentro de instituições de ensino, porém é também o sistema educacional que busca a desconstrução de atitudes discriminatórias, preconceituosas e etnocêntricas, ao buscar o conhecimento e reconhecimento do outro.

Tratando de uma questão estrutural, a análise é importante no sistema escolar, pois os alunos desta pesquisa se identificam como pretos, portanto, podendo sofrer diversos tipos de violências. É por isso que o presente trabalho frisa a importância de discutir maneiras de superar o problema do racismo, da discriminação e da xenofobia.

CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO NO BRASIL E A INSTITUIÇÃO PARA OS IMIGRANTES

Neste capítulo será abordado o processo de ensino, sendo ele essencial para esta pesquisa. Compreender como é a instituição de ensino, principalmente no estado do Paraná e no município de Arapongas-PR, é saber como estes alunos imigrantes vivenciam sua socialização e prática diária. Para isto, iniciarei relatando alguns problemas encontrados no ensino do Haiti e explicando o processo histórico e de luta pela educação no Brasil.

Falar da instituição educacional brasileira hoje não é o mesmo que há anos, o resultado que temos atualmente é de luta árdua e que ainda não está pronto, ou seja, a batalha continua para que o ensino seja notável e para todos de forma plena, principalmente para que de forma geral tenhamos a qualidade que realmente desejamos, por muitas vezes só colocados na lei, mas não contemplados no nosso cotidiano de sala de aula.

Sendo assim, destaco nesta parte do texto alguns problemas, como a falta de incentivo para abertura das turmas do noturno que resulta em fatores negativos para os alunos imigrantes, que precisam e desejam trabalhar durante o dia.

Também foi analisado o quadro de alunos imigrantes para o núcleo regional de Apucarana-PR, e a quantidade do grupo de alunos no município de Arapongas-PR, rede municipal e estadual de ensino e, qual a documentação necessária para que sejam matriculados em escolas brasileiras.

2.1. O processo para educação de qualidade e para todos no Brasil e os problemas que ainda enfrentam o ensino no Haiti

Cabe salientar que, no Haiti, o acesso a educação foi e continua sendo uma luta constante para a construção de um ensino igualitário. Como aborda Baptiste (2018), após a independência do Haiti, o ensino passou por diversas situações como resultados da desigualdade. Nessa primeira parte do processo era somente para áreas urbanas e filhos da elite, através do controle de instituições religiosas e somado também ao terremoto, que, infelizmente, matou milhares de professores e acabou com muitas instituições de ensino. A necessidade de busca por uma educação igualitária e autônoma no Haiti, é o resultado da falta de incentivo, preocupação e responsabilidade dos governantes.

Atualmente, no Brasil, temos um modelo educacional que busca a cada dia superar expectativas, entretanto, o processo de ensino, não foi muito diferente do Haiti no que diz

respeito a luta pela educação de qualidade para todos. Após a colonização, o Brasil viveu um processo violento em que indígenas e africanos foram escravizados e considerados inferiores. Eles, foram excluídos de qualquer participação do processo educacional, sendo forçados ao trabalho. Durante o período de independência brasileira, no século XIX, a educação era exclusividade dos considerados cidadãos - filhos da elite do poder -, aos demais cabia o trabalho e a exclusão do sistema de ensino.

Com a chegada dos imigrantes em nosso país, no início do século XX, a educação para este grupo, que era incentivada em seu país de origem e foi oferecida através da organização dos próprios imigrantes, como cita Galli (2018, p. 102): *“os imigrantes europeus deram continuidade ao processo de formação e educação escolar, religiosa e cultural, nas escolas étnicas, localizadas nas colônias e/ou regiões de concentração populacional daquela etnia”*. Porém, essa prática se tornou preocupante logo após o contexto da Primeira Guerra Mundial, por causa das questões de ideologia fascista e nazista que se espalharam, tornando-a restrita, até chegar na sua proibição.

Ainda sobre os momentos que abalaram a educação brasileira, vale salientar o período ditatorial, no qual a população estava inserida em um modelo educacional tecnicista, voltado ao mercado de trabalho e retirado toda forma de construção de uma ação própria e libertadora, o que implica novamente no atraso e retrocesso em relação a igualdade e democracia.

Neste sentido, é evidente que tanto a educação haitiana como a brasileira, tiveram processos diferentes, mas de luta diária para que a participação da população nesse processo fosse menos desigual, mesmo que em situações distintas. Lembrando que o ensino no Brasil ainda que ofereça melhores oportunidades, tem muito a desenvolver no sistema educacional.

2.2. O período noturno: uma oportunidade para os estudantes trabalhadores pobres

As atividades econômicas começam a cada vez mais cedo na vida dos jovens alunos, sendo imigrantes ou não. Muitos contribuem para a manutenção financeira da família e a oportunidade de continuar estudando é o sonho de muitos, contudo, com a necessidade de trabalhar durante o dia, só resta lhes resta o período noturno para a realização do sonho de melhorar as condições de vida através do estudo.

Para estes é de extrema importância que haja a manutenção do ensino no período noturno, uma vez que precisam trabalhar durante o dia todo para sustentar ou complementar a renda de suas famílias. Na realidade dos imigrantes isso também foi destacado.

Através de alguns relatos em 2020, dos alunos imigrantes, foi colocado que a educação é primordial para que eles consigam trabalho. Neste sentido, pude perceber que para eles, a educação e o trabalho estão entrelaçados. Vale ressaltar que, com a limitação do Ensino Médio noturno e a diminuição das turmas deste período⁵⁵, o número de alunos que trabalham e precisam estudar é drasticamente reduzido. Para isto, podemos comparar o número de alunos no período noturno nesta Instituição pela pesquisa de 2012 e 2022.

Quadro 1 – Turmas do Ensino Fundamental de 2012
Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio - Arapongas-PR

ENSINO FUNDAMENTAL – 2012			
Seriação	Turno	Quantidade Turmas	Quantidade de alunos
6º ano	Tarde	3	88
7º ano	Tarde	3	87
8º ano	Manhã	1	34
8º ano	Tarde	2	64
9º ano	Manhã	3	84
9º ano	Noite	1	37

Fonte: elaborada pela autora

Quadro 2 – Turmas do Ensino Médio de 2012
Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio - Arapongas-PR

ENSINO MÉDIO – 2012			
Seriação	Turno	Quantidade Turmas	Quantidade de alunos
1º ano	Manhã	2	62
1º ano	Noite	1	27
2º ano	Manhã	1	33
2º ano	Noite	1	42
3º ano	Manhã	1	23
3º ano	Noite	1	41

Fonte: elaborada pela autora

O quadro de 2012 mostra o número dos alunos dos três períodos, mas vale ressaltar que para esta parte faremos a análise somente do período noturno. Em 2012, o Colégio Antonio Racanello Sampaio possuía, no noturno, uma turma de 9º ano, com 37 alunos, no Ensino Fundamental. Para o Ensino Médio tinha um 1º ano com 27 alunos, um 2º ano com 42 alunos e um 3º ano com 41 alunos. O colégio possuía então o total de 147 alunos no período noturno.

⁵⁵ O número mínimo de alunos para a abertura das turmas é de 20 alunos, menor idade, que comprovem que estão trabalhando. Após essa listagem de alunos o colégio envia o relatório para o Núcleo Regional de Educação e após ser analisada por esse órgão vai também para a Secretaria de Educação do Estado e no final eles recebem a devolutiva sobre a aceitação.

Já o quadro de 2022 mostra a mudança no total de alunos do período noturno devido as restrições das turmas.

Quadro 3 – Turmas do Ensino Fundamental de 2022
Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio - Arapongas-PR

ENSINO FUNDAMENTAL – 2022			
Seriação	Turno	Quantidade Turmas	Quantidade de alunos
6º ano	Tarde	3	62
7º ano	Tarde	1	35
8º ano	Tarde	2	72
9º ano	Manhã	2	67

Fonte: elaborada pela autora

Quadro 4 – Turmas do Ensino Médio de 2022
Colégio Estadual Antonio Racanello Sampaio - Arapongas-PR

ENSINO MÉDIO – 2022			
Seriação	Turno	Quantidade Turmas	Quantidade de alunos
1º ano	Manhã	2	72
2º ano	Manhã	2	58
3º ano	Manhã	2	50
3º ano	Noite	1	37

Fonte: elaborada pela autora

Para o ano de 2022 também analisamos a quantidade de estudantes da turma do noturno. E o quadro revela que há apenas uma turma de 3º ano com 37 alunos, ou seja, a diferença é extremamente alta devido às limitações para abertura de novas turmas. Nessa perspectiva, pensamos nos alunos estrangeiros, em especial haitianos (objetos desta pesquisa), e em toda situação de ruptura e enfrentamento social que motivou suas famílias a migrarem. Ao mesmo tempo, para analisar esse processo é necessário verificar como isso afetará cada um em sua individualidade, e como cada um será influenciado sistema educacional, e como ocorrerá o seu processo de aprendizagem até o final do curso.

É necessário analisar as necessidades dos jovens e suas famílias para além de fatores científicos, mas também econômicos, sendo ou não estrangeiros eles precisam ter o direito ao estudo, assim como em anos anteriores, em que poderiam trabalhar durante o dia e ir para o colégio a noite. Atualmente alunos e suas necessidades estão sendo podadas.

Os alunos não são números, não são apenas resultados (como as notas trimestrais e as provas prontas e obrigatórias realizadas por eles – como prova Paraná e Prova Brasil). Eles devem ser observados de forma cuidadosa, analisando os possíveis problemas, ou as

diversidades podem modificar o processo de socialização e aprendizagem, resultando nos fatores psicológicos fundamentais para que estejam bem no processo educacional.

2.3. Alunos Imigrantes nas Escolas Brasileiras

Os alunos estrangeiros independente da nacionalidade não podem ter o acesso à educação negado, todas as instituições devem estar preparadas para recebê-los. Para o amparo legal podemos citar: Constituição Federal⁵⁶, artigos 5º e 6º, pelo Estatuto da Criança e Adolescente⁵⁷, artigos 4º e 5º, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁵⁸, artigos 2º e 3º, pela Lei dos Refugiados⁵⁹ (1997), artigos 43º e 44º e pela Lei da Migração⁶⁰, artigos 3º e 4º.

Começo fazendo uma análise do número de alunos estrangeiros, que foram matriculados no país no ano de 2010 a 2020, segundo os dados do Censo Escolar⁶¹ realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Por meio da tabela abaixo elaborada pelo OBMigra, podemos observar que o número total de

⁵⁶ **Art. 5º** - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos **brasileiros e aos estrangeiros residentes no País** a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]. **Art. 6º** - São direitos sociais **a educação**, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

⁵⁷ **Art. 4º** - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, **à educação**, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. **Art. 5º** - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

⁵⁸ **Art. 2º** - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. **Art. 3º** - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - **igualdade de condições para o acesso e permanência na escola**; [...] XII - consideração com a diversidade étnico-racial.

⁵⁹ **Art. 43º** - No exercício de seus direitos e deveres, a condição atípica dos refugiados deverá ser considerada quando da necessidade da apresentação de documentos emitidos por seus países de origem ou por suas representações diplomáticas e consulares. **Art. 44º** - O reconhecimento de certificados e diplomas, os requisitos para a obtenção da condição de residente e o ingresso em instituições acadêmicas de todos os níveis deverão ser facilitados, levando-se em consideração a situação desfavorável vivenciada pelos refugiados.

⁶⁰ **Art. 3º** - A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios e diretrizes: I - universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos; [...]; XI - acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, **educação**, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social; **Art. 4º** - Ao migrante é garantida no território nacional, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, bem como são assegurados: I - direitos e liberdades civis, sociais, culturais e econômicos; [...] X - **direito à educação pública**, vedada a discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória [...].

⁶¹ É o principal instrumento de coleta de informações da educação básica e a mais importante pesquisa estatística educacional brasileira. É coordenado pelo Inep e realizado em regime de colaboração entre as secretarias estaduais e municipais de educação e com a participação de todas as escolas públicas e privadas do país. Disponível em: Censo Escolar — Inep (www.gov.br)

matrículas de alunos imigrantes, no período de 2010 a 2020 no Brasil, cresceu consideravelmente, um percentual de 193,2%. Isto nos revela que a quantidade de estrangeiros que recebemos tem aumentado. E o Estado, ao acolher esta população, precisa estar preparado ou buscar formas para amparar de forma real. E, nós, como educadores, precisamos adaptar a nossa forma de lecionar, seja prestando atenção as dificuldades, trazendo novas estratégias de aprendizagem, acolhendo esses alunos e contribuindo na divulgação de dados sobre os países de origem e suas culturas a todos os educandos para que a experiência de sociabilidade e socialização possam se tornar uma realidade.

Tabela 3

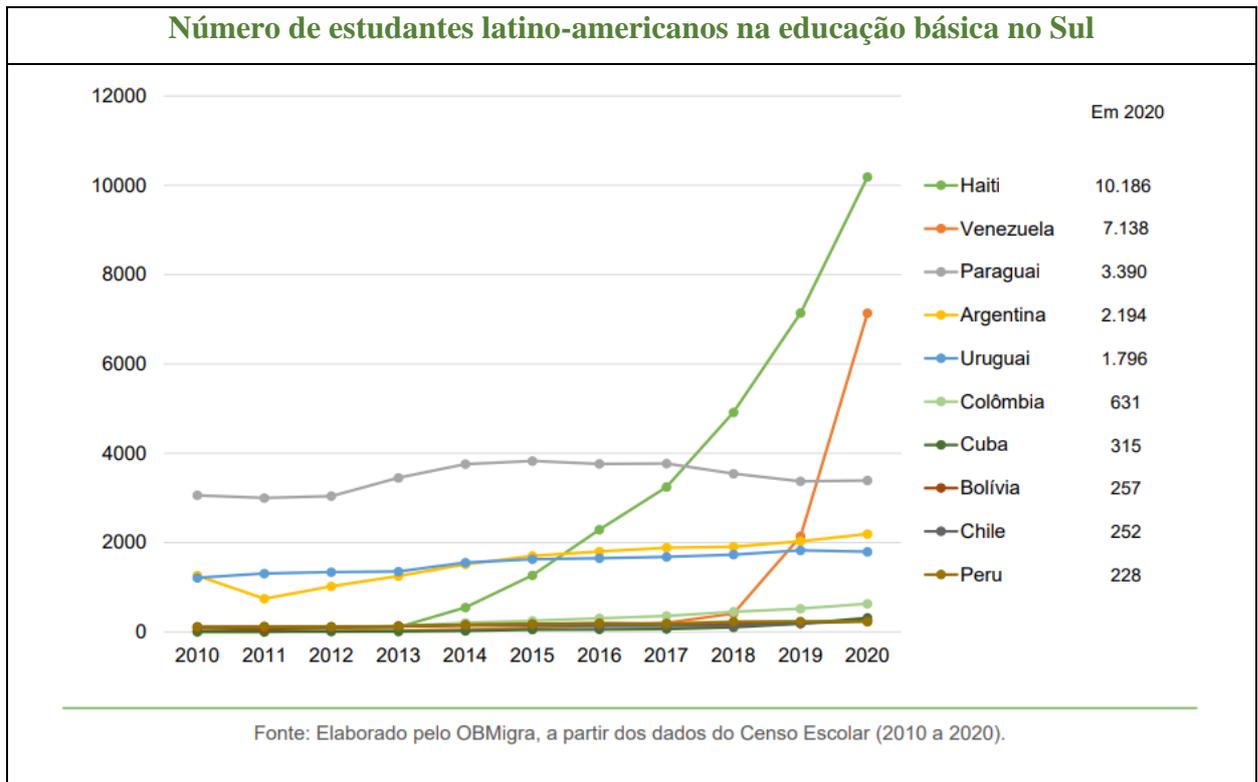
Número de imigrantes por sexo e etapa da educação em 2010 e 2020

Etapa da educação	2010		2020	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Educação Infantil	3.772	3.539	9.223	8.784
Ensino fundamental	13.435	12.887	39.759	37.434
Ensino Médio	2.710	2.826	8.055	8.001
Curso Técnico Integrado	171	65	532	408
Ensino Médio - Magistério	9	43	18	65
Curso Técnico / EJA	1.201	1.258	6.239	4.382
Total	21.298	20.618	63.826	59.074
	41.916		122.900	

Fonte: Elaborada pelo OBMigra, a partir dos dados do Censo Escolar (2010 e 2020).

Em relação aos números por região, ainda pelos dados do OBMigra de 2010 a 2020, o Sul teve um aumento na quantidade de matrículas de estrangeiros, sendo os haitianos o maior grupo com 10.186 estudantes. Ainda analisando a tabela abaixo, o crescimento se deu a partir de 2014 e foi sendo ampliado nos últimos.

Gráfico 1



Estes números correspondem a quantidade de imigrantes matriculados, porém não do número total de estrangeiros no país, pois algumas pessoas não conseguem estar inseridos na educação brasileira, como citado no trabalho de Vinha e Yamaguchi:

Sabe-se que, apesar da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) defender que a educação escolar pública deve ser um direito garantido a todos (Brasil, 1996), vários são os desafios que os imigrantes em idade escolar enfrentam tanto no acesso quanto na permanência nas escolas. Falta de documentação, domínio do idioma, xenofobia e ausência de suporte por parte do Estado são algumas das dificuldades enfrentadas pelas famílias de imigrantes (VINHA; YAMAGUCHI, 2021:255).

Sobre os problemas destacados por estes autores, foi identificado ainda nas entrevistas, algumas situações que reforçam as dificuldades no ambiente escolar, conforme mostraremos no último capítulo. O fato de ter na lei, uma forma de apoiar que essas pessoas estejam nas escolas, é extremamente importante e necessário, porém isso não a torna totalmente eficaz. São poucos os trabalhos e pesquisas científicas que falam sobre as crianças e adolescentes estrangeiros, ausentes do âmbito escolar que, por motivos diferentes, não conseguem estar introduzidos na educação. Ou então de pesquisas que abordam esses problemas, para o

reconhecimento dos leitores, para buscar sanar tais dificuldades e para o conhecimento dos próprios estrangeiros que estão aqui, ou que desejam vir.

2.3.1. Documentação nas escolas

Aqui abordaremos as questões burocráticas referente ao Ensino dessas crianças, adolescentes e adultos que desejam ou necessitam estudar. Quais os direitos e documentos que precisam ter, no momento da matrícula, para que este indivíduo possa participar do processo de ensino e aprendizagem das escolas brasileiras?

Para o processo inicial da matrícula, quando menor idade, os responsáveis precisam apresentar o comprovante de permanência no país (original e fotocópia) seguindo a instrução nº 10/10 – SEED/DAE/CDE⁶² (sobre os documentos necessários para a matrícula). Os alunos maiores de idade poderão apresentar o passaporte onde consta a filial.

O estudante deve apresentar documentos escolares originais das séries cursadas no seu local de origem, ou de onde estudou, caso seja em outro território. Esses registros deverão conter a Apostila de Haia⁶³, ou ainda passar pelo cônsul brasileiro do território em que estava.

Os alunos estrangeiros em nenhum momento poderão ter sua matrícula recusada pelas instituições de ensino, seja por falta de documentação ou incompatibilidade de disciplinas ou série/ano.

Art. 35 – O aluno oriundo de país estrangeiro que não apresentar documentação escolar e condições imediatas para classificação, deverá ser matriculado na série compatível com sua idade, em qualquer época do ano, ficando a escola obrigada a elaborar plano próprio para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessárias para o prosseguimento de seus estudos. (Artigo 35 da deliberação nº09/01 – CEE⁶⁴).

⁶² Os alunos nascidos no exterior e cujos pais também sejam estrangeiros deverão apresentar o original e uma fotocópia do comprovante de permanência legal no país expedido pelo Departamento de Polícia Federal. São válidos como prova de estada legal no Brasil: a) carteira de identidade para estrangeiro permanente (Anexo XVI); b) carteira de identidade para estrangeiro temporário (Anexo XVI); c) carteira de identidade para estrangeiro natural de país limítrofe com o Brasil, válida somente para os municípios de faixa de fronteira (Anexo XVI); d) passaporte diplomático ou oficial, com o respectivo visto consular, e carteira de identidade expedida pelo Ministério das Relações Exteriores; e) protocolo expedido como prova de que o Estrangeiro Permanente ou Temporário registrou-se no Serviço de Estrangeiros e está aguardando a expedição de sua carteira de identidade, com validade de 60 (sessenta) dias, prazo em que normalmente recebe a carteira; f) protocolo de requerimento de Registro Provisório, com validade expressa de 180 (cento e oitenta) dias; quando o prazo de validade estiver vencido, deverá ser solicitada sua revalidação na Polícia Federal, ou então certidão que estipule a condição do andamento do processo.

⁶³ <https://www.gov.br/mre/pt-br/consulado-washington/apostila-da-haia> Acesso em 20 de abril de 2023.

⁶⁴ Conselho Estadual de Educação.

Segundo o Conselho Estadual de Educação, as escolas deverão criar adaptações para reconhecer os conhecimentos e habilidades destes alunos, a fim de promovê-los para respectivas séries/anos.

2.4. Escolas Estaduais do Núcleo Regional de Educação de Apucarana-PR

A Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), está dividida em 32 núcleos⁶⁵ regionais de educação que representam diversas cidades do estado. Estes núcleos devem acompanhar e orientar o trabalho das escolas. As escolas estaduais do município de Arapongas são acompanhadas pelo Núcleo Regional de Educação de Apucarana.

Segundo a última pesquisa do NRE de Apucarana⁶⁶ para alunos estrangeiros no ano de 2020, o número é de 14 alunos estrangeiros no município de Apucarana, 23 no município de Arapongas e 1 aluno estrangeiro no município de Cambira. Com total de 38 alunos para este Núcleo Regional de Educação. Sendo estudantes estrangeiros: 26 haitianos, 9 venezuelanos, 1 estadunidense, 1 bengalês e 1 cubano.

Segue, no quadro abaixo a amostra dos estudantes estrangeiros por município, escola, o ano/série que cursava e a nacionalidade (2020)

Quadro 5 – Estudantes estrangeiros do NRE de Apucarana - cidade Apucarana - PR

APUCARANA		
ESCOLA	ALUNO - SÉRIE/ANO	NACIONALIDADE
C. E. Pe. José Canale	1 aluno – 7º ano	Venezuelano
C. E. Prof. Izidoro Luiz Cerávolo	1 aluno – 1º ano	Cubano
C. E. Alberto Santos Dumont	2 alunos – 2º ano	Venezuelanos
	1 aluno – 2º ano	Venezuelano
C. E. do Campo Cel. Luiz José dos Santos	1 aluno – 6º ano	Haitiano
	2 alunos – 7º ano	Haitianos
	2 alunos – 1º série	Haitianos
	1 aluno – 2º série	Haitiano
C. E. Polivalente	1 aluno – 7º ano	Venezuelano
C. E. São Bartolomeu	1 aluno – 6º ano	Haitiano
C. E. Prof. Francisco Antonio de Sousa	1 aluno – 6º ano	Haitiano

Fonte: elaborada pela própria autora

⁶⁵ Apucarana, Área Metropolitana Norte, Área Metropolitana Sul, Assis Chateaubriand, Campo Mourão, Cascavel, Cianorte, Cornélio Procópio, Curitiba, Dois Vizinhos, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Goioerê, Guarapuava, Ibaiti, Irati, Ivaiporã, Jacarezinho, Laranjeiras do Sul, Loanda, Londrina, Maringá, Paranaguá, Paranaíba, Pato Branco, Pitanga, Ponta Grossa, Telêmaco Borba, Toledo, Umuarama, União da Vitória, Wenceslau Braz.

⁶⁶ Este NRE (Núcleo Regional de Educação) atende 16 municípios: Apucarana, Arapongas, Bom Sucesso, Borrazópolis, Califórnia, Cambira, Cruzmaltina, Faxinal, Jandaia do Sul, Kaloré, Marilândia do Sul, Marumbi, Mauá da Serra, Novo Itacolomi, Rio Bom e Sabáudia.

Quadro 6 – Estudantes estrangeiros que pertencem ao NRE - Apucarana – Cid. Arapongas-PR

ARAPONGAS		
ESCOLA	ALUNO - SÉRIE/ANO	NACIONALIDADE
C. E. Ivanilde de Noronha	1 aluno – 1º ano	Bengalês
C. E. Antonio Racanello Sampaio	3 alunos – 6º ano 1 aluno – 7º ano 2 alunos – 8º ano 4 alunos – 1º ano 6 alunos – 2º ano 1 aluno – 3º ano	Haitianos Haitiano Haitianos Haitianos Haitianos Haitiano
C. E. Marquês de Caravelas	1 aluno – 2º ano	Venezuelano
C. E. Antonio Garcez Novaes	1 aluno – 9º ano	Estadunidense
C. E. Francisco Ferreira Bastos	1 aluno – 6º ano 1 aluno – 8º ano 1 aluno – 9º ano	Haitiano Venezuelano Venezuelano

Fonte: elaborada pela própria autora

Quadro 7 – Estudantes estrangeiros que pertencem ao NRE de Apucarana – cidade Cambira-PR

CAMBIRA		
ESCOLA	ALUNO - SÉRIE/ANO	NACIONALIDADE
C. E. Rosa Delúcia Calsavara	1 aluno – 6º ano	Venezuelano

Fonte: elaborada pela própria autora

2.5. As Escolas Municipais - Arapongas-PR

No dia 12 de setembro de 2022, tive o primeiro contato com a Secretaria Municipal de Educação de Arapongas, para obtenção dos dados do município referente aos alunos estrangeiros de cada instituição de ensino, a nível de 1º à 5º ano. Após a conversa com a secretária municipal de educação, Maria Helena, decidimos por obter os resultados de 2022 através de uma pesquisa elaborada no *google forms* e, enviada a cada instituição do município. A resposta das escolas foi rápida e permitiu que a tabela abaixo fosse realizada e analisada.

O município de Arapongas abrange 24 escolas, sendo 21 na zona urbana e 3 rurais. Estas instituições contam com ensino fundamental I - anos iniciais – que compreende do 1º ao 5º ano, sendo que a criança ingressa no 1º ano aos 6 anos de idade. Das 24 escolas municipais, 21 responderam o formulário de imediato, outras 3 precisaram de nova comunicação para fazer o preenchimento, para que a pesquisa tivesse uma exatidão no resultado das informações.

A investigação desses dados complementa a pesquisa realizada no município, uma vez que não foi possível obter materiais mais relevantes em relação ao número de estrangeiros nesta cidade junto à prefeitura.

Quadro 8 – Estudantes estrangeiros nas escolas municipais de Arapongas – PR – 2022

ESCOLA	ALUNO - SÉRIE/ANO	NACIONALIDADE
1- Escola Municipal Júlio Savieto	1 aluna – 2º ano;	Venezuelana
2- Escola Municipal Aricanduva	-----	-----
3- Escola Municipal Joarib Grillo Cordeiro	-----	-----
4- Escola Municipal José Bernardo dos Santos	-----	-----
5- Escola Municipal Padre Germano Mayer	-----	-----
6- Escola Municipal Doutora Maria Hercília Horácio Stawinski	-----	-----
7- Escola Municipal Papa João Paulo II	-----	-----
8- Escola Municipal Professora Antonica Girolto Franciosi	-----	-----
9- Escola Municipal Dr. Antonio Grassano Junior	-----	-----
10- Escola Municipal Professora Heloiza Maria Victorina Palmyra Curotto Giancristofaro	1 aluno - 1º ano; 1 aluno - 1º ano; 1 aluna - 2º ano; 1 aluna - 2º ano; 1 aluno - 4º ano; 1 aluno - 5º ano;	Haitiano Haitiana Haitiana Haitiana Haitiano Haitiano
11- Escola Municipal Rural São Carlos	-----	-----
12- Escola Municipal Professora Aleydah Costa Santos Oliveira	1 aluno - 5º ano; 1 aluno - 2º ano; 1 aluna - 2º ano; 1 aluna - 3º ano;	Venezuelano Venezuelano Venezuelana Venezuelano
13- Escola Municipal Padre Chico	-----	-----
14- Escola Municipal Prof. Alzira Horvatic	1 aluna - Eja Fase I; 1 aluno – Eja fase I;	Haitiana Haitiano
15- Escola Municipal Antônio de Moraes Barros	-----	-----
16- Escola Municipal Presidente Getúlio Vargas.	5 alunos - 1º etapa - noturno; 2 alunos - 1º etapa noturno; 1 aluno - 3º ano; 1 aluno - 3º ano; 1 aluno - 4º ano;	Haitianos Haitianos Haitiano Haitiano Haitiano
17- Escola Municipal Desembargador Clotário Portugal	-----	-----
18- Escola Municipal Albor Pimpão Ferreira	-----	-----
19- Escola Municipal Professora Diomar De Oliveira Pegorer	1 aluna - 4º ano;	Venezuelana
20- Escola Municipal Professor José de Carvalho	-----	-----
21- Escola Municipal I Professora Nereide Souza Camargo	-----	-----
22- Escola Municipal Colônia Esperança		
23- Escola Rural Municipal Duque De Caxias		
24- Escola Rural Municipal José Monteiro	-----	-----

Fonte: elaborada pela própria autora

Com o quadro acima podemos observar que 24 estudantes são estrangeiros e destes 18 são haitianos. Lembrando que algumas instituições contam com a EJA⁶⁷ – Educação de Jovens e Adultos, assim não somente crianças de 6 a 11 anos participam das instituições, mas adultos ou idosos podem estar estudando nesses locais com idades variadas.

Essas pessoas contam com uma rede familiar, principalmente quando se trata de estudantes crianças e que precisam do apoio de adultos responsáveis. Isso mostra que o número de estrangeiros é relativamente maior que o observado.

⁶⁷ Na tabela os alunos referentes a EJA foram informados pela fase ou etapa de ensino, eles lecionam no período noturno.

CAPÍTULO III - OUVINDO OS ALUNOS IMIGRANTES DO COLÉGIO RACANELLO

Neste capítulo serão analisadas as entrevistas, o relato de como foi, de quem são esses entrevistados, de onde vieram e o que foi compartilhado por eles, analisando e explicando algumas partes essenciais destacadas por mim, seguindo alguns critérios já citados nos textos acima. Abaixo segue o perfil dos alunos entrevistados.

Quadro 9 - Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Nome	Sexo	Idade	Nascimento	Série/ano
Entrevistado 1	F. N. V.	Feminino	13	Haiti – Saint Michel	
Entrevistado 2	E. J	Feminino	11	República Dominicana	6º ano E.F
Entrevistado 3	N. T.	Feminino	14	Haiti	9º ano E.F
Entrevistado 4	O. J.	Feminino	15	República Dominicana	9º ano E.F
Entrevistado 5	E. F.	Feminino	16	República Dominicana	2º ano E.M
Entrevistado 6	G. J.	Masculino	21	Haiti - Plaisance	2º ano E.M

Fonte: elaborada pela própria autora

3.1. Relato das entrevistas

As entrevistas seguiram a partir do roteiro de questões, ora anexado, elaborado com vistas ao diálogo que poderia surgir durante a pesquisa. Além disso, embasaram-se na experiência obtida nos anos que lecionei para os alunos imigrantes. O roteiro foi elaborado pensando em quais informações poderiam colaborar para ajudá-los no processo de ensino-aprendizagem, de forma plena e na socialização dentro e fora dos portões escolares.

A entrevista foi precedida da aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética. Além disso, também se buscou informações sobre a matrícula dos estudantes, mediante a realização de reunião, com diretor e pedagogas do colégio e conversas com a secretária para obter informações mais precisas quanto a matrícula desses alunos. Convém destacar que todos os funcionários manifestaram apoio à pesquisa.

Na sequência, a pedagoga informou aos alunos da participação deles na pesquisa, encaminhando-se o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para que os responsáveis assinassem. Após isto as reuniões foram agendadas.

Antes de iniciar a pesquisa, expliquei de forma detalhada como seria o desenvolvimento do trabalho indicando seu local de realização, sua importância e responsabilidade com as informações coletadas, bem como espaço no qual aconteceriam as

reuniões. Foi dito que ocorreria em sala individual, para evitar a dispersão ou incômodo dos entrevistados. Nesta senda, a pedagoga do período vespertino sugeriu que a reunião fosse realizada em sala localizada em bloco separado, para não ter interferências durante o diálogo, já que durante esse turno não eram ministradas aulas naquele local.

Na sequência, me levou à sala da primeira entrevistada, ocasião em que fez a apresentação formal, e após, nos dirigimos para o local da reunião em que, novamente foi explicado sobre a importância da conversa e dos documentos necessários para a permissão do diálogo.

No período matutino, por sua vez, em razão da ocupação de todas as salas com aulas, as reuniões eram realizadas no laboratório de química, de maneira mais improvisada e menos aconchegante, porém com o mesmo empenho. Ressalta-se também que neste espaço uma das alunas iniciou nossa conversa apontando para uma cobra que estava dentro de um pote (para experiência) e disse que tinha muito medo. Percebi nesse momento certa distração pelos objetos e animais que estavam expostos no local. Acho importante relatar que, o local das entrevistas, deve ser analisado antes pelo pesquisador se houver a oportunidade, lembrando que neste caso não tínhamos outra opção, uma vez que todos os outros locais estavam ocupados.

A reunião concedida no período noturno foi no dia que o aluno estava levando atividades para o colégio, pois naquela semana ele fazia as atividades domiciliares. E após a pedagoga me relatar tal situação, utilizamos a data da entrega para realizar a entrevista. A pedagoga ofertou sua sala para realização da reunião, já que durante aquele momento ela estaria em outro espaço e seria melhor se tratando de apenas uma entrevista.

Cabe relatar que a maioria dos alunos demonstraram estar à vontade com a entrevista, apenas uma aluna mostrou um pouco de receio, talvez devido a sua timidez. No entanto, no início do diálogo ela foi indagada se gostaria de participar da entrevista e, afirmou que sim.

Os jovens alunos entrevistados têm idade de 11 à 21 anos, sendo 5 mulheres e 1 homem. Todos se declaram pretos ou negros, sendo que apenas uma aluna não compreendeu a pergunta e relatou ter várias cores, rosa, amarelo, vermelho. Importante mencionar que a falta de compreensão e a má interpretação ocorreu com parte de algumas entrevistas, onde os alunos respondiam algo que não fora perguntado.

O local de origem dos entrevistados varia entre o Haiti, Plaisance, Santo Michel e a República Dominicana, sendo o idioma materno o crioulo, francês ou castelhano, número significativo para a quantidade de seis entrevistas. Em diálogo, a entrevistada disse que em um mesmo local, no Haiti, pode-se encontrar idiomas diferentes.

Ainda sobre o local, os alunos adolescentes entrevistados relataram problemas em suas vidas no local de origem, entre as falas, destaco:

ENT. 3 Não lembro muito. Não saía para ver as coisas. Minha mãe não deixava, *lá é perigoso, tem um pouco de guerra.*

ENT. 5 Ia para a escola e ficava em casa. Às vezes não ia para a escola, tinha greve. *E por causa da vida, condições minha tia não conseguia comprar comida, emprestava dinheiro, fiquei com fome, sem comer.*

Fica claro que os problemas foram percebidos pelos alunos, mesmo sendo muito jovens, vivenciando na infância ou por ouvir de seus familiares. Ainda sobre o local que mais sentiu dificuldade, a entrevistada 5 disse que era *“No Haiti, porque não tem trabalho para os pais, os problemas na rua...”*.

Mas, quando foi falado sobre a experiência de viver no Brasil, o que procuravam e onde se sentem melhor, seguem alguns depoimentos:

ENT. 1 Meu pai veio [para o Brasil] quando tinha [eu] 6 anos. *Depois de 4 anos ele quis buscar a gente, porque é bem melhor que lá por causa da insegurança.* Ele queria ganhar mais dinheiro, queria vir antes para saber se era bom ou se era ruim.

...Lá não é situação muito boa. Tem gente que fala que aqui é ruim, mas elas nunca foram para lugar pior que aqui. Insegurança, mataram o presidente, não tem segurança nenhuma. (...)

ENT. 4 Os dois têm seus lados bons. Lá tem família e *aqui segurança...*
...Falaram de segurança e estudo. Lá é bom, mas eles não conseguem ir para a escola por falta de segurança...

ENT. 5 *Aqui no Brasil eu sorrio, não tem problema político...*

ENT. 6 *Aqui é ótimo, mais tranquilo, tô de boa.*
...Achar uma vida melhor, trabalho.

É possível perceber que imigrar e vir para o Brasil é a busca de uma situação melhor não só economicamente, mas principalmente seguro. Ao vir ao Brasil, ficar por um tempo e procurar meios de buscar sua família parece significar pensar principalmente nos fatores de proteção.

Sempre que falavam da família os alunos entrevistados destacavam sobre o trabalho de seus responsáveis, com quem moram, como vivem:

ENT. 2 - *Irmã, tio, avó e pai. Minha família é humilde, o pai trabalha muito, o tio também trabalha.*

ENT. 3 – Pai, minha irmã, o tio, mas foi para o México. *Meu pai e minha irmã trabalham.* Ficamos bem. Converso mais com meu pai.

ENT.5 - Morava com meu pai, mas teve problema com os outros filhos dele. *Ele alugou uma casa e me levou para morar sozinha.* Meu pai me vê todo dia em casa.

...Não tem TV, só computador na casa. ... *Meu pai trabalha na granja em Rolândia. Entra 13:00 horas e sai 1:00 hora, só não domingo.*

No relato da entrevistada 5, uma forte mensagem de uma menina que mora sozinha por ter vivido problemas com outras pessoas da família, mesmo excluída da família, vê seu pai como zeloso em sua relação afetiva, ainda que trabalhando diariamente num período longo e exaustivo.

Somente um dos alunos, o ENT. 6, com 21 anos de idade, trabalhava durante a entrevista. Segue seu depoimento:

ENT. 6 - *Faço tudo na fábrica de embalagens...* Eu gosto, pois voltei para o Haiti e depois me empregaram novamente. ...Primeiro trabalho foi um amigo do colégio que consegui, *era ruim, era tapeceiro, o pagamento vinha errado e o homem era mal-educado.*

Este aluno citou a satisfação pelo atual trabalho, em vários momentos ele demonstra estima pelos colegas de profissão e pelo patrão. Foi possível observar em sua entrevista certo entusiasmo ao falar de seu trabalho, sempre com sorriso no rosto. Outro relato forte foi da entrevistada 1, que explicou a insatisfação com o trabalho dos pais aqui no Brasil. Segundo ela:

ENT. 1 – Na verdade muita coisa me agrada, as coisas como funcionam, *o que não agrada o trabalho do pai e mãe, muita reclamação, dor nas costas. No Haiti meu pai era diretor e mãe costureira e professora, uma semana que trabalha ganhava o que ganha no Brasil. Meu pai trabalha na loja de móveis, minha mãe não sei muito bem. Mas preferem trabalhar que ficar em casa.*

Este trecho apresenta certa insatisfação pelo trabalho dos pais, o fator de saúde somado ao descontentamento econômico, ao receberem menos que no Haiti. Podemos refletir que as questões que a marcou ao pensar na família é de sofrimento. A atividade dos pais no Brasil é bem diferente do que exerciam. Observando a forma com que ela argumentou, talvez a única possibilidade de permanência aqui esteja associada apenas em viver com segurança, pois para essa família, o fator econômico não se tornou ainda convincente.

Na maioria das entrevistas, se tratando em menor idade, elas disseram não ter opção em continuar em seu país de origem e, isso traz momentos tristes de lembranças que geralmente diz respeito a um familiar. É visível a mudança de olhar e comportamento quando citam sobre os que ficaram.

Ainda sobre a necessidade de regresso ao país, podemos pensar sobre a saudade de seus familiares incluindo ou não a busca desses. Quando eu pergunto sobre o desejo de retornar ao país de origem, como eles definem o processo de imigração ou sobre o que sentem falta, afirmam:

ENT. 4 - Sim, antes de [me] acostumar... Agora eu gosto. *Eu voltaria para ver a família e amigos.*

ENT. 5 - *Eu queria a mudança, a vida melhor.* Quando acaba estudo tem que pagar monte de dinheiro para faculdade. Aqui não, é uma oportunidade.... *O meu tio morreu, quero trazer minha tia, mas vai demorar.*

ENT. 5 - *Só para buscar minha tia e prima de sete anos.*

Nestes casos, elas abordam o desejo, a vontade de buscar alguém para viver uma vida melhor e amenizar a saudade, mas temos outros diálogos onde citam que isso aconteceu com eles:

ENT. 3 - Não sabia como era, *só sei que meu pai foi me buscar e eu vim.* Foi dois dias de viagem.

ENT. 6 - Aqui é ótimo, mais tranquilo, tô de boa. *Irmão veio, depois a mãe e depois eu.*

Eu gosto, pois voltei para o Haiti e depois me empregaram novamente.

Esses dois últimos explicam que alguém da família já estava no Brasil e voltou para buscá-los. No caso do ENT. 6 em parte do seu relato explica também que estava trabalhando em Araçongas, mas precisou sair de seu emprego, pois voltaria para o Haiti, no entanto, quando retornou ao Brasil seu patrão o aceitou novamente à empresa, fato visto por ele com surpresa. As narrativas evidenciam o que foi abordado por Joseph 2015, na “*diáspora africana - residir no exterior, voltar ao Haiti e retornar ao exterior*”.

Outro fator muito importante ao buscar outro país para viver, além do trabalho para sustento de suas famílias, é a busca pela educação que proporcionará o conhecimento científico e o processo de socialização aos seus filhos.

Ao perguntar nas entrevistas sobre o que agradou no Brasil, entre as respostas está a escola, incluindo que alguns alunos analisaram as diferenças entre o ensino no Brasil e no Haiti. Seguem os relatos:

ENT. 1 - Bom, a gente morava numa cidade pequena. Não era rica, mas tinha o que precisava para viver. *A escola eu não gostava porque lá é permitido bater nas crianças.* A professora me bateu por errar uma conta no quadro.

ENT. 3 - *Aqui tem mais segurança que lá. Aqui escola é pública e lá tem que pagar....*

ENT. 4 - Agrada a ajuda, as pessoas. *A escola não precisa pagar e ajuda quem não trabalha... No Haiti tem que pagar...*

ENT. 5 - Gostaria de terminar os estudos, faculdade, ser modelo, estudar ciências judiciais, *com dinheiro queria construir escola que não precisa pagar. Lá precisa pagar. Na rua da minha tia crianças não estudam e fazem crime, bandidos com armas e drogas.*

...Eu queria a mudança, a vida melhor. *Quando acaba estudo tem que pegar monte de dinheiro para faculdade. Aqui não, é uma oportunidade...* Muito diferente, lá não quer estudar bateu, aqui não. *Lá não tem merenda, aqui sim. E meu pai não paga escola, aqui não grita com os alunos.*

Podemos observar que na maioria dos relatos, o que marcou foi o ensino no Brasil ser gratuito e o contato dos professores como “*não poder bater em alunos*”. Outro fator que chama atenção, é a entrevistada 5 expor que crianças ficam sem estudar limitadas por questões econômicas, e isso gera um aumento na criminalidade. Os relatos são fortes, as falas desses alunos nos mostram como é importante o incentivo e investimento na educação, para colaborar com outras questões sociais. Mas também falam das dificuldades que vivenciam nas escolas brasileiras:

(Sobre a dificuldade com a língua)

ENT 1 - Não muito, no começo não entendia nada, depois de 2 meses estava aprendendo, ainda estou, mas, fui aprendendo palavras novas, escrevendo.

ENT 5 - R. Entendo um pouco, mas quando tenho dificuldade o Marcos me explica.

(Sobre a educação no Brasil)

ENT 2 - ... Acho bom que quando a gente passa mal os professores ajudam. *Tenho ansiedade e falta ar.*

ENT 5 - Não sei fazer todas as atividades. Lá eu fazia tudo primeiro, *aqui tenho dificuldade no estudo.*

(Sobre a adaptação na escola) ENT 4 - Adaptação foi fácil a *interação com os alunos mais difícil.* A gente é diferente... mais conservador e aqui é mais espontâneo e quando tento ser assim dá errado...

As descrições afirmam a minha preocupação, os problemas relacionados com a língua mostram que, com o tempo os alunos vão se adaptando e cada um vai aprendendo com a ajuda do outro, seja o colega da escola, ou do pai que traduzia conteúdo e auxiliava em casa, até aprender e melhorar a língua para seu desempenho nas atividades.

No caso da entrevistada 5 ela afirma dificuldade na aprendizagem. Segundo ela os problemas seguem no Brasil, pois na República Dominicana (país de origem) ela “*fazia tudo em primeiro*”, ou seja, não tinha dificuldades.

Para a entrevistada 2, a preocupação é em relação ao seu aspecto psicológico, a aluna expõe problemas como crises de ansiedade. Quais os fatores que justificam tal situação? A mudança para um novo país? A nova escola? Os colegas de sala? A forma de ensino deve ser totalmente modificada? Infelizmente não obtive resultado para tal relato. Mas, a junção desses fatores, somados a outros problemas podem aprofundar as dificuldades no ambiente escolar.

Para a entrevistada 4, a dificuldade encontrada é interação com os alunos. Talvez atividades que pensem mais nas relações de solidariedade, empatia, reconhecimento, diálogo, seguido por atividades em dupla ou grupo possibilitaria uma convivência melhor.

Ainda sobre o ensino no Brasil, em algum momento dessa trajetória, a maioria dos alunos imigrantes relatou passar pela não aceitação de colegas no ambiente escolar. O que eles citam, por vezes, como bullying, é notadamente o racismo escancarado que, existe em toda estrutura social, mas, infelizmente, ocorre nas instituições de ensino.

A escola deveria, assim como a família, orientar sobre os problemas e as consequências do racismo, mas muitas vezes não possuem formação suficiente para lidar com o problema do racismo. Digo que deveria, não no sentido em que alguns professores ou responsáveis não o fazem, mas deveriam ter uma melhor orientação para lidar com as consequências do racismo. Mesmo com orientações, direitos e leis que amparem na vida social ou no ensino, como a Lei 10.639/03, onde explica sobre a importância de trabalhar conteúdos e questões antirracistas, não encontramos resultados que contribuam com o acolhimento dos estudantes.

Os entrevistados também revelaram situações diferentes sobre racismo, onde percebem essas ações:

Ent.1 - Quando cheguei já me matricularam e fui para a escola, não foi muito bom *sofria bullying*, muito triste, ficava quieta, não respondia. Sexto ano no Racanello não foi muito agradável, foi muito chato, depois fui fazendo amigos, *on line* também. Senti muita dificuldade. *Falavam coisas de mim, não queria fazer trabalho comigo*. Comecei a falar português muito rápido. *Me acho estranha, os alunos me acham estranha....*

...Só num momento sofri *bullying*, nem sabia o que era isso depois que fui entender. Nossa eu tinha amigos que me amava. Lá todo mundo me conhecia, era popular e eles gostavam de mim.

ENT. 4 - Achei bom, *minha prima sofreu bullying*, mas não aconteceu comigo. Porque fui para o Albor e lá tem bastante haitiano, eles estavam acostumados.

ENT. 5 - Achei legal. *Segunda, teve aluno que disse que eu não sou do país dele, sou diferente, eu chorei, achei ele racista*. Vocês que tem que me ensinar. *Estranho*.

ENT. 6 - Tô me sentindo bem, *mas tem gente que não é igual...* Mas me trataram bem. *Quando falam que sou preto*.

A maioria dos depoimentos são respostas às perguntas sobre o acolhimento no Brasil. Esses trechos das entrevistas que notadamente as situações incluem racismo, xenofobia ou as duas práticas.

Fiquei preocupada com a distorção feita do bullying que é muito trabalhado em escolas, porém pode camuflar ou confundir com o racismo ou xenofobia, pois os alunos interpretam como todo preconceito e discriminação em âmbito escolar, e essa visão também pode ter sido feita pela entrevistada 1. Desta forma, tanto profissionais como alunos podem se referir erroneamente a uma agressão, não me referi ao sentido de retirar a gravidade e violência do bullying, mas de perder os conceitos reais de práticas racistas que devem ser denominadas corretamente, para não anular por exemplo um ato racista ou xenofóbico.

Outra situação que percebi foi na fala da entrevistada 4 que relata não ter passado por nenhuma situação de violência, porém ter compartilhado o que a prima sofreu. Se essa vítima conversou com ela sobre os motivos da violência psicológica serem pesadas e difíceis de suportar, deveriam ser compartilhadas, discutidas, pois traz incômodo e sofrimento. É difícil para os estudantes explicitarem suas dificuldades...

Quando conversamos sobre o racismo de forma geral, os alunos me responderam de maneira humana e empática, com olhares de quem já sofreu ou que ao menos percebe que isso acontece. Seguem alguns relatos:

ENT. 1 - Bom eu *acho que pode levar à morte*, lógico que eu acho ruim. Já passei em um grupo de desenho e a menina falou: *se você é branca automaticamente você é bonito*.

ENT. 2 - Eu acho muito estranho julgar outra pessoa por causa da cor, porque tipo, *todo mundo é ser humano*. Minha *irmã passou por isso um dia* e me contou.

ENT. 3 - Não é legal, todo mundo é igual. Pode não ser igual na pele, mas são seres humanos.

ENT. 4 - *Dá para mudar...* primeiramente *ter empatia* e entender que todos são iguais nas suas diferenças.

ENT. 5 - Não gosto... Todo mundo é igual, *não percebo essa diferença. Quando faz eu me sinto diferente...*

ENT. 6 - *Aqui não tem muito, mas tem.* Eu ignoro, fico de boa. Ele que vá pensar no que fez.

Os alunos entrevistados compartilham do mesmo pensamento, “somos iguais e deveríamos respeitar o outro”. Ainda pontuaram novas situações como não ter sofrido racismo, mas ter compartilhado da dor de algum familiar.

No caso do entrevistado 6 nos trouxe uma passividade, “*Eu ignoro, fico de boa. Ele que vai pensar no que fez*”. Esse me trouxe mais a preocupação de que precisamos repensar as ações e, trabalhar profundamente com nossos alunos a importância de dizer quando uma situação é preconceituosa, ou racista ou xenofóbica.

É necessário trabalhar os conceitos e as ações, deixando nítido aos estudantes que denunciar essas atitudes não significa incitar novas formas de violência, mas é importante dar visibilidade para esses problemas para que as pessoas se reconheçam, tanto os agressores como as que devem contribuir para a superação do racismo. Somente com a explicitação e a resolução do problema será possível superar o racismo na escola. A parte teórica sobre esse tema se encontra em: “***O Racismo no Brasil, Uma Reflexão***”, no texto acima.

Acrescente-se sobre o racismo que, nas entrevistas os alunos com menor idade, demonstravam mais indignados e aptos a lutar contra as dificuldades do racismo, pareciam mais disposto do que a pessoa mais experiente, como o estudante de 21 anos de idade, que diz preferir ignorar, no sentido “*ele que está perdendo em fazer isso*”.

Outro ponto encontrado é a socialização desses jovens, que em sua maioria só tem contato com familiares e poucos colegas da sala de aula. O entrevistado maior de idade, e que trabalha, tem uma comunicação maior devido sua atividade laboral, mas que também se restringe a isso.

De fato, a riqueza das informações, dos detalhes, inclusive comportamentais, me faz ter um olhar diferente enquanto pesquisadora. É necessário estar perto no sentido de conhecer melhor, mesmo que não tenho esse tipo de experiência, pois somente assim conseguiremos contribuir com o processo de acolhimento desses estudantes.

Contudo, vale mencionar que trabalhar com essa metodologia através de entrevistas, primeira vez feita por mim, foi uma experiência enriquecedora e única, apesar de algumas dificuldades. Com essa experiência pude deixar o olhar mais atento as questões e abrir o campo para que eles se expressem mais, argumentem ou expõem situações além do que foi perguntado, deixando o entrevistado tão à vontade como se fosse uma conversa. A experiência de pesquisa e de escuta dos estudantes foi muito enriquecedora.

3.2. Análise individual das entrevistas

No mais, farei um relato detalhado da experiência que tive com cada estudante, espero mostrar as minhas percepções nessa experiência.

A entrevistada 1 é com uma adolescente de 13 anos. Ela, sempre comunicativa, sorridente relatou de forma objetiva e com detalhes a sua experiência. Em sua entrevista pude perceber a tranquilidade em expor as situações, mesmo quando descreveu momentos desafiadores, como apanhar de uma professora “*por errar uma conta no quadro*”, além da experiência de insegurança e de pobreza em seu país de origem.

Ela explicou que vendiam gelo nas ruas por não haver energia em alguns locais, mesmo a família possuindo geladeira por vezes falta a energia. Essas dificuldades apresentadas por ela, no início de nossa conversa, mostraram como os problemas se tornam relevantes na hora de falar sobre sua origem.

A primeira pessoa da família a vir para o Brasil foi o pai, que tinha a esperança do crescimento econômico além de fugir da insegurança do seu país. Quatro anos depois buscou a esposa e as filhas. No Brasil, no início ela passou por grandes desafios, ainda criança sofreu “bullying” na escola e, mesmo depois com a mudança de instituição continuou sofrendo.

Ela afirma que se sente estranha... Nessa parte da entrevista fiquei atenta em relação a forma como ela explicava e, seu sorriso saiu de cena, e abria espaço para uma tristeza. Destaco nessa fala que o que comumente eles chamam de bullying é o próprio racismo, porém é quase normal que na escola adotem essa denominação, pois é um conceito muito usado, inclusive em cursos para professores e repassado aos alunos. Mas, vejamos a diferença, ela pode sofrer o ataque racista ou qualquer outra forma de preconceito ou discriminação e o bullying ao mesmo tempo. Mas, é importante saber identificar as diferentes situações.

Ao dar continuidade à partilha de sua experiência, ela se lembra dos amigos e manifesta muita saudade que ficaram em seu país. Em alguns momentos mais tristes da conversa, ela fala do desejo em retornar para o Haiti, pois se sentiria melhor.

No entanto, de forma geral a aluna se demonstra feliz no Brasil. Porém, insatisfeita com o trabalho dos pais e espera um dia poder mudar para outro país para ajudá-los financeiramente. Na escola diz não ter enfrentado grandes problemas com as disciplinas e com a língua, somente no início, mas contava com a ajuda de seu pai nas atividades para casa.

A entrevistada 2 é uma estudante de 11 anos que se mostrou solícita em responder, porém não muito entusiasmada, parecia que conceder entrevista fazia parte da normalidade. Essa conversa durou cerca de 40 minutos. A aluna veio para o Brasil com apenas 6 anos, notei que, para ela a mudança foi mais tranquila, talvez pelo fato de ser criança e ter poucas lembranças do Haiti, o que não significa que não haja tais memórias.

Quando ela nasceu ficou com a avó para que seu pai pudesse vir para o Brasil. Quando chegou aqui chegou encontro se juntou a seu pai e tios. Ela, ela, a irmã e a avó vieram depois. Faz cinco anos que moram aqui, seu maior contato é com a irmã, com quem compartilha alguns momentos.

Quando perguntei sobre a mãe ela se mostrou bem emocionada ao falar, a mãe e seu irmão mais novos vivem no Canadá. A aluna também falou sobre ser acolhida por professores, quando passa mal por ocasião das crises de ansiedade e falta de ar. Isto mostra como o acolhimento, o respeito e carinho são importantes para as pessoas. Fiquei pensativa sobre os problemas que uma menina tão jovem enfrenta, talvez o deslocamento, a mudança social e das instituições interfiram no aspecto seu psicológico e de outros estudantes.

Ainda sobre a escola, relata não ter problemas referentes a língua ou com as disciplinas ofertadas. Fiquei um pouco alerta com a informação dela ter facilidade para fazer amizades, porém citou somente três amigas que são da antiga escola que estudava, ainda das séries iniciais do município.

O seu desejo é continuar no Brasil e ser psicóloga ou modelo. Observando a primeira profissão descrita podemos relacionar talvez com os problemas relatados por ela como a crise de ansiedade, pode ser uma tentativa de entender ou tentar solucionar um problema vivido.

A entrevistada 3 tem 14 anos e está no 9º ano. Tímida, ela respondeu às perguntas de forma breve, sem muitas explicações. Durante a entrevista ela ficou a maior parte do tempo com a cabeça baixa, pouco contato visual e em poucos momentos esboçava um leve sorriso. Lembrando que, mesmo diante dessa leitura corporal, a aluna participou de forma voluntária e pelo seu relato, toda a família parece ter a mesmo comportamento. Ela veio para o Brasil com 10 anos, há 4 anos. O primeiro a vir foi o pai, depois buscou ela, a irmã e a tia.

A aluna explica que no Haiti a vida é perigosa, não podia sair de casa e aqui ela sente que a segurança é maior. Ela afirma que gosta do Brasil, mas sente um pouco de dificuldade

com a língua. Na escola tem uma amiga que a ajuda com as atividades. Explicou ainda que têm poucos amigos, assim como outros entrevistados.

Sobre a escola haitiana disse que precisa pagar, mas não vê diferença entre a educação dos dois países, entendi essa última parte como se referindo aos conteúdos trabalhados. Afirma que sua família de forma geral é tímida, conversam pouco inclusive entre eles.

Pela conversa percebi que a aluna sente vontade de se abrir e ter amizades, porém a família restringe alguns contatos. Ela também disse que queria que seus amigos fossem à sua casa... A aluna mencionou participar da igreja haitiana que tem no bairro. Ao trabalhar nesse colégio ouvia os colegas de trabalho, professores, que falavam da participação dos alunos haitianos na escola, achava que o número de estudantes era bem relevante, no entanto durante as entrevistas não encontrei muitos estudantes. Ela pretende continuar no Brasil.

A entrevistada 4 tem 15 anos de idade e está no 9º ano. Muito calma e alguns momentos parecendo tímida, respondeu às perguntas sem muitos detalhes. Na República Dominicana, ela viveu com a mãe em uma cidade pequena e naquele local não presenciou violência, diferente da maioria dos relatos. Porém, em outro momento da entrevista onde ela explicava que eles vieram em busca de estudo e segurança, argumentou que a vida no país era boa, assim como os estudos, porém eles não podiam ir à escola por falta de segurança.

O pai e os tios foram os primeiros a virem para o Brasil e como já destacado acima, a escola e a segurança foram essenciais para essa escolha. Sobre a escola, ela diz que teve dificuldade no início, mas teve ajuda de professores e colegas. Isso fez com que ela logo se acostumasse. Atualmente, compreende muito bem o conteúdo e quando possui alguma dificuldade busca solucionar com alguém.

Ela afirma que a adaptação foi fácil e a interação com os alunos foi mais complicado, segundo ela, em seu país, as pessoas são mais conservadoras, diferentes dos brasileiros que são mais espontâneos. Aqui, segundo ela, a educação é através da explicação, diferente do Haiti que eles precisam decorar, explicou. E assim como os outros entrevistados relatou sobre o pagamento pelo estudo.

Para ela, a escola é vista como segunda família sendo muito importante para o seu futuro. Segundo sua descrição, ela é muito nervosa, e na escola ela tem dificuldade para conseguir se expressar. Entretanto, parece que isso não acontece na sua em sua família.

Ela mora com o pai, tio, avó e irmã e diz ter uma família normal, com alguns problemas, destaca terem pensamentos diferentes e decisões rígidas. Eles pouco conversam, pois são mais reservados. Durante a entrevista demonstrou apreciar o Brasil, porém, no final, ela diz que não pretende continuar aqui, pois pretende estudar e ajudar a família.

A entrevista da aluna 5 foi a mais extensa, com cerca de 55 minutos. É uma adolescente bem comunicativa, tem 16 anos e está no 2º ano do Ensino Médio. Ela não conheceu a mãe, quando criança viveu com a tia no Haiti, e conheceu o pai quando veio para o Brasil aos 14 anos de idade. Sobre sua vida no Haiti diz ter sido muito triste e dolorosa. Em alguns momentos ela ia à escola e em outros não, pois, segundo ela, estavam de greve e pelas condições de vida.

Ela morava com a tia que, para sobreviver emprestava dinheiro de outras pessoas. Afirma que passaram fome, não tinham condições de comprar comida. Ela, diz que pretende estudar, ter uma profissão e conseguir dinheiro para construir uma escola que não precise pagar, se referindo ao Haiti. Como muitos não possuem condições para pagarem pelos estudos, ela diz que as crianças cometem crimes, são bandidos, usam drogas e armas.

A estudante ainda relatou que naquela semana, no colégio, havia sofrido com um colega que disse que ela não é do seu país, como se ela não merecesse estar naquela escola. Ela se sentiu ofendida e chorou. Isso me deixou bem emocionada, pois reparei além de tristeza, havia indignação na fala da jovem estudante.

No desenvolvimento dessa pesquisa constatei a grande necessidade de trabalhar as identidades, as trocas culturais e a existência da xenofobia nas escolas. É fundamental evitar situações como essas narradas pela estudante estrangeira. No Brasil ela veio para morar com o pai e sua família, porém tiveram alguns problemas e, hoje, ela mora sozinha e o pai vai visitá-la todos os dias, para conversar e dar conselhos.

Mesmo com as dificuldades que enfrenta, ela afirma que no Brasil pode viver feliz e com tranquilidade, pois não tem problemas políticos, pode ir todos os dias para a escola e se alimentar, além de ter trabalho para a família. Sobre a escola, ela teve muitas dificuldades no início, pois ficava sozinha, não sabia conversar e chorava. Hoje, ela relata ter superado esses problemas e se sente acolhida. Atualmente compreende melhor os conteúdos das aulas, mas quando precisa de ajuda chamava seu amigo.

Ainda sobre a escola, ela a vê como se fosse sua família, pois conversa, fala de seus problemas, chora na sala de aula e eles se preocupam com ela. Esse foi o segundo relato dentro de seis entrevistas sobre ter crises de choro dentro de sala, parece ser algo particular dentro dessas experiências de deslocamentos, principalmente em se tratando de crianças e adolescentes, pois alteram suas emoções, os sentimentos, as relações e sua vida.

Quando perguntei o que gosta de fazer em seu tempo livre ela disse que gosta de fazer comida e que no Haiti as meninas com 7 anos precisam saber tudo sobre isso, já os meninos não tinham essa necessidade. A desigualdade de gênero é evidente assim como ocorre na

sociedade brasileira que, embora haja diferenças, reconhecemos o preconceito entre homens e mulheres.

Como já dito nesta pesquisa, o processo de adaptação não é nada fácil para os alunos imigrantes. Para ela a educação é bem diferente nos dois países. Aqui no Brasil não é permitido apanhar, os professores não gritam com os alunos e tem merenda todos os dias, diferente de lá.

Mesmo sendo uma pessoa bem comunicativa ela disse ter apenas duas colegas. Esse relato também não partiu somente desta aluna. Mesmo que eles não percebam ou omitam durante a entrevista, ficou entendido que, falando em convivência eles têm uma quantidade pequena de colegas na escola, parece haver um comprometimento da experiência de socialização. Vale ressaltar que, dentro da sala, eles ficam cinco horas diariamente, com cerca de 40 alunos. Mas que, possivelmente poderiam ter contato com outros alunos de outras turmas nos momentos de intervalo, entrada ou na saída do colégio. Mas parece que há dificuldades para interagir com outros estudantes... Será que a escola está preparada para contribuir nesse processo de socialização? O que poderia melhorar para diminuir a experiência de sofrimento no processo de acolhimento e de inserção no ambiente escolar?

O entrevistado 6 é um jovem de 21 anos que estuda no 2º ano do Ensino Médio, no período noturno. Ele foi meu aluno no ano de 2021, até julho, antes de perder essa turma para outra professora quadro próprio. Mas, infelizmente não tínhamos contato, pois durante a pandemia as atividades eram domiciliares e o aluno não participava das *meets* (aula virtual).

Essa entrevista aconteceu no dia que ele foi buscar algumas avaliações no colégio, pois ele faltava muito e estava fazendo as atividades em casa. Ele é muito sorridente e simpático, responde o que lhe é perguntado, porém é direto nas suas respostas. Ele veio para o Brasil em 2019, mas aqui já estavam o irmão e a mãe. Morou dois meses no Rio de Janeiro na casa da prima antes de vir para Arapongas. Hoje ele mora com o irmão e a sobrinha.

No Haiti, segundo ele, faltava trabalho e as escolas eram pagas, tudo era caro e era muito dependente dos pais e veio na expectativa de trabalho e melhorar de vida. A vida no Brasil segundo ele é tranquila e ótima. Aqui ele se sente bem e acolhido, embora tenha relatado que algumas pessoas não são iguais e, outras o chamam de preto. Fica nítida a insatisfação com as manifestações de racismo, mesmo dizendo que ainda se sente melhor no Brasil.

Mesmo sendo maior idade e independente informou que não sai muito de casa. Nos momentos de lazer gosta de ficar no celular ou fazendo caça palavras. Quando pergunto o que ele sente falta do Haiti me diz que dos rios e das praias, isso pode significar que é uma pessoa

que gosta de passear ou de estar em outros lugares, mas Arapongas não têm muitas atrações, principalmente como as apresentadas por ele.

Na escola diz ter dificuldades em matemática, mas para os colegas que não falam como ele, o português, podem encontrar mais obstáculos ainda, pois é um aluno que compreende a língua. Sobre o primeiro dia na instituição ele ficou assustado. Explica que é muito diferente as escolas dos dois países, as regras, como a necessidade de corte de cabelo, de uniformes, as faltas, a agressão aos alunos. Fiquei um pouco confusa sobre o corte de cabelo, pois naturalmente não é algo deveria ser restrito na escola. Mas ele não aprofundou a questão.

Ele trabalha em uma empresa de embalagens e gosta do local e das pessoas, incluindo seu patrão. Ele falou muito bem do mesmo, *“ele é um gênio, conversa de boa, respeito, brinca”*. O entrevistado veio para o Brasil, mas voltou para o Haiti para visitar a família e quando retornou foi acolhido novamente na mesma empresa e se sente muito grato por isso.

A experiência com o trabalho nem sempre foi prazerosa no Brasil, segundo ele seu primeiro era muito ruim, o patrão era tapeceiro, não pagava corretamente e ainda o chefe era mal-educado. Sobre o racismo percebi que o entrevistado, mesmo não concordando com as ações, tem uma visão passiva. Ele parece preferir ignorar e pensa que as pessoas que cometeram que devem pensar no que fizeram, nas suas atitudes. Ainda explica que, *“aqui não tem muito, mas tem”*, ou seja, ele reconhece a prática racismo, mas de uma forma reduzida.

Cada entrevista tem suas particularidades, os detalhes são percebidos nas falas, nos olhares, na forma de contar, contudo é possível encontrar alguns problemas na maioria das falas. Tais como passar por dificuldades dentro do espaço escolar, principalmente no que diz respeito a socialização. Ter problemas emocionais, situações de racismo e xenofobia e ter divisão da instituição social. Neste sentido os sentimentos de saudade de algum membro da família está presente em todas as falas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como foco a análise de estudantes imigrantes haitianos que estão inseridos nas escolas estaduais, em particular no colégio da cidade de Araçatuba – PR. Neste sentido busquei compreender todas as situações vinculadas ao processo de deslocamento, ou seja, problemas e dificuldades observadas dentro e fora da instituição escolar como a língua, a adaptação, as particularidades como desejos, sonhos e frustrações. Além disso, analisa a manifestação de preconceito, discriminação e racismo sofridos por esses estudantes.

Juntamente com a pesquisa e estudo teórico, foi realizada entrevista com cada aluno de forma individual, no qual o intuito era observar em especial os problemas enfrentados por eles no local de origem, e que motivou o deslocamento, mas também os obstáculos na sociedade brasileira, principalmente na instituição de ensino neste país.

Através da pesquisa de campo, com a conversa seguida de questionário estruturado, pude compreender não somente através da fala, mas além dos relatos, gestos, olhares e reações, a importância de fazer o trabalho de observação, frente a frente com esses indivíduos. Com certeza isso não seria possível se fosse realizado somente a pesquisa com questionário, sem o diálogo, sem a conversa e as explicações dos sujeitos.

Os relatos foram minuciosamente examinados, explorados e inseridos de forma responsável no decorrer de todo o trabalho justificando os temas abordados. Para além disso, as entrevistas me proporcionaram uma visão mais ampla, pois algumas ideias poderiam ser diferentes, como os problemas referentes a língua e o entendimento dos conteúdos de forma integral.

Através das narrativas, entendi que buscar compreender e aprender a língua portuguesa faz parte do processo e, não é visto como dificuldade por todos os alunos. Para alguns pedir ajuda significa socializar, criar vínculos e laços de amizade, facilitando as relações entre os estudantes, os professores e a gestão da escola. Mas percebi que alguns ainda entendem de forma parcial o que é dito, e há aqueles que tem mais dificuldades e estão em processo de adaptação.

Reafirmo que pensar no ensino de qualidade para todos é integrar esses indivíduos de forma plena na educação. É olhar minuciosamente cada detalhe para que não deixemos escapar nenhum grupo. Não basta inserir os alunos estrangeiros, é preciso amparar, dar suporte e isso diz sobre projetos de língua portuguesa e socialização, que poderiam ser feitos em Araçatuba, para completar as ações realizadas nos colégios. Mas, infelizmente

desconheço nesta localidade tais ações, tanto por parte do município ou de responsabilidade do Estado, e não encontrei tais planejamentos.

Destaco aqui a necessidade de incluir esses temas em reuniões e formações da Rede Estadual de Ensino, repassado e trabalhado junto aos colégios, principalmente os que recebem matrículas de estrangeiros. E direcionados também aos professores, principalmente PSS (Processo Seletivo Simplificado), que não possuem lotação nas escolas e desconhecem a realidade e particularidade de cada instituição, para que possam conhecer, se preparar, organizar e planejar aulas que favoreçam e incluam de forma plena todos os alunos.

Outra situação observada, é referente as atividades realizadas no colégio para integração da família das origens desses estrangeiros e, do resgate cultural. Após investigação, foi verificado que não havia nenhuma atividade voltada para o reconhecimento desses estudantes, com exceção das atividades dentro de sala, onde pode ter sido trabalhado e não havia comunicação com as pedagogas ou com a direção da escola, principalmente porque em anos anteriores o quadro de professores era outro. Entretanto, já tinha sido apontado e até planejado por alguns profissionais, mas não executado.

Atividades como reunião, debate, exposição, seminário, entre tantos outros podem facilitar o diálogo e a compreensão entre os alunos. É para além de aprender ou entender, é reconhecer aqueles que estão diariamente conosco, mas que não cresceram com a mesma base cultural. É sobre trocas culturais, sobre identidades e representatividade.

A pesquisa que foi dividida em 3 capítulos, com a análise histórica, documental, de entrevistas e autoral e foi possível dialogar sobre diversas situações. Procurei analisar de diversas formas e com muita atenção essa conversa diante da seriedade e complexidade do tema. No entanto, investigando em outras fontes e trabalhos, inclusive o dia a dia entre os debates dentro de sala, pude concluir que as ações racistas são muitas vezes camufladas para que não seja “palco de novas ações”.

Em outros momentos, por se tratar talvez de sentimentos de frustrações ou traumas, algumas pessoas preferem não abordar o assunto. Isto ficou nítido em uma das entrevistas... Parece haver falas, piadas e ações racistas que são banalizadas e naturalizadas na sociedade, promovendo por séculos e séculos de racismo estrutural.

Outra observação feita é sobre os olhares e interpretações referentes as realidades e desafios entre brasileiros e estrangeiros. Onde os alunos imigrantes compreendem a realidade brasileira a partir do que viveram em seu local de origem, ou seja, fazem comparações e em razão disso, constata as diferenças. Nesse sentido, os brasileiros parecem perceber mais os problemas em nossa estrutura, nas escolas, nas ruas, na cidade, já os alunos entrevistados não

conseguem perceber, pois os desafios enfrentados pela família no local em que viveram superam as dificuldades daqui. A percepção fica destacada nas falas sobre a segurança, como andar nas ruas, não apanhar nas escolas, ter merenda, a escola ser gratuita, todas as crianças terem acesso à educação, justificando a discrepância entre esses lugares.

Percebi que os alunos, em sua maioria, demonstram felicidade e tranquilidade ao falar da experiência em viver no Brasil e desejam continuar vivendo no país. Quando citado sobre voltar para o país que viviam, eles relatam o desejo de somente realizarem visitas ou buscarem alguém da família. Isto mostra o carinho e vontade de continuar aqui, mesmo sabendo que a vida também é desafiadora diante as situações.

Outro destaque importante foi em realizar a pesquisa durante o momento de pandemia de Covid19. Certamente foi um grande desafio, pois muitos alunos estrangeiros não estavam mais matriculados no colégio, outros faltavam bastante neste período e, uma aluna que seria entrevistada, enfrentava problemas grave de saúde. Durante todo período que estive no colégio, e busquei informações, ela passava por internamentos ou tratamento domiciliar (atestado).

Para além disto, os riscos com a COVID19 foram analisados e, cada detalhe foi pensado para a realização das entrevistas. Houve distanciamento, uso de máscaras e o fornecimento de álcool em gel. As dificuldades e os desafios fortaleceram ainda mais o desejo de fazer a pesquisa, porém não foi fácil.

Houve situação em que precisei remarcar, pois o aluno precisou faltar no dia da entrevista. Com outro estudante aproveitamos a data da entrevista com a data de entrega das atividades (esse aluno não estava indo de forma presencial). Enfim, estávamos vivendo uma situação específica e difícil, e logo após o retorno as aulas eu decidi fazer as entrevistas, pois o medo de mais algum aluno ir embora era grande, fato que estava acontecendo.

Enfim, levantadas as problemáticas, feitas as análises documentais, entendo que a busca por caminhos que possam lidar com os alunos estrangeiros, dentro e fora das escolas, exige a abertura de novas propostas pedagógicas, necessita de um olhar mais amplo para esse grupo em que seja possível falar de educação plena e de qualidade, assim como consta na Constituição Brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; ALEXANDRE, Ivone. Inserção escolar: Crianças migrantes do Haiti nas creches e escolas de Sinop MT. **Periplos Revista de Investigación sobre Migraciones - Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artoes**. vol. 01, N. 01, p. 184-197, 2017.

ACNUR e IMDH. **Refugiados**. Disponível em: [Refugiados – UNHCR ACNUR Brasil](#). Acesso em 16, jun., 2022.

ACNUR e IMDH. **Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto**. Disponível em: [Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto – UNHCR ACNUR Brasil](#). Acesso em 16, jun., 2022.

ALMEIDA, Cristovão Domingos. **Migração e trabalho: relatos de haitianos em São Paulo - migration and work: haitian stories in São Paulo**. Missões revista de ciências humanas e sociais, v.4, n.1, p. 14-28, 2018.

Atlas da violência 2020. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2020**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 04, març., 2021.

BAENINGER, Rosana e PERES, Roberta. **Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil**. R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte, v.34, n.1, p.119-143, jan./abr. 2017.

BAPTISTE, Marc Donald Jean. **O Haiti está aqui: uma análise da compreensão dos imigrantes haitianos sobre a política social no Brasil**. Dissertação (pós-graduação em Serviço Social e Política Social). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, p.203. 2018.

BAPTISTE, Marc Donald Jean. **Cadê o Haiti? O processo de formação identitária das crianças haitianas (*ti dyaspora*) na relação entre escola e suas famílias no Brasil**. Tese de doutorado (pós-graduação em Serviço Social e Política Social). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, p.291. 2022.

BASTIDES, Roger; FLORESTAN, Fernandes. **Branços e Negros em São Paulo**. 2ªED. Companhia editorial nacional São Paulo. 1959.

BORTOLOTO, Claudimara. **Migração e trabalho na contemporaneidade: os haitianos no oeste do Paraná**. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras – Unesp. Araraquara, p.349, 2019.

CAPELIN, Lilian. **Imigrantes haitianos: vidas e sonhos em movimento**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Sociedade) - Universidade Alto Vale Do Rio Do Peixe (UNIARP). Caçador-SC. p. 96. 2018.

CÁRITAS BRASILEIRA. **Mapeamento Migração & Refúgio Rede Cáritas**. Brasília. p. 60. Maio. 2021.

CASTRO, Beatriz; BERBART, Maria; BAPTISTA, Camila; **Educação e trabalho – algumas reflexões sobre a imigração haitiana no Brasil**. Reunião Científica Regional da APEND, Curitiba. p. 17. 2016.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; FURTADO, A; DICK, P; QUINTINO, F; MACEDO, M **Acompanhamento de fluxo e empregabilidade dos imigrantes no Brasil: Relatório Mensal do OBMigra** Ano 2, Número 4, abril de 2021/ Observatório das Migrações Internacionais; Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-mensais>. Acesso em: 05, ago., 2022.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M., **Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações**. Observatório

das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

TONHATI, T.; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, A. **Os imigrantes haitianos no Brasil: formas de entrada, permanência e registros.** A imigração haitiana no brasil: características sociodemográficas e laborais na região sul e no distrito federal. P. 24-39. Disponível em: [A imigração Haitiana no Brasil Características Demográficas na região Sul e no Distrito Federal.pdf \(mj.gov.br\)](#). Acesso em 25, ago., 2022.

CIVIDINI, Fátima Regina. **Migrantes haitianos no Brasil (2010-2017): tensões e fronteiras.** Dissertação (Mestrado em Sociedade, Culturas e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, FOZ DO IGUAÇU, p. 246, 2018.

COSTA, Marli; REUSCH, Patrícia. **Migrações Internacionais (Soberania, Direitos Humanos e Cidadania).** Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 2, p. 275-292, 2016.

COTINGUIBA, G. **Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre o trabalho e os processos migratórios.** Dissertação (pós-graduação em História e Estudos Culturais) – Universidade Federal de Rondônia – Unir-Porto Velho, Porto Velho, p. 155, 2014.

FARENA, Maritza Natalia F. C. **Direitos Humanos dos Migrantes – Ordem Jurídica Internacional e Brasileira.** Curitiba: Juruá, p. 202, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. – 48ªed. Re. – São Paulo: Global, 2003. – (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

GALLI, Nelma dos S. Assunção. **Imigração haitiana no Brasil: uma análise das políticas de inserção e perspectivas educacionais de haitianos adultos em Londrina-Pr.**

Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, p.169. 2018.

GIROTO, G.; PAULA, E. M. A. T. **Imigrantes e refugiados no Brasil: uma análise sobre escolarização, currículo e inclusão.** Rev. Espaço do Currículo (online), João Pessoa, v.13, n.1, p. 164-175, jan/abr. 2020.

GUILHERME, A. **Imigrantes haitianos e senegaleses no Brasil: trajetórias e estratégias de trabalho na cidade de Porto Alegre-RS.** Dissertação (pós-graduação em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 110, 2017.

HANDERSON, Joseph. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. **PERIPLOS. Dossiê: Imigração haitiana no Brasil: Estado das Artes.** Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações (unb.br). vol. 01, núm. 01, p. 7-26, 2017.

HANDERSON, J. **Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no brasil, no Suriname e na Guiana francesa.** Tese de doutorado (Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 429, 2015.

HANDERSON, J. **Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005. p. 325.

JUNIOR, J.; COUTINHO, C. **Podcast em educação: um contributo para o estado da arte.** Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho – UMINHO – Braga – Portugal. p. 837-846.

JUSTO, Nathalia. **O Regime Internacional de Proteção às Pessoas Apátridas em Dois Momentos Contribuições para uma Análise sobre a relação entre Apatridia, Cidadania e Ordem Internacional.** Dissertação de mestrado (Relações Internacionais). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Rio de Janeiro, p. 194. 2012.

LIMA, Mônica. **“A vitória sobre as correntes. Os libertos no Brasil e seu retorno à África, 1830-1870”**. Texto apresentado no IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (Salvador, 11/09/2006). Texto inédito.

LOPEZ, Diego S. F. **Haitianos em São Paulo: Uma etnografia urbana e institucional da ajuda**. Dissertação de mestrado (Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p.213. 2018.

PASSOS, R. O.; LIMA PORTO, M. M.; MACHADO JABORANDY, C. C. Políticas públicas e proteção aos imigrantes venezuelanos: uma análise a partir do conceito de burden-sharing: public policies and protection of venezuelan immigrants: an analysis based on the concept of burden-sharing. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, Goiânia, v. 44, n. 2, 2020. DOI: 10.5216/rfd.v44i2.55404. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revfd/article/view/55404>. Acesso em: 9, nov., 2022.

MANICA, Carmen. **A migração haitiana e a inserção no mercado de trabalho na cidade de Cascavel/Pr**. Dissertação de mestrado (Pós Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Toledo. Toledo, p.137, 2018.

MELO, Vitor C. C. **De fora para dentro. A agenda de enfrentamento ao tráfico de pessoas e o dilema de cidadania do trabalhador migrante no Brasil**. Dissertação de mestrado (pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF, p.154, 2015.

MENDES, Aylle de Almeida; BRASIL, Deilton Ribeiro. **A Nova Lei de Migração Brasileira e sua Regulamentação da Concessão de Vistos aos Migrantes**. Universidade de Itaúna, Almenara, MG. Sequência (Florianópolis), n. 84, p. 64-88, abr. 2020.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 246p.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

NUNES, Gilcerlândia Pinheiro de Almeida. **“A Integração do Negro na Sociedade de Classes”:** uma difícil via crucis ainda a caminho da redenção. Cronos, Natal-RN, v. 9, n. 1, p. 247-254, jan./jun. 2008.

NUNES, L. **Migração e trabalho: o caso dos haitianos em Cascavel-PR.** Dissertação (pós graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p. 155. 2017.

OLIVEIRA, Laís Gonzales. Barreiras fronteiriças contra o princípio de non-refoulement: a inacessibilidade do território e da determinação do status de refugiado. **R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte.** v.34, n.1, p.31-54, jan./abr. 2017.

OLIVEIRA, Leila Maria. **Imigrantes, xenofobia e racismo: uma análise de conflitos em escolas municipais de São Paulo.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação: currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Marcio. Haitianos no Paraná: Distinção, integração e mobilidade. **Périplos Revista de Investigación sobre Migraciones - Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes.** vol. 01, N. 01, p. 27-46, 2017.

PARANÁ. **Deliberação nº 09, de 01 de outubro de 2001.** Matrícula de ingresso, por transferência e em regime de progressão parcial; o aproveitamento de estudos; a classificação e a reclassificação; as adaptações; a revalidação e equivalência de estudos feitos no exterior e regularização de vida escolar em estabelecimentos que ofertem Ensino Fundamental e Médio nas suas diferentes modalidades. Curitiba: Conselho Estadual de Educação, 01, out., 2001.

Disponível

em:

[http://celepar7cta.pr.gov.br/seed/deliberacoes.nsf/7b2a997ca37239c3032569ed005fb978/d028154429fbb40203256ae9004d7094/\\$FILE/_j8himoqb2clp631u6dsg30e9d68o30c8_.pdf](http://celepar7cta.pr.gov.br/seed/deliberacoes.nsf/7b2a997ca37239c3032569ed005fb978/d028154429fbb40203256ae9004d7094/$FILE/_j8himoqb2clp631u6dsg30e9d68o30c8_.pdf)

Acesso em: 14 ago., 2022.

PARANÁ. **Manual do Secretário Escolar**. Curitiba: Seed-PR, 2006. Disponível em: manual do secretário (diaadia.pr.gov.br). Acesso em: 14 ago. 2022.

PIZAIA, Jéssica Costa. **A territorialização de migrantes do Haiti em Cambé-Pr e Rolândia-Pr: as demandas das mulheres haitianas e as ações realizadas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p.150. 2019.

PLACIDE, Joseph Enock. **Trajetórias sociais dos trabalhadores imigrantes haitianos no mercado de trabalho em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, p. 150. 2017.

INFORMAÇÕES GERAIS. Portal da Imigração – Ministério da Justiça e da Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/informacoes-gerais-2>. Acesso em: 02, mai., 2022.

RAMOS, Érika Pires. **Refugiados ambientais: em busca de reconhecimento pelo Direito Internacional**. 2011. 150 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RAMOS, Jair. **Como classificar os indesejáveis ?: tensões e convergências entre raça, etnia e nacionalidade na política de imigração das décadas de 1920 e 1930**. p.31. 2008.

REDAÇÃO. **Construção civil e comércio acolhem haitianos em Arapongas**. Uol tn on line, 2020. Disponível em: < [Construção civil e comércio acolhem haitianos em Arapongas - TNOline \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/tn/online/construcao-civil-e-comercio-acolhem-haitianos-em-arapongas) >. Acesso em 09, jun., 2021.

ROLDÃO, S. F., de Lima Ferreira, J., & Branco, V. (2021). Imigração no Brasil e o processo de escolarização para as crianças e adolescentes imigrantes. **Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade**, 10(2). Disponível em: <https://doi.org/10.9771/re.v10i2.36960>. Acesso em: 03, set., 2022.

SALADINI, Ana Paula S. **Trabalho e imigração: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais**. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica) - Universidade Estadual Do Norte Do Paraná – UENP. Jacarezinho/PR, p.285. 2011.

SANTOS, JÁ. **Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida**. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Diversidades series, p. 181-194. 2008.

SEYFERTH, Giralda. “A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda”. **Revista do Museu Paulista**, N. S., vol. XXX, 1985. Págs. 81-98.

SEYFERTH, Giralda. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional**. *Mana*, vol.3 n.1, p.95-131. Rio de Janeiro Apr. 1997.

SEYFERTH, Giralda. **As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional**. *Horiz. antropol.* vol.6 no.14 Porto Alegre Nov. 2000.

SEYFERTH, Giralda. **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil**. *REVISTA USP*, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

SEYFERTH, Giralda. **Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político**. p.20 Porto Seguro, jun. 2008.

SILVA, Gabriel de Oliveira. **Solicitação de refúgio em favor de crianças e adolescentes desacompanhados(as): a atuação da defensoria pública da união**. R. Defensoria Pública. União Brasília, DF n.12 p. 1-480 jan/dez. 2019.

SILVA, Teilor. **Refugiados venezuelanos em Goioerê: acompanhamento e identificação dos problemas de adaptação à nova realidade**. 2018. (projeto inscrito por um promotor substituto para o Prêmio Prata da Casa).

SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; GUIMARÃES, B. **Relatório Conjuntural: tendências da imigração e refúgio no Brasil, 1º quadrimestre/2022**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. **Relatório Conjuntural: tendências da imigração e refúgio no Brasil, 3º quadrimestre/2020**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento de Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

TONHATI, Tania. **Educação e Imigração: a importância do ensino da Sociologia para imigrantes**. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas. v.13, n.1, p.11, 2019.

VIEIRA DE PAULA, Bruna. O princípio do non-refoulement, sua natureza jus cogens e a proteção internacional dos refugiados. **Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos**, [S.l.], n. 7, p. 51-68, dez. 2006. ISSN 1677-1419. Disponível em: <http://revista.ibdh.org.br/index.php/ibdh/article/view/94>. Acesso em: 07 jun. 2022.

WAGNER, Keit. **Processo de integração dos haitianos no mercado de trabalho no oeste do paraná: um estudo de caso na frimesa cooperativa central**. Dissertação (Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, p.100, 2020.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ALUNOS

Entrevista com os alunos

Identificação

Entrevistado 1:

- **Nome** - F. N. V.
- **Sexo** - feminino
- **Idade** – 13 anos
- **Local de nascimento** – Haiti – Saint Michel – cidadezinha pequena
- **Local de nascimento dos pais** -
- **Filhos (quantidade)** -
- **Cor (autodeclarada)** - negra

Trajetória

Q.1 - Fale-me de sua vida no Haiti

R. Bom, a gente morava cidade pequena. Não era rica, mas tinha o que precisava para viver. Na escola eu não gostava porque lá é permitido bater nas crianças. A professora me bateu por errar uma conta no quadro. Lá tinha venda de gelo porque as vezes tem geladeiras, mas não tem energia. Comida de rua. Banho de rio.

Q.2 Como foi a experiência de vir para o Brasil?

R. Veio meu pai quando tinha 6 anos. Depois de 4 anos ele quis buscar a gente, porque é bem melhor que lá por causa da insegurança. Ele queria ganhar mais dinheiro, queria vir antes para saber se era bom ou se era ruim.

Q.3 O que você gostaria de encontrar no Brasil?

R. Lá não é situação muito boa lá. Tem gente que fala que aqui é ruim, mas elas nunca foram para lugar pior que aqui. Insegurança, mataram o presidente, não tem segurança nenhuma. (...) Não tinha ideia do Brasil. Eu queria ver o trem porque nunca tinha visto, mas não achei tão legal, não gostei.

Mercado grande nunca tinha entrado. Só tem pequeno e feira lá.

Q.4 Como foi o processo de acolhimento aqui no Brasil?

R. Quando cheguei já me matricularam e fui para a escola, não foi muito bom sofria bullying, muito triste, ficava quieta, não respondia.

Sexto ano no Racanello não muito agradável, muito chato, depois fui fazendo amigos, on line também. Senti muita dificuldade. Falavam coisas de mim, não queria fazer trabalho comigo. Comecei a falar português muito rápido. Me acho estranha, os alunos me acham estranha.

Q.5 Onde você se sente melhor?

R. No quarto, porque fico sozinha. Me sinto melhor no Haiti, mas é diferente do Brasil.

Q.6 Onde você sente mais dificuldade?

R. Na escola mesmo, porque me sinto diferente, me sinto estranha.

Q.7 Você conhecia alguém que estivesse no Brasil antes de sua chegada?

R. Não sei, mas tinha um primo aqui, várias pessoas.

Q.8 Como você definiria essa mudança entre o país de origem e a chegada ao Brasil? O que você mais sente falta e o que mais te agradou?

R. Na verdade muita coisa me agrada, as coisas como funcionam, o que não agrada o trabalho do pai e mãe, muita reclamação, dor nas costas. No Haiti meu pai era diretor e mãe costureira e professora, uma semana que trabalha ganhava o que ganha no Brasil.

Brasil meu pai trabalha na loja de moveis, minha mãe não sei muito bem. Mas preferem trabalhar que ficar em casa.

Q.9 Você se sente acolhido(a)? Em algum momento ou lugar você sentiu esse acolhimento de forma maior? Você é acolhido (a) da forma que imaginou?

R. Com amigos da escola - 3 amigos tenho mas 2 sempre falta e uma que sempre está comigo.

Q.10 Em algum momento você teve o desejo de retornar para seu país?

R. Só um momento quando sofri bullying, nem sabia o que era isso depois que fui entender. Nossa eu tinha amigos que me amava. Lá todo mundo me conhecia, era popular e eles gostavam de mim.

Q.11 Você teve alguma dificuldade com a língua portuguesa? Isso interfere na sua comunicação?

R. Não muito, no começo não entendia nada, depois de 2 meses estava aprendendo, ainda estou, mas, fui aprendendo palavras novas, escrevendo.

Município

Q.12 Como você chegou nessa cidade?

R. Três dias de viagem, saímos tarde, buscaram a gente em Cambé de carro. Parecia que estava vivendo um sonho, era estranho. Continuo achando que é um sonho, por meses, mas não é assim.

Q.13 Algum amigo ou alguém de sua família já estava aqui?

R. Uns primos antes do meu pai.

Instituição familiar

Q.14 Me fale sobre sua família? Com quem você mora?

R. Moro com a mãe e meu pai, sou muito amiga da minha mãe e não do meu pai. Muito amiga da minha irmã, mas ela mudou por causa do trabalho. Ela tem problema de coração e mudou por causa do trabalho.

Q.15 Como vocês compartilham as alegrias e frustrações dessa mudança de vida? Vocês conversam sobre essa mudança, adaptação?

R. A gente não fala muito, as vezes quando está reunido fala disso, fala daquilo, mas é pouco. Minha mãe trabalha dia sim dia não, o pai trabalha todos os dias só não aos domingos.

Q.16 O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?

R. Sentar, conversar. Eles brigam porque eu fico no quarto. Faço caminhada ou vamos no mercado.

Q.17 Fale de sua experiência na igreja que você frequenta. Ela colabora para o processo de socialização e compartilhamento cultural?

R. A Igreja Haitiana fica perto da minha casa. Não gosto de ir, prefiro ficar em casa, me sinto obrigada.

Trajetória Educacional

Q.18 Como foi o seu processo de educação? No Haiti e no Brasil

R. Parecia o mesmo, mas é complicado, algumas coisas não tinham visto. Lá não tem educação física, nem arte. Aqui estuda mais tempo que lá.

Q.19 Como foi o processo de adaptação na(s) escola(s) brasileira? O que foi mais difícil? O que mais te agrada na escola?

R. Muitas coisas diferentes, fui adaptando de pouquinho, foi melhor no sexto ano. Gostei mais de educação física e artes porque sempre gostei de desenhar e lá não tinha.

Q.20 Nas aulas você consegue entender? Ou você tem alguma dificuldade?

R. Só não gosto de matemática, tenho dificuldade na disciplina, mas entendo o que o professor fala.

Q.21 Em algum momento você ficou sem compreender algum conteúdo ou explicação por causa da língua?

R. Não só quando eu cheguei, mas levava para a casa e meu pai traduzia.

Q.22 Qual a importância dos professores e dos colegas de escola?

R. É muito importante porque você pode ter dificuldade e eles podem te ajudar, é interessante. E quando não entendo mando mensagem no whatsapp e ele explica.

Q.23 Sobre os colegas, consegue fazer amizades com facilidade?

R. Não, só on line e até assim as vezes não dá certo, sou muito ruim com amizades.

Bairro**Q.24 Me fale sobre seu bairro**

R. Tranquilo as vezes, muita festa no domingo. Latido de cachorro. Às vezes é interessante. Gostava da Leticia, mas ela mudou por causa da igreja.

Q.25 Você gosta desse lugar?

R. Não muito.

Q.26 É próxima do colégio?

R. Fica perto, não precisa de ônibus.

Lazer - Trajetória da vida social**Q.27 O que você mais gosta de fazer nos tempos livres?**

R. Gosto de desenhar, falar com os amigos, gostava de ficar com minha irmã, mas ela não está mais.

Racismo**Q.28 O que você pensa sobre o racismo?**

R. Bom eu acho que pode levar a morte, lógico que eu acho ruim. Já passei em um grupo de desenho e a menina falou: se você é branca automaticamente você é bonito.

Expectativas**Q.29 Quais são as suas expectativas para o futuro?**

R. Talvez eu mude país para ajudar meus pais. Algum lugar da França. Penso em fazer faculdade em Londrina. Arquiteta ou desenhista. Não penso muito sobre isso. É isso.

Entrevista com os alunos

Identificação

Entrevistado 2:

- **Nome** - E. J.
- **Sexo** - feminino
- **Idade** – 11 anos – 6ª série
- **Local de nascimento** – República Dominicana
- **Local de nascimento dos pais** -
- **Filhos (quantidade)** -
- **Cor (autodeclarada)** - negra

Trajetória

Q.1 Fale-me de sua vida no Haiti

R. Vim com 6 anos, não lembro muito bem.

Q.2 Como foi a experiência de vir para o Brasil

R. Falava espanhol, estudei no Albor Pimpão, gostava muito, mas transferiu para o Getúlio pouco espaço para brincar, não podia correr.

Q.3 O que você gostaria de encontrar no Brasil?

R. Não sei. Queria ser psicóloga, queria ser professora, mas é muita responsabilidade cuidar de muitas crianças.

Muito diferente do que pensava.

Q.4 Como foi o processo de acolhimento aqui no Brasil?

R. Muito bom com amigos da escola e da igreja.

Os tios e meus pais já estavam aqui. Nasci e minha vó cuidou para eles virem.

Q.5 Onde você se sente melhor?

R. Não sei responder porque no Haiti tem muitos parentes e tenho boas lembranças e aqui as pessoas são legais e os lugares também. Cultura do Brasil é muito boa, a capoeira.

Q.6 Onde você viu a capoeira?

R. Nas aulas de artes.

Q.7 Onde você sente mais dificuldade?

R. Não tenho dificuldade no Brasil. No Haiti muitos cachorros soltos na rua tenho muito medo.

Q.8 Você conhecia alguém que estivesse no Brasil antes de sua chegada?

R. Tia Osna e tios. Meu pai veio e voltou para buscar a gente.

Q.9 Como você definiria essa mudança entre o país de origem e a chegada ao Brasil? O que você mais sente falta e o que mais te agradou?

R. Lá na República Dominicana nada agradava, só os doces. As pessoas são racistas. No Brasil gosto das pessoas, comida, cultura. Sinto falta das viagens, as cidades movimentadas.

Q.10 Você se sente acolhido(a)? Em algum momento ou lugar você sentiu esse acolhimento de forma maior? Você é acolhido (a) da forma que imaginou?

R. Acolhida principalmente no Albor.

Q.11 Em algum momento você teve o desejo de retornar para seu país?

R. Por causa da minha família.

Q.12 Você teve alguma dificuldade com a língua portuguesa? Isso interfere na sua comunicação?

R. Não

Instituição familiar

Q.13 Me fale sobre sua família? Com quem você mora?

R. Irmã, tio, avó e pai. Minha família é humilde, o pai trabalha muito, o tio também trabalha.

Q.14 Como vocês compartilham as alegrias e frustrações dessa mudança de vida? Vocês conversam sobre essa mudança, adaptação?

R. Às vezes conversa.

Meu pai envia dinheiro para a família. Minha mãe não está aqui, foi para outro país, o Canadá, está com meu irmão caçula, tem 5 anos. Sinto falta.

Q.15 O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?

R. Gosto de sair com minha irmã Oldine perto da escola. Domingo a gente sai com os primos.

Q.16 Fale de sua experiência na igreja que você frequenta. Ela colabora para o processo de socialização e compartilhamento cultural?

R. Vou pouco, pouco contato.

Trajetória Educacional

Q.17 Como foi o seu processo de educação? No Haiti e no Brasil

R. Professora de artes Andreia gosto muito. República Dominicana estudei mas lembro pouco.

Acho bom que quando a gente passa mal os professores ajudam. Tenho ansiedade e falta ar.

Q.18 Como foi o processo de adaptação na(s) escola(s) brasileira? O que foi mais difícil? O que mais te agrada na escola?

R. Racanello mais difícil, estava tímida, agora estou soltando mais. Ensinam de uma forma divertida. Aula de matemática, artes e ciências.

Q.19 Nas aulas você consegue entender? Ou você tem alguma dificuldade?

R. Entendo direito. Não tenho dificuldade.

Q.20 Em algum momento você ficou sem compreender algum conteúdo ou explicação por causa da língua?

R. Não.

Q.21 Qual a importância dos professores e dos colegas de escola?

R. Sim muito. Não sei direito.

Q.22 Sobre os colegas, consegue fazer amizades com facilidade?

R. Faço. Aqui do Racanello só 3 amigas do Getúlio e 3 da escola. Às vezes a gente brinca de pega pega, batatinha frita 1 2 3, também a gente conversa.

Bairro

Q.23 Me fale sobre seu bairro

R. Tem oficina que lava carro e tem muitos cachorros. Gosto do bairro, mais ou menos bonito.

Q.24 Você gosta desse lugar?

R. Gosto.

Q.25 É próxima do colégio?

R. Perto.

Lazer - Trajetória da vida social

Q.26 O que você mais gosta de fazer nos tempos livres?

R. Só faço com minha irmã. Difícil sair com meu pai ou com a vó para ir na avenida as vezes.

Racismo**Q.27 O que você pensa sobre o racismo?**

R. Eu acho muito estranho julgar outra pessoa por causa da cor, porque tipo, todo mundo é ser humano. Minha irmã passou por isso um dia e me contou.

Expectativas**Q.28 Quais são as suas expectativas para o futuro?**

R. Morar no Brasil. Ter família. Trabalhar como modelo, você pode ser é muito bonita. Escritora ou psicóloga, pessoas com problemas de saúde mental.

Entrevista com os alunos

Identificação

Entrevistado 3:

- **Nome** - N. T.
- **Sexo** - feminino
- **Idade** – 14 anos – 9ª série
- **Local de nascimento** – Haiti
- **Local de nascimento dos pais** - Haiti
- **Filhos (quantidade)** -
- **Cor (autodeclarada)** - negra

Trajetória

Q.1 Fale-me de sua vida no Haiti

R. Não lembro muito. Não saía para ver as coisas. Minha mãe não deixa, lá é perigoso, tem um pouco de guerra.

Q.2 Como foi a experiência de vir para o Brasil

R. Meu pai queria, 2010 ele veio. Depois veio eu, minha irmã e tia. Mãe mora no Haiti, tem filho com outra pessoa.

Q.3 O que você gostaria de encontrar no Brasil?

R. Não sabia como era, só sei que meu pai vai buscar e eu vim. Foi 2 dias de viagem.

Q.4 Como foi o processo de acolhimento aqui no Brasil?

R. Sim acolheram, gostei da mudança.

Q.5 Onde você se sente melhor?

R. Nos dois.

Q.6 Onde você sente mais dificuldade?

R. Um pouquinho de dificuldade com a língua.

Q.7 Você conhecia alguém que estivesse no Brasil antes de sua chegada?

R. Alguns amigos.

Q.8 Como você definiria essa mudança entre o país de origem e a chegada ao Brasil? O que você mais sente falta e o que mais te agradou?

R. Aqui tem mais segurança que lá. Aqui escola pública e lá tem que pagar. E falta da mãe, falo com ela no telefone.

Q.9 Você se sente acolhido(a)? Em algum momento ou lugar você sentiu esse acolhimento de forma maior? Você é acolhido (a) da forma que imaginou?

R. Sim, na escola. Porque não gosto de ficar em casa sozinha com tv e celular.

Q.10 Em algum momento você teve o desejo de retornar para seu país?

R. Sim, saudade da mãe e da família. Queria voltar.

Q.11 Você teve alguma dificuldade com a língua portuguesa? Isso interfere na sua comunicação?

R. Minha amiga ajudou aqui na escola.

Instituição familiar

Q.12 Me fale sobre sua família? Com quem você mora?

R. Pai, minha irmã, o tio, mas foi pro México. Meu pai e minha irmã trabalham. Ficamos bem. Converso mais com meu pai.

Q.13 Como vocês compartilham as alegrias e frustrações dessa mudança de vida? Vocês conversam sobre essa mudança, adaptação?

R. Não conversam muito, somos tímidos.

Q.14 O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?

R. Jogar celular, tc, estudo, mas não muito.

Q.15 Fale de sua experiência na igreja que você frequenta. Ela colabora para o processo de socialização e compartilhamento cultural?

R. Sim frequentava a igreja haitiana. Ia com minha irmã, mas depois que começou trabalhar parou porque é longe de casa.

Trajatória Educacional

Q.16 Como foi o seu processo de educação? No Haiti e no Brasil

R. No Haiti é pago. Não tem diferença.

Q.17 Como foi o processo de adaptação na(s) escola(s) brasileira? O que foi mais difícil? O que mais te agrada na escola?

R. Sim, não foi muito difícil perguntava o que era difícil para as amigas. Mais em matemática, equações.

Q.18 Nas aulas você consegue entender? Ou você tem alguma dificuldade?

R. Sim.

Q.19 Em algum momento você ficou sem compreender algum conteúdo ou explicação por causa da língua?

R. Não.

Q.20 Qual a importância dos professores e dos colegas de escola?

R. importante estudar e ter amigos. Para contar nas alegrias e necessidades.

Q.21 Sobre os colegas, consegue fazer amizades com facilidade?

R. Faço amizade fácil. Tenho poucos amigos.

Bairro

Q.22 Me fale sobre seu bairro

R. É tranquilo eu gosto.

Q.23 Você gosta desse lugar?

R. O que menos gosto é casa perto da rua e o que eu gosto é o mercado perto.

Q.24 É próxima do colégio?

R. É perto, 15 minutos, venho a pé.

Lazer - Trajetória da vida social

Q.25 O que você mais gosta de fazer nos tempos livres?

R. Ficar na escola porque os amigos estão aqui e meu pai não deixa eu visitar eles. Queria poder sair mais. Minha casa é bagunçada os amigos não iam gostar.

Racismo

Q.26 O que você pensa sobre o racismo?

R. Não é legal, todo mundo é igual. Pode não ser igual na pele, mas é seres humanos.

Expectativas

Q.27 Quais são as suas expectativas para o futuro?

R. Terminar os estudos, ser arquiteta, continuar no Brasil.
Felicidade é tudo, acordar e ver outro dia e agradecer a Deus.

Entrevista com alunos

Identificação

Entrevistado 4:

- **Nome** - O. J.
- **Sexo** - feminino
- **Idade** – 15 anos – 9ª série
- **Local de nascimento** – Republica Dominicana Fui para o Haiti e estudei 1 ano.
- **Local de nascimento dos pais** - Haiti
- **Filhos (quantidade)** -
- **Cor (autodeclarada)** - preta

Trajetória

Q.1 Fale-me de sua vida no Haiti

R. Fui mais ou menos 8 anos com a mãe, cidade pequena. Nunca presenciei violência, lugar calmo, parecia campo. Gostava de lá.

Q.2 Como foi a experiência de vir para o Brasil

R. Foi bom, meu pai morava aqui e queria conhecer meu pai. Morei com avó, mãe do meu pai e minha mãe estava no Brasil. Faz 8 anos que minha mãe está aqui. E eu 5 anos.

Q.3 O que você gostaria de encontrar no Brasil?

R. Falaram de segurança e estudo. Lá é bom estudo, mas eles não conseguem ir para a escola por falta de segurança.

Q.4 Como foi o processo de acolhimento aqui no Brasil?

R. Achei bom, minha prima sofreu bullying, mas não aconteceu comigo. Porque fui para o Albor e lá tem bastante haitiano, eles estavam acostumados.

Q.5 Onde você se sente melhor?

R. Os dois tem seus lados bons. Lá tem família e aqui segurança. Sinto bem na escola.

Q.6 Onde você sente mais dificuldade?

R. Em casa, por falta de compreensão. Meu pai pensa diferente, tem discussões.

Q.7 Você conhecia alguém que estivesse no Brasil antes de sua chegada?

R. Só meu pai e tios.

Q.8 Como você definiria essa mudança entre o país de origem e a chegada ao Brasil? O que você mais sente falta e o que mais te agradou?

R. Acho que foi muito bom, gostei de coisas novas. Difícil na escola porque tinha coisa que não entendia.

Sinto falta da família.

Agrada a ajuda, as pessoas. A escola não precisa pagar e ajuda quem não trabalha.

Q.9 Você se sente acolhido(a)? Em algum momento ou lugar você sentiu esse acolhimento de forma maior? Você é acolhido (a) da forma que imaginou?

R. Sim pelos professores e amigos, na escola trata muito bem. Quando não entendia eles explicavam particularmente. Nunca tinha pensado como seria.

Q.10 Em algum momento você teve o desejo de retornar para seu país?

R. Sim, antes de acostumar. Agora eu gosto. Eu voltaria para ver a família e amigos.

Q.11 Você teve alguma dificuldade com a língua portuguesa? Isso interfere na sua comunicação?

R. Não.

Instituição familiar

Q.12 Me fale sobre sua família? Com quem você mora?

R. Avó, pai, um tio e uma irmã. Uma família normal, mas com problemas. Eles se preocupam muito com a gente, mas falta entendimento sobre opiniões, decisões são rígidas. Segurança exagerada como lá.

Q.13 Como vocês compartilham as alegrias e frustrações dessa mudança de vida? Vocês conversam sobre essa mudança, adaptação?

R. Família é preservada, não fala muito. Não fala sobre isso.

Q.14 Fale de sua experiência na igreja que você frequenta. Ela colabora para o processo de socialização e compartilhamento cultural?

R. Sim sou obrigada porque eles são religiosos. Sou crente, mas tem coisas que eu não concordo no cristianismo.

Trajetória Educacional

Q.15 Como foi o seu processo de educação? No Haiti e no Brasil

R. Dificuldade quando cheguei, mas os alunos e professores ajudavam. No Haiti tem que pagar, tudo é decorado. Brasil os professores explicam, mas não precisa decorar.

Q.16 Como foi o processo de adaptação na(s) escola(s) brasileira? O que foi mais difícil? O que mais te agrada na escola?

R. Adaptação foi fácil a interação com os alunos mais difícil. Mas a gente é mais diferente, mais conservador e aqui é mais espontâneo e quando tento ser assim da errado.

Q.17 Nas aulas você consegue entender? Ou você tem alguma dificuldade?

R. Consigo entender muito bem. Se não entendo eu chamo e eles explicam. Tenho dificuldade em matemática.

Q.18 Em algum momento você ficou sem compreender algum conteúdo ou explicação por causa da língua?

R. Não.

Q.19 Qual a importância dos professores e dos colegas de escola?

R. Muito. A escola ajuda no nosso futuro, é a segunda família. Consigo me expressar na escola, isso me ajuda, sou nervosa. Vejo vídeos psicológicos.

Q.20 Sobre os colegas, consegue fazer amizades com facilidade?

R. Sim, converso com todos, mas eles têm que começar o assunto.

Bairro

Q.21 Me fale sobre seu bairro

R. Gosto, tem segurança e é limpo.

Q.22 Você gosta desse lugar?

R. Sim.

Q.23 É próxima do colégio?

R. Perto da para vir a pé.

Lazer - Trajetória da vida social

Q.24 O que você mais gosta de fazer nos tempos livres?

R. Escrever músicas, histórias, poesias, cantar, desenhos, estudar psicologia.

Racismo

Q.25 O que você pensa sobre o racismo?

R. Da para mudar, primeiramente ter empatia e entender que todos são iguais nas suas diferenças.

Expectativas

Q.26 Quais são as suas expectativas para o futuro?

R. Estudar bastante. Psicologia, arte e leitura.

Ajudar a família.

Não penso em sair daqui.

Entrevista com alunos

Identificação

Entrevistado 5:

- **Nome** - E. F.
- **Sexo** - feminino
- **Idade** – 16 anos – 2^aano
- **Local de nascimento** – República Dominicana depois fui para o Haiti com minha tia, não conheço minha mãe, meu pai disse que ela não se importou com a filha, faz e deixa. Para o Brasil eu tinha 14 anos.
- **Local de nascimento do pai** – Haiti - Diblet
- **Filhos (quantidade)** -
- **Cor (autodeclarada)** – tenho um monte de cor, rosa, amarelo, vermelho.

Trajetória

Q.1 Fale-me de sua vida no Haiti

R. Ia para a escola e ficava em casa. Às vezes não ia para a escola, tinha greve. E por causa da vida, condições minha tia não conseguia comprar comida, emprestava dinheiro, fiquei com fome, sem comer. Ela tinha namorado.

Q.2 Como foi a experiência de vir para o Brasil

R. Queria ficar, mas queria vir também. Pegou ônibus e avião. Estava com mulheres e amigos do meu pai, ele já estava no Brasil. Só conheci ele quando cheguei aqui com 14 anos.

Q.3 O que você gostaria de encontrar no Brasil?

R. Gostaria de terminar os estudos, faculdade, ser modelo, estudar ciências judiciais, com dinheiro queria construir escola que não precisa pagar. Lá precisa pagar. Na rua da minha tia crianças não estudam e fazem crime, bandidos com armas e drogas.

Q.4 Como foi o processo de acolhimento aqui no Brasil?

R. Achei legal. Segunda teve aluno que disse que eu não sou do país dele, sou diferente, eu chorei, achei ele racista. Vocês que tem que me ensinar. Estranho.

Q.5 Onde você se sente melhor?

R. Aqui no Brasil eu sorrio, não tem problema político. Vou para a escola todo dia, só que fico só aqui, não conheço outros lugares.

Q.6 Onde você sente mais dificuldade?

R. No Haiti porque não tem trabalho para os pais, os problemas na rua. Aqui meu pai paga dois alugueis queria trabalhar para ajudar.

Q.7 Você conhecia alguém que estivesse no Brasil antes de sua chegada?

R. Pai, mas não pessoalmente, só por ligação. Quando ele me buscou no aeroporto eu disse não é você não.

Q.8 Como você definiria essa mudança entre o país de origem e a chegada ao Brasil? O que você mais sente falta e o que mais te agradou?

R. Eu queria a mudança, a vida melhor. Quando acaba estudo tem que pegar monte de dinheiro para faculdade. Aqui não, é uma oportunidade.
O meu tio morreu, quero trazer minha tia, mas vai demorar.

Q.9 Você se sente acolhido(a)? Em algum momento ou lugar você sentiu esse acolhimento de forma maior? Você é acolhido (a) da forma que imaginou?

R. Só quando venho para escola. Quando eu passo eles falam, que haitiana linda.

Q.10 Em algum momento você teve o desejo de retornar para seu país?

R. Só para buscar minha tia e prima de 7 anos.

Q.11 Você teve alguma dificuldade com a língua portuguesa? Isso interfere na sua comunicação?

R. Sim, agora estou melhor um pouco. A língua é diferente. Agora tenho amigos, quando falo errado me corrigem. Os professores, a escola.

Instituição familiar

Q.12 Me fale sobre sua família? Com quem você mora?

R. Morava com meu pai, mas teve problema com os outros filhos dele. Ele alugou uma casa e levou eu para morar sozinha. Meu pai me vê todo dia em casa. Não tem tv só computador na casa.
Meu pai trabalha na granja em Rolândia. Entra 13:00 horas e sai 1:00 hora, só não Domingo.

Q.13 Como vocês compartilham as alegrias e frustrações dessa mudança de vida? Vocês conversam sobre essa mudança, adaptação?

R. Converso bastante só na escola. Meu pai fala em casa para me dar conselho, estudar e ser uma grande mulher.

Q.14 O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?

R. Comida, fazer o cabelo. Olha esse cabelo, eu que fiz.
Dançar também gosto muito, queria fazer curso aqui, mas não tenho dinheiro.

Q.15 Fale de sua experiência na igreja que você frequenta. Ela colabora para o processo de socialização e compartilhamento cultural?

R. Não participo.

Trajetória Educacional

Q.16 Como foi o seu processo de educação? No Haiti e no Brasil

R. Muito diferente, lá não quer estudar bateu, aqui não. Lá não tem merenda, aqui sim. E meu pai não paga escola, aqui não grita com os alunos.

Q.17 Como foi o processo de adaptação na(s) escola(s) brasileira? O que foi mais difícil? O que mais te agrada na escola?

R. Fiquei sozinha, não sabia conversar, chorava. Agora converso com vários amigos. Melhorou. Educação física e história Valéria, vou casar com ela.

Q.18 Nas aulas você consegue entender? Ou você tem alguma dificuldade?

R. Não sei fazer todas as atividades. Lá eu fazia tudo primeiro, aqui tenho dificuldade no estudo.

Q.19 Em algum momento você ficou sem compreender algum conteúdo ou explicação por causa da língua?

R. Entendo um pouco, mas quando tenho dificuldade o Marcos me explica. Acho que eu gosto dele, mas ele não tem tempo para namorar.

Q.20 Qual a importância dos professores e dos colegas de escola?

R. Como se fossem minha família, eles me ajudam muito. Conversamos, quando tenho problema, choro na sala, eles se preocupam.

Q.21 Sobre os colegas, consegue fazer amizades com facilidade?

R. Não. Só dois amigos na sala. Brinco com as meninas, mas não tenho amizade.

Bairro

Q.22 Me fale sobre seu bairro

R. Moro um pouco longe do pai. Mas perto da escola. Gosto de morar sozinha e não gosto. Tem vizinha haitiana, mas não é minha família.

Q.23 Você gosta desse lugar?

R. Sim gosto de brincar com os cachorros. E posso fazer quantos barulhos eu quero, mas é triste morar sozinha.

Q.24 É próxima do colégio?

R. Sim.

Lazer - Trajetória da vida social

Q.25 O que você mais gosta de fazer nos tempos livres?

R. Comida. Queria trabalhar em um restaurante haitiano aqui no Brasil. No Haiti com 7 anos você tem que saber fazer tudo. Os meninos não.

Racismo

Q.26 O que você pensa sobre o racismo?

R. Não gosto, todo mundo igual, não percebo essa diferença. Quando faz eu me sinto diferente.

Expectativas

Q.27 Quais são as suas expectativas para o futuro?

R. Ser modelo, construir escola, ajudar a família, passaporte brasileiro e ter residência.

Entrevista com alunos

Identificação

Entrevistado 6:

- **Nome** - G. J.
- **Sexo** - masculino
- **Idade** – 21 anos – 2^aano
- **Local de nascimento** – Haiti - Plaisance
- **Local de nascimento do pai** – Plaisance
- **Filhos (quantidade)** -
- **Cor (autodeclarada)** – preta

Trajetória

Q.1 Fale-me de sua vida no Haiti

R. Vim no final de 2019. Não tem trabalho somente médico, engenheiro. Estuda só com escola paga. Tudo caro para comprar e depende dos pais.

Q.2 Como foi a experiência de vir para o Brasil

R. Aqui é ótimo, mais tranquilo, tô de boa. Irmão veio, depois a mãe e depois eu.

Q.3 O que você gostaria de encontrar no Brasil?

R. Achar uma vida melhor, trabalho.

Q.4 Como foi o processo de acolhimento aqui no Brasil?

R. Tô me sentindo bem, mas tem gente que não é igual. Mas me trataram bem. Quando falam que sou preto.

Q.5 Onde você se sente melhor?

R. Aqui, mas sinto falta do Haiti, do rio, da praia.

Q.6 Onde você sente mais dificuldade?

R. Escola, matemática. Em Sociologia eu sou melhor. Mas para colegas que não falam como eu sim.

Q.7 Você conhecia alguém que estivesse no Brasil antes de sua chegada?

R. Irmão e mãe.

Q.8 Como você definiria essa mudança entre o país de origem e a chegada ao Brasil? O que você mais sente falta e o que mais te agradou?

R. Mudança melhor para o trabalho, posso fazer o que eu quiser. Mas falta amigos. Me agrado com as brincadeiras e com o futebol.

Q.9 Você se sente acolhido(a)? Em algum momento ou lugar você sentiu esse acolhimento de forma maior? Você é acolhido (a) da forma que imaginou?

R. Sinto bem acolhido. Na escola quando vinha sempre.

Q.10 Em algum momento você teve o desejo de retornar para seu país?

R. Quando eu cheguei em dezembro de 2019, não saía de casa, depois passou.

Q.11 Você teve alguma dificuldade com a língua portuguesa? Isso interfere na sua comunicação?

R. Não, trocando as línguas espanhol e português.

Município

Q.12 Como você chegou nessa cidade?

R. Dois meses no Rio de Janeiro na casa da prima e depois vim para cá.

Instituição familiar

Q.13 Me fale sobre sua família? Com quem você mora?

R. Irmão e sobrinha. Irmã é casada aqui.

Q.14 Como vocês compartilham as alegrias e frustrações dessa mudança de vida? Vocês conversam sobre essa mudança, adaptação?

R. Converso pouco, fico no celular, cultura.

Q.15 O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?

R. Comida, fazer o cabelo. Olha esse cabelo, eu que fiz.
Celular e caça palavras.

Trajetória Educacional

Q.16 Você observou alguma mudança no ensino do Haiti e do Brasil

R. Muito diferente, tem muita regra, não pode corte, penteado, meia, uniforme não pode faltar, bate em quem não estuda, acho que mudou.

Q.17 Qual a importância da escola na sua vida?

R. Escola é tudo. Sem estudo não recebe nada na sua vida.

Q.18 Como foi o processo de adaptação na escola brasileira? O que foi mais difícil? O que te agrada mais?

R. Chegada, já tinha dois alunos. Primeiro dia fiquei assustado. Tudo.

Profissional (para o aluno de Ensino Médio que esteja trabalhando)

Q.19 Você trabalha? Qual sua profissão?

R. Faço tudo na fábrica de embalagens.

Q.20 Me fale sobre seu trabalho.

R. Eu gosto, pois voltei para o Haiti e depois me empregaram novamente.

Q.21 Foi fácil para encontrar trabalho nesta cidade?

R. Primeiro trabalho foi um amigo do colégio que conseguiu, era ruim, era tapeceiro, o pagamento vinha errado e o homem era mal educado.

Q.22 Em seu ambiente de trabalho você foi recebido (a) de forma acolhedora? Eles te ajudaram no processo de adaptação?

R. Eu gostei de todo mundo e eles gostam de mim.

Q.23 Na empresa que trabalha, como é sua relação com o chefe e colegas?

R. De boa, chefe é um gênio, conversa de boa, respeita, brinca.

Bairro

Q.24 Me fale sobre seu bairro

R. É perto do colégio, não gosto muito, muito no fundo.

Racismo

Q.25 O que você pensa sobre o racismo?

R. Aqui não tem muito, mas tem. Eu ignoro, fico de boa. Ele que vai pensar no que fez.

Expectativas

Q.26 Quais são as suas expectativas para o futuro?

R. Quero ser aeromoço pessoas que entregam vinho no avião ou colocar um negócio na avenida, um comercio cultural haitiano e brasileiro.

Q.27 Qual sua relação com a Policia Federal?

R. Foi fácil na semana fui fazer Rg e CPF depois fui chamado para retirar, não foi difícil.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS E PAIS HAITIANOS DO COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO RACANELLO SAMPAIO – ARAPONGAS PR. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS MESTRADO ACADÊMICO.

Roteiro - metodologia qualitativa: entrevistas com haitianos relatos de experiência através da história oral.

Pesquisa: Migração haitiana na cidade de Arapongas - PR.

Pesquisadora: Michelle Munhoz dos Santos Biacio

Roteiro da entrevista para alunos

Identificação

- Nome
- Sexo
- Idade
- Local de nascimento
- Local de nascimento dos pais
- Filhos (quantidade)
- Cor (autodeclarada)

Trajetória

- Fale-me de sua vida no Haiti
- Como foi a experiência de vir para o Brasil
- O que você gostaria de encontrar no Brasil?
- Como foi o processo de acolhimento aqui no Brasil?
- Onde você se sente melhor?
- Onde você sente mais dificuldade?
- Você conhecia alguém que estivesse no Brasil antes de sua chegada?
- Como você definiria essa mudança entre o país de origem e a chegada ao Brasil? O que você mais sente falta e o que mais te agradou?

- Você se sente acolhido(a)? Em algum momento ou lugar você sentiu esse acolhimento de forma maior? Você é acolhido (a) da forma que imaginou?
- Em algum momento você teve o desejo de retornar para seu país?
- Você teve alguma dificuldade com a língua portuguesa? Isso interfere na sua comunicação?

Instituição familiar

- Me fale sobre sua família? Com quem você mora?
- Como vocês compartilham as alegrias e frustrações dessa mudança de vida? Vocês conversam sobre essa mudança, adaptação?
- O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?
- Fale de sua experiência na igreja que você frequenta. Ela colabora para o processo de socialização e compartilhamento cultural?

Trajetória Educacional

- Como foi o seu processo de educação? No Haiti e no Brasil
- Como foi o processo de adaptação na(s) escola(s) brasileira? O que foi mais difícil? O que mais te agrada na escola?
- Nas aulas você consegue entender? Ou você tem alguma dificuldade?
- Em algum momento você ficou sem compreender algum conteúdo ou explicação por causa da língua?
- Qual a importância dos professores e dos colegas de escola?
- Sobre os colegas, consegue fazer amizades com facilidade?

Profissional (para o aluno de Ensino Médio que esteja trabalhando)

- Você trabalha? Qual sua profissão?
- Me fale sobre seu trabalho.
- Foi fácil para encontrar trabalho nesta cidade?

- Em seu ambiente de trabalho você foi recebido (a) de forma acolhedora? Eles te ajudaram no processo de adaptação?
- Na empresa que trabalha, como é sua relação com o chefe e colegas?
- Você consegue organizar o seu tempo de estudo e de trabalho? Você pensou se seu rendimento escolar foi prejudicado pelo trabalho?

Bairro

- Me fale sobre seu bairro
- Você gosta desse lugar?
- É próxima do colégio?

Lazer - Trajetória da vida social

- O que você mais gosta de fazer nos tempos livres?

Racismo

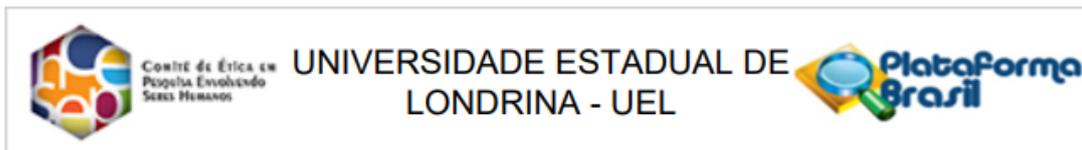
- O que você pensa sobre o racismo?

Expectativas

- Quais são as suas expectativas para o futuro?

ANEXOS

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS: EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ANTONIO RACANELLO SAMPAIO NO MUNICÍPIO DE ARAPONGAS-PR

Pesquisador: MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53630121.1.0000.5231

Instituição Proponente: Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede da UEL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.202.828

Apresentação do Projeto:

A proposta deste trabalho visa identificar os problemas encontrados pelos alunos haitianos dentro da instituição escolar, bem como todos os percalços até seu ingresso. Para a realização deste foi analisado estudos acerca da imigração haitiana ao Brasil, preconceito e discriminação racial, dados destes alunos imigrantes proporcionado pela secretaria do colégio e trabalho etnográfico com entrevista realizada com esses discentes da instituição. A metodologia da presente pesquisa terá uma abordagem qualitativa através da análise etnográfica, da observação e da busca e coleta de dados através de documentação e entrevistas com funcionários do colégio e estudantes imigrantes.

Objetivo da Pesquisa:

A presente pesquisa possui por principal objetivo a identificação do local de origem dos estudantes imigrantes, sobretudo aqueles residentes no município de Arapongas, norte do Paraná. O conhecimento de sua origem possui relevante importância na compreensão de sua cultura, desenvolvimento de sua noção, o que implica, por via de consequência, na percepção das razões que os levaram à alteração de seu domicílio. Registre-se, por oportuno, que a assimilação dos critérios que levaram à alteração de moradia, identificando -se a forma como foram postos na nova sociedade, e de suma importância na compreensão dos pontos determinantes do interesse dos

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

UF: PR

Telefone: (43)3371-5455

CEP: 86.057-970

Município: LONDRINA

E-mail: cep268@uel.br



Conselho de Ética em
Pesquisa Envolvendo
Serres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.202.828

imigrantes haitianos nesta localidade e dos motivos de sobrevivência que os trazem. A partir de então, poderá ser proposta atividades de reconhecimento da diversidade cultural para a sociedade escolar, visando sua integração, e motivando para melhor socialização destes indivíduos, além de instigar sua memória afetiva do local e cultura a que pertenciam

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Fica esclarecido que os riscos são mínimos, de ordem psicológica, uma vez que o participante pode perceber-se como sujeito da pesquisa.

Benefícios:

Os benefícios esperados são que os resultados desta pesquisa poderão contribuir para a compreensão da imigração haitiana no município de Arapongas e auxiliar na busca da superação dos problemas como: preconceito e xenofobia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa é relevante porque pretende:

Verificar os motivos que trouxeram essas famílias para o município de Arapongas e compreender as dificuldades dos alunos haitianos nesse novo espaço de ensino aprendizagem.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Folha de Rosto foi apresentada devidamente assinada pela coordenadora do mestrado profissional de sociologia em rede.
2. Apresentou a declaração de concordância do colegiado no qual fará a pesquisa.
3. O Cronograma iniciou a aplicação de entrevista com alunos e pais em 01/03/22 e concluiu em 29/04/22.
4. Orçamento discriminado, prevê os custos com financiamento próprio de R\$ 50,00 reais.
5. O TCLE e o TALEs cumprem os requisitos.
6. Apresentou Termo de Sigilo.
7. Apresentou o roteiro das entrevistas com alunos e pais.

Recomendações:

Não há

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

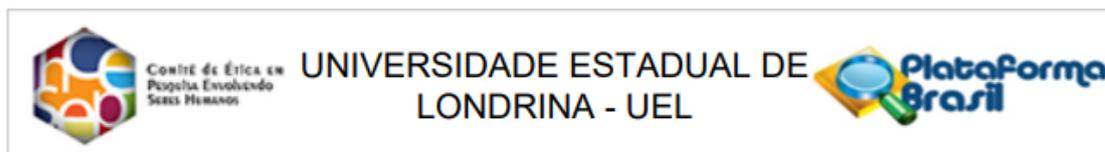
UF: PR

Município: LONDRINA

CEP: 86.057-970

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.202.828

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora cumpriu todos os requisitos solicitados pelo CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresenta-Lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/UEL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1855894.pdf	04/01/2022 13:06:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoimighaitiana.doc	04/01/2022 12:59:37	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

UF: PR

Município: LONDRINA

CEP: 86.057-970

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



CONSELHO DE ÉTICA EM
PESQUISA ENVOLVENDO
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.202.828

Outros	cartarespostaoparecer.docx	04/01/2022 12:39:28	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito
Outros	termodeconfidencialidade.pdf	04/01/2022 12:33:19	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito
Outros	roteiroentrevista.docx	04/01/2022 01:01:15	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclepermissaopais.docx	04/01/2022 00:41:56	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclepais.docx	04/01/2022 00:41:42	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	taletermodeassentimento.docx	03/01/2022 23:22:24	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito
Declaração de concordância	declaracaocolegio.pdf	23/11/2021 14:11:20	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	20/11/2021 16:08:44	MICHELLE MUNHOZ DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 17 de Janeiro de 2022

Assinado por:
Adriana Lourenço Soares Russo
(Coordenador(a))

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

UF: PR

Município: LONDRINA

CEP: 86.057-970

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidá-lo (a) para participar da pesquisa: “**Educação dos imigrantes haitianos: experiência no colégio Antônio Racanello Sampaio no município de Arapongas-PR**”, a ser realizada no curso de Mestrado Profissional de Sociologia (PROFSOCIO) da Universidade Estadual de Londrina.

Os objetivos da pesquisa são compreender o processo migratório dos alunos haitianos no município de Arapongas (PR), analisar a inserção desses alunos imigrantes na educação brasileira e identificar as dificuldades encontradas por esses alunos no processo ensino-aprendizagem e de socialização.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a) recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para fins acadêmicos deste estudo e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Eu, _____ tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Arapongas, data de mês de 2022.

Michelle Munhoz dos Santos Biacio
Pesquisador responsável

ANEXO C**AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA PAIS/RESPONSÁVEIS**

Peço sua autorização para entrevistar seu filho(a) e o mesmo fazer parte da pesquisa: **“Educação dos imigrantes haitianos: experiência no colégio Antônio Racanello Sampaio no município de Arapongas-PR”**, a ser realizada no curso de Mestrado Profissional de Sociologia (PROFSOCIO) da Universidade Estadual de Londrina.

Os objetivos da pesquisa são compreender o processo migratório dos alunos haitianos no município de Arapongas (PR), analisar a inserção desses alunos imigrantes na educação brasileira e identificar as dificuldades encontradas por esses alunos no processo ensino-aprendizagem e de socialização.

Esclarecemos, que as informações serão utilizadas somente para fins acadêmicos deste estudo e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

<p>Eu, _____ autorizo meu filho (a) _____ tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa.</p> <p>Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____</p>

Arapongas, data de mês de 2022.

Michelle Munhoz dos Santos Biacio
Pesquisador responsável

ANEXO D**Declaração de Concordância dos Serviços Envolvidos e/ou de Instituição
Co-Participante**

Arapongas, 23 de Novembro de 2021

Declaramos que nós do Colégio Antonio Racanello Sampaio de Arapongas – PR, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa “EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS: EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ANTONIO RACANELLO SAMPAIO NO MUNICÍPIO DE ARAPONGAS-PR”, sob a responsabilidade de Michelle Munhoz dos Santos Biacio, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina.

Estamos cientes que as unidades de análise da pesquisa serão alunos do Ensino Fundamental e Médio da Instituição bem como de que o presente trabalho deve seguir a resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente



Diretor do C. E. Antonio Racanello Sampaio
Demis Sastre de Carvalho

